



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Pamella Moreira Lima

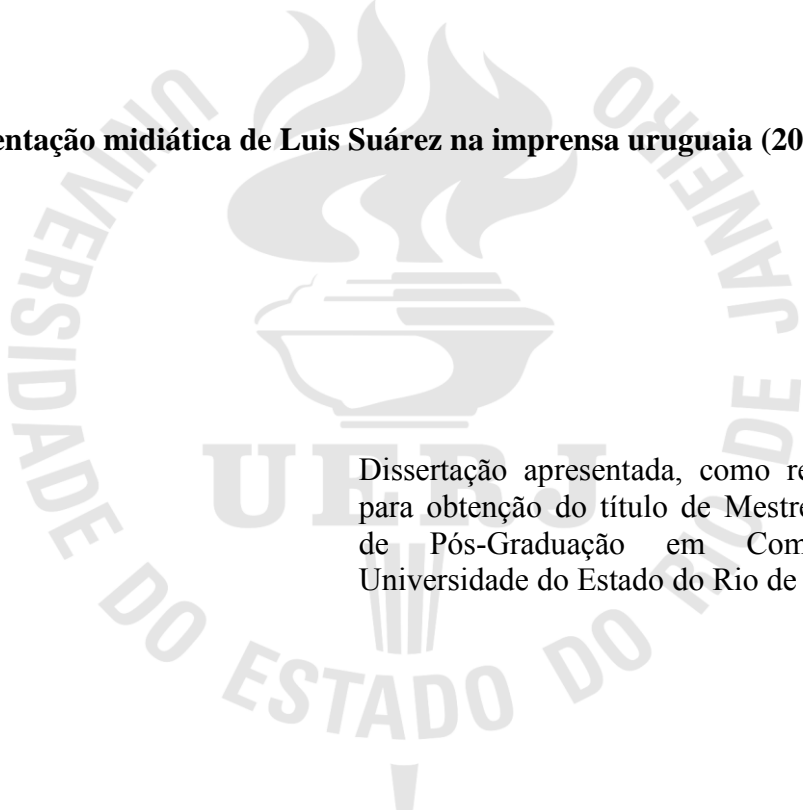
**A representação midiática de Luis Suárez na imprensa uruguaia (2010-
2014)**

Rio de Janeiro

2018

Pamella Moreira Lima

A representação midiática de Luis Suárez na imprensa uruguaia (2010-2014)



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

L732 Lima, Pamella Moreira.
A representação midiática de Luis Suárez na imprensa uruguaia (2010-2014) /
Pamella Moreira Lima. – 2018.
104 f.

Orientador: Roberto George Helal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social – Teses. 2. Heróis – Teses. 3. Mídia (Publicidade) –
Teses. I. Paiva, Jane. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Comunicação Social. III. Título.

es CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Pamella Moreira Lima

A representação midiática de Luis Suárez na imprensa uruguaia (2010-2014)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de abril de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Profª. Dra. Leda Maria da Costa
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

Prof. Dr. Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo
Universidade Cândido Mendes – UCAM

Rio de Janeiro
2018

DEDICATÓRIA

Para meus amores e ao Lar de Frei Luiz, minha segunda casa.

AGRADECIMENTOS

A todos que me deram apoio. Aos queridos companheiros do PPGCOM/UERJ de 2016 (alunos, professores, coordenação e secretaria), que me ajudaram a tornar este trabalho possível, incluindo os fraternais orientadores, minha eterna gratidão. Gratidão também à família espiritual do Lar de Frei Luiz.

Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais.

Eduardo Galeano

RESUMO

LIMA, Pamella Moreira: *A representação midiática de Luis Suárez na imprensa uruguaia (2010-2014)*. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2018.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o papel das narrativas da imprensa na construção da imagem de idolatria do jogador de futebol uruguaio Luis Alberto Suárez Díaz. O estudo tem por objetivo analisar a representação midiática do atacante entre as Copas do Mundo de 2010 e 2014. Nosso objetivo é averiguar que tipo de ídolo e características do atacante são ressaltadas no discurso narrativo do suplemento esportivo do jornal *El País: Ovación*. O trabalho resultará de um processo de análise de conteúdo das edições do periódico durante as seguintes competições: Copa do Mundo de 2010, Copa América de 2011, Jogos Olímpicos de 2012 e Copa do Mundo de 2014.

Palavras chave: Herói. Ídolo. Identidade Nacional. Representação midiática. Luis Suárez e Uruguai.

ABSTRACT

LIMA, Pamella Moreira: *The media representation of Luis Suárez in the Uruguayan press (2010-2014)*. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2018.

This research aims to analyze the role of press narratives in the construction of the image of idolatry of Uruguayan soccer player Luis Alberto Suárez Díaz. The objective of this study is to analyze the media representation of the attacker between the 2010 and 2014 World Cups. Our objective is to find out what type of idol and characteristics of the striker are highlighted in the narrative discourse of the sport's supplement of the newspaper *El País: Ovación*. The work will result from a content analysis process of the journal's editions during the following competitions: World Cup 2010, Copa America 2011, Olympic Games 2012 and World Cup 2014.

Keywords: Hero. Idol. National Identity. Media Representation. Luis Suárez and Uruguay.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	MÍDIA ESPORTE E SOCIEDADE	19
1.1	Mídia, representação e Copas do Mundo	19
1.2	Futebol e identidade nacional no Uruguai	24
1.3	A fama no futebol: ídolos e heróis	31
2	CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO ÍDOLO	35
2.1	A caminho da idolatria: a atitude recompensada	37
2.2	A coroação da Copa América de 2011	58
3	DE MÃOS VAZIAS: A RESSIGNIFICAÇÃO DO HERÓI	69
3.1	Ilusão e fracasso no sonho olímpico de Londres	70
3.2	A saga de um novo herói: Suárez na Copa de 2014	78
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

O esporte é um campo fértil de expressão de sentimentos e emoções. Nele, há valor não apenas para a vitória e glórias, mas para o sacrifício, superação e até mesmo derrotas. Essa arena reúne alegrias, frustração, fanatismo, idolatria, conquistas e perdas; assim, junto e misturado. Não por acaso, este terreno desperta também curiosidades e histórias de vida sobre suas personalidades. É possível, por exemplo, haver uma celebração pública, quase comparada a um título internacional, como aconteceu na recepção da delegação do Uruguai, quando a seleção obteve a quarta colocação no mundial da África do Sul, em 2010. Pode-se, então, medir o peso do ouro? Quantos quilates vale o orgulho? Quantos quilates vale a honra?

Assim começou esta jornada. A força do nacionalismo, do reconhecimento das identidades, a idolatria, o orgulho. As imagens dos torcedores de um pequeno país ilusionado por grandes feitos no passado celebrando um quarto lugar em Copa do Mundo, diferente da sua história constantemente memorizada na mídia, chamou atenção. Tamanha euforia dos uruguaios num dia castigado de inverno instigou a busca por respostas. A primeira tentativa veio em forma de trabalho monográfico¹ sobre a expressão do nacionalismo uruguaio durante a competição. Desde então, o acompanhamento do trabalho realizado pelo treinador Oscar Tabárez e da imprensa de seu país na cobertura da seleção proporcionou outras questões, como, por exemplo, sobre a representação de seus ídolos.

Na África do Sul, Diego Forlán foi venerado, mas ele nunca esteve sozinho. No auge de sua carreira, no clube e na seleção, o camisa 10 uruguaio foi eleito melhor jogador do Mundial, superando o holandês Sneijder e o espanhol Iniesta. Mas, naquele mesmo torneio, a união daquele plantel transpirava e os refletores não se enferrujavam em uma única direção. Cada qual em seu momento espetacular e mais representativo do que é ser uruguaio. Uma pitada interessante dessa ideia foi captada no livro da escritora Ana Laura Lissardy, *Vamos que vamos un equipo, un país*. Formada em Letras, a autora decidiu fazer um perfil para os 23 jogadores (um epíteto para cada) que estiveram na Copa de 2010. Em julho de 2011, a escritora justificou sua decisão ao jornalista Paulo Vinícius Coelho, na época, da ESPN Brasil.

Não foi uma busca claramente futebolística, é um estudo muito mais humano. Queria ver como esses 23 jogadores, com suas maneiras de ser, seus

¹ A relação entre imprensa e sociedade uruguaia durante a Copa de 2010 foi tema de pesquisa em *Soy Celeste: futebol, mídia e sociedade na Copa de 2010*, monografia defendida e aprovada no dia 28 de julho de 2015 na Faculdade de Comunicação Social da Uerj.

comportamentos, suas visões, nos fizeram recordar quem somos, nossa identidade. Como disse Lugano no livro, eles são reflexo do país. Não é o país o reflexo deles. Suas histórias e suas personalidades são as que são porque nasceram e foram criados no Uruguai. E então essas histórias são as nossas. A sua, a do vizinho, da prima do vizinho, a minha história também.

A prova de que este reencontro com nossa identidade transcendeu o aspecto futebolístico foi o fato de a população ter saído para festejar depois da partida que o Uruguai perdeu para a Alemanha e terminou em quarto lugar. Queriam dizer que o placar não era o mais importante. Dizer também: “Nós somos vocês!”

O mesmo se passou com a recepção no retorno da África do Sul. Chegar em quarto lugar no Mundial potencializou este sentimento popular, mas não foi isso o que gerou esse sentimento. O que gerou foram as personalidades dos que construíram essas histórias. Por isso decidi fazer esses perfis, que são os perfis de todos nós, o povo uruguaio².

Nas páginas de *Vamos que vamos un equipo, un país*, há um trabalho de representação social daqueles atletas. De acordo com a autora, o objetivo era relacionar a história deles às características do povo uruguaio.

Así como, según el concepto borgeano, la historia universal se resume en la historia de un hombre, la historia de cada uno de estos 24 es la historia de su país. Porque ellos representan las características de la identidad uruguaya. Todos llevamos dentro un Forlán-profesionalismo, un Maxi-sencillez, un Abreu-carisma campechano, un Suárez-actitud, un Lugano-idealismo...Ellos no son otra cosa que nosotros mismos. (LISSARDY, 2010, p.9)

Naquela competição, aquele grupo fértil germinou também um novo ídolo, o substituto de Forlán. Um jovem de 23 anos, descrito como “atitude” pela escritora, roubou a cena em um ato polêmico. O dia 2 de julho de 2010 é um divisor de águas na vida de Luis Suárez. Até então, ele era um atacante importante, de potencial promissor, mas que, como tantos outros, poderia ser apenas uma promessa de voos limitados. O jogador havia marcado três gols na competição, incluindo os da vitória sobre a Coreia, classificando-se as quartas de final - o que não acontecia com o Uruguai desde o México, em 1970.

Estádio Soccer City, Johannesburg, quase 15 minutos do segundo tempo da prorrogação. Suárez em baixo de uma trave incomum à de seu ofício, impediu o gol da vitória de Gana. Em cima da linha, mas com as mãos! A irregularidade foi marcada pelo árbitro português Olegario Benquerença, sendo ele expulso e o Uruguai punido com um pênalti. Entretanto, o ganês Gyan perdeu sua chance e a seleção uruguaia conquistou a vaga para as semifinais, nas disputas de pênaltis, com gol antológico de “cavadinha”³, executado por Sebastian “Loco” Abreu.

² Entrevista publicada no blog do jornalista em 10 de julho de 2011. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/201935_vamos-que-vamos-emocionante-livro-sobre-o-uruguai-e-a-alma-uruguaia>. Acesso em: 1º. jun. 2015.

³ Forma de bater na bola com classe, com o peito do pé. Assim, a bola corre de forma lenta em direção ao gol, na trajetória de um arco.

Apaixonado por futebol, o escritor uruguaio Eduardo Galeano definiu, de forma romântica, a atitude em campo de seu compatriota: “La mano de Luis fue un acto de amor”:

A melhor defesa do torneio não foi uma obra de um goleiro, mas de um goleador: o atacante uruguaio Luis Suárez deteve a escorregadia bola com as duas mãos, na linha do gol, no último minuto de uma partida decisiva. Esse gol teria deixado o seu país fora da Copa. Graças ao seu ato de patriótica loucura, Suárez foi expulso, mas o Uruguai não (GALEANO, 2012, p. 229)

Se para os uruguaios o ato era a expressão do patriotismo em campo, para os sul-africanos e ingleses, a infração era vista como a mão do diabo. No dia 4 de julho, o diário sul-africano *Sunday Times* estampou uma foto do atacante com chifres e olhos de sangue, numa referência ao Drácula ou Lúcifer.

Na continuidade, a Celeste⁴ perdeu os jogos contra Holanda e Alemanha e terminou o Mundial em quarto lugar, mas sem conseqüências ao orgulho e à catarse coletiva no retorno da equipe a Montevidéu. Depois da África do Sul, o clube Ajax teve dificuldades para segurar Suárez, que já era artilheiro do campeonato holandês e capitão da equipe. Em 2011, o atacante transferiu-se para o Liverpool, da Inglaterra, e foi também neste ano que se consagrou campeão uruguaio, efetivando-se como um dos heróis da Copa América na Argentina, ao lado do goleiro Muslera. Dessa vez, o camisa nove, foi o eleito melhor jogador do torneio. A conquista e o prêmio eram os ingredientes que faltavam na relação que só iria ganhar mais força e identificação jogo a jogo, ano a ano, até 2014. Nem mesmo suas controvérsias e polêmicas foram capazes de abalar o apoio ao ídolo uruguaio.

A estrela de Suárez cresceu, não sem espinhos, na Inglaterra (2011-2014), conseguindo dar a volta por cima em sua última temporada, tornando-se artilheiro da *Premier League* e escolhido, pelos próprios colegas da Liga, melhor jogador. Pelo alto número de gols (31), foi o ganhador da Chuteira de Ouro da Europa, ao lado de Cristiano Ronaldo, também com 31 na liga espanhola. Tamanho sucesso lhe possibilitou uma negociação milionária com o Barcelona, da Espanha. Antes, porém, “Luisito” tinha o compromisso de ajudar o Uruguai na Copa do Mundo no Brasil, palco onde a Celeste conquistou seu último título Mundial, em 1950.

Sua participação era incerta após a necessidade de uma cirurgia de emergência no joelho, realizada no dia 22 de maio, quase um mês antes do Mundial. Em uma corrida contra o relógio e a fisiologia humana, o atleta colocou-se em condições de jogo a tempo de estrear

⁴ Apelido da seleção do Uruguai devido à cor de seu uniforme principal, azul celeste. Segundo o jornalista uruguaio Luis Prats (2010), a primeira vez que o selecionado vestiu a blusa com a cor celeste foi em 15 de agosto de 1910, na vitória contra a Argentina (3 a 1), ajudando a surgir a mística da camisa.

na partida decisiva contra os ingleses, estes faziam questão de odiá-lo⁵. Suárez deu resposta de sua superação física dentro de campo, sendo decisivo, marcando os dois gols da vitória, e mais uma vez reconhecido o “salvador” da seleção.

Contudo, com o atacante, nem tudo são flores. Os dias de alegria duraram apenas até o próximo jogo. Contra a Itália, mordeu novamente um adversário em campo (a terceira, contabilizada publicamente) e, dessa vez, foi condenado não apenas por ingleses e por diversos setores da mídia internacional, mas, principalmente, pela FIFA. Suspenso por nove jogos oficiais pela seleção, Suárez ainda foi banido do esporte por quatro meses e obrigado a deixar a concentração no Brasil às pressas.

Qual foi a reação dos uruguaios sobre o episódio? Seus compatriotas saíram em defesa, de todas as maneiras possíveis: nos estádios, nas mídias e até o Presidente da República, José Mujica, se pronunciou com insultos aos dirigentes da Federação Internacional de Futebol. Abalada sem seu principal astro, a seleção uruguaia não resistiu ao trauma e nem aos colombianos. Os milhares de uruguaios mascarados com o rosto de Suárez deixaram o Maracanã, encolhidos pela frustração do adeus, mas, curiosamente, indignados e injustiçados e, talvez, por isso, de cabeça erguida.

Este simplificado resumo⁶ é uma pincelada do enredo que se apresenta nas narrativas da trajetória do jogador em sua seleção principal, ao longo desses quatro anos. Do ato heróico na Copa de 2010 à mordida, em 2014, ambos cercados de polêmica por todos os lados, em diferentes sentidos, o caso de amor entre uruguaios e Suárez não se encerrou no Brasil. Uma campanha de apoio acompanhou o jogador em todos os capítulos da disputa judicial, na tentativa de reduzir a penalidade da FIFA, até a confirmação da transferência para Barcelona. O assunto dividia as atenções do noticiário esportivo paralelamente à Copa que se desenvolvia.

A trajetória do jogador na seleção nos fez questionar de que maneira se deu a representação midiática do jogador Luis Alberto Suárez Díaz, no período entre a Copa de 2010 e a de 2014, incluindo, além dos mundiais, a conquista da Copa América de 2011 e a

⁵ A relação pouco amistosa entre a imprensa inglesa e o jogador começou na atitude antidesportiva na partida entre Uruguai e Gana, no Mundial da África. Para a moral inglesa, o ato era reprovável e entendido como trapaça. Novamente, após a contratação do Liverpool, houve a repercussão de que o jogador havia mordido um adversário em campo na Holanda. Em 2012 e 2013, Suárez se envolveu em outras duas polêmicas: racismo com o jogador do Manchester United, Evra, e outra mordida a um zagueiro do Chelsea, Ivanovic, respectivamente. A esta altura, a relação já era de rejeição. Apenas torcedores do Liverpool e colegas de clube defendiam publicamente o uruguaio.

⁶ As afirmações acima são resultado da observação participante da autora durante os jogos e a cobertura da imprensa. Mas as mesmas informações podem ser encontradas nas biografias sobre o jogador e nos livros almanaques sobre os mundiais de 2010 e 2014.

eliminação precoce nos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Um dos objetivos é analisar a imagem do jogador durante essa trajetória de ascensão e condição de ídolo. Todo esse movimento se relaciona a uma das questões do trabalho: como nasce um ídolo no futebol e que tipo de influência as representações produzidas pela imprensa podem exercer nessa construção.

Acredita-se que, em ambiente esportivo-midiático, como as Copas do Mundo, os aspectos de identidade nacional são ressaltados. Considera-se a hipótese de que a imprensa esportiva amplia o discurso nacionalista de forma a provocar reações simbólicas e emotivas na nação, porém, ela não fabrica ídolos e heróis sem base social para tais representações. Afinal, como resalta Ronaldo Helal (2001), a nossa interação com o futebol é mediada pela imprensa, e tanto ela, quanto tudo que envolve o espetáculo, é constituído por uma gama de discursos que os contextualizam. Sendo assim, “mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artista e audiência (...) coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra” (HELAL, 2001, p.151).

Admitindo que a imprensa produz discursos e sentidos – com base num repertório presente na sociedade que a cerca –, o nosso objetivo é analisar de que forma o espaço midiático de esporte do jornal *El País* construiu as imagens públicas do atacante Luis Suárez entre a Copa do Mundo de 2010 e o Mundial de 2014, o que nos possibilitará verificar se este possui uma condição de idolatria que se encaixe aos modelos acadêmicos estudados nas referências teóricas. Por conseguinte, também, objetivamos verificar como o desempenho do atleta influencia as narrativas/status descritos no diário.

Um dos questionamentos trata a relevância do debate – imprensa, sociedade, futebol e nacionalismo – para a teoria da comunicação. Desta forma, dividimos a nossa dissertação, iniciando com um capítulo teórico “Mídia, Esporte e Sociedade”, no qual abordaremos a relação entre a imprensa esportiva, as Copas do Mundo, a identidade uruguaia e o futebol. Também se fará presente a reflexão sobre o modo pelo qual ocorre o fortalecimento de representações simbólicas nacionais durante esses campeonatos, reconhecendo a sua importância como fonte de expressão de emoções e identificação coletiva. Além disso, discursaremos sobre o papel da idolatria no esporte, contextualizando a situação do futebol uruguaio.

Entre as obras de referência se destacam as contribuições dos pesquisadores Álvaro do Cabo, Édison Gastaldo, Joseph Campbell, Luis Prats, Maria Cláudia Coelho, Pablo Alabarces, Rafael Bayce, Ronaldo Helal⁷.

O processo de investigação será resultado de uma análise bibliográfica sobre a história do futebol uruguaio como fonte secundária; as biografias de Luis Suárez, ambas como material de apoio; e um exame crítico das representações midiáticas com análise das narrativas e de conteúdo publicado pelo jornal *El País* em seu suplemento esportivo, *Ovación*⁸. Na sequência, destinaremos dois capítulos especificamente para a apresentação da análise de conteúdo do jornal selecionado, situando-a sobre a lógica argumentativa de nossa referência. Para a divisão da investigação narratológica de quatro competições distintas em períodos diferentes, optamos por uma divisão que melhor representasse a ascensão do status de ídolo e a resignificação do mesmo, uma vez que este se torna inabalado nas derrotas e tragédia.

Sendo assim, o capítulo dois, intitulado “Ascensão e consolidação do ídolo” está subdividido em dois períodos. O primeiro sobre a participação de Suárez na Copa do Mundo de 2010 e o segundo da Copa América de 2011, com a imagem coroada de “Luisito” na conquista. Fundamentalmente aqui, utilizaremos as páginas do jornal *Ovación* entre os dias 10 de junho, véspera do jogo de estreia na competição (Uruguai x França) e 14 de julho, com a cobertura da festa da chegada da delegação uruguaia em Montevideu. Na continuação, o recorte apreciado é entre 4 e 26 de julho de 2011, véspera da estreia contra o Peru, e dois dias após a conquista do título, respectivamente.

O terceiro capítulo, com o título “De mãos vazias: a “ressignificação” do ídolo” se divide em dois tópicos, nos quais abordaremos as representações do ídolo, apesar dos fracassos nas competições. Primeiramente, a decepção do sonho olímpico nos Jogos de Londres, em 2012. Para a ocasião, criou-se uma forte expectativa no país de que a Celeste voltaria a figurar entre as melhores seleções olímpicas de futebol, empurradas por Luisito, capitão e líder da equipe sub-23. O recorte aqui começará em 20 de julho, dia seguinte à viagem para a Europa, até 03 de agosto, dois dias após o último jogo da seleção na Olimpíada. O último tópico será em torno do Mundial no Brasil, quando o jogador supera sua condição física em prol da seleção uruguaia, mas perde para si mesmo em sua condição emocional, sendo punido pela FIFA. Apesar do crime e castigo prejudicarem as pretensões do Uruguai nas competições (reconhecida a importância do jogador para o time do maestro Tabárez), a

⁷ As referências completas dos textos e autores encontram-se na bibliografia, ao final deste trabalho.

⁸ Suplemento esportivo do jornal *El País*, criado em novembro de 2006.

idolatria sobre o menino, que nasceu na cidade de Salto, continuou inabalada. Neste tópico ainda discutiremos as condições de idolatria do atacante. O resultado e pareceres serão dissertados de forma mais sintética e objetiva nas considerações finais.

De forma objetiva, o procedimento de investigação desta pesquisa resulta de uma análise bibliográfica sobre o futebol uruguaio e, principalmente, de um exame crítico das representações midiáticas publicadas pelo jornal *El País* através de seu suplemento esportivo *Ovación*, durante os seguintes períodos: Copa do Mundo de 2010, Copa América de 2011, Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, e Copa do Mundo de 2014⁹. A escolha pela utilização de se trabalhar apenas com um jornal dá-se por dois motivos: primeiro pela opção de se estudar a trajetória das narrativas, verificando como é feita a representação do jogador nesses torneios, percebendo a construção e trajetória do ídolo. Sabendo do desafio de se trabalhar quatro competições em períodos diferentes, pensou-se ser viável enfatizar o caminho e, dessa forma, verificá-lo apenas em um diário, o mais expressivo. O Uruguai não conta com tabloides e apenas dois jornais de expressão possuem dedicação ao esporte como suplemento: *El Observador* e *El País*. A opção pelo último se deu pela importância e o número de exemplares ser superior àquele. As fontes foram coletadas (e digitalizadas) na Biblioteca de diários do Palácio Legislativo, em Montevideu.

Classificamos a metodologia do seguinte trabalho como análise das representações midiáticas por melhor traduzir a análise de conteúdo, para além de sua herança positivista quantitativa, assumindo uma função mais híbrida, com a incorporação de um exame também qualitativo das fontes. Ou seja, para além da apreciação crítica das narrativas do jornal impresso, a utilização do termo representações midiáticas exprime a não restrição de nossa observação e questionamentos apenas ao texto e ao discurso, mas também às expressões e posicionamento das imagens compostas nas páginas do *Ovación*.

Para tanto, nos valem das contribuições de Mikhail Bakhtin (2006), Monica Benetti (2007), Patrick Charadeau (2007), Luiz Gonzaga Motta (2005) e Wilson Correa Fonseca Júnior (2008). A começar pela noção do discurso e do ato de enunciação, levantado pelo filósofo russo. Para Bakhtin, nós não somos a origem do discurso, nem do discurso sobre nós mesmos, também não somos o único a construir a identidade. Para ele, todo falante é respondente, afinal “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Por esta razão, destaca-se a importância de se checar a natureza e o contexto externo deles.

⁹ As datas específicas de recorte temporal referente a cada competição são mencionadas nos capítulos destinados a discussão sobre o material nos capítulos três e quatro.

Um enunciado absolutamente neutro é impossível, inexistente. A relação valorativa do falante com o objeto do seu discurso seja qual for esse objeto também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado. (BAKHTHIN, 2003, p.289)

Considerando as narrativas como dispositivos argumentativos utilizados estrategicamente como jogos de linguagem, faz-se também necessário refletir sobre a organização do discurso jornalístico. Em texto publicado no livro *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo* (organizado por Claudia Lago e Márcia Benetti, em 2007), Luiz Gonzaga Motta argumenta que a análise pragmática da narrativa jornalística permite a interpretação simbólica e revela metanarrativas culturais pré-jornalísticas. Ela traduz os conhecimentos objetivo e subjetivo do mundo, isso quer dizer, também sobre as identidades, crenças, valores e mitos.

No caso das narrações midiáticas, existe um profissionalismo capaz de causar efeitos de sentido, recorrendo a modos e operações da linguagem para realizar suas intenções. Na imprensa esportiva e, especialmente nas formas de abordagem do futebol, os recursos usados na construção da notícia podem se assemelhar a de um folhetim, como demonstra a pesquisadora Leda Maria Costa (2008), em estudo sobre as narrativas da derrota da seleção brasileira em Copas do Mundo. Entre outras considerações, ela conclui que no noticiário esportivo há um forte vínculo com o entretenimento. Isso significa dizer que grande parcela deste segmento jornalístico oferece a notícia como espetáculo de conteúdos dramatizados que alimentam expectativas e emoções.

É comum encontrar nas reportagens sobre futebol marcas de suspense, polêmicas, visões de mundo maniqueístas, personagens caracterizados de heróis e vilões. Apesar dessas constatações, não significa que se perca totalmente a objetividade jornalística e nem o aspecto informativo nas matérias, porém é importante contextualizar o contexto de produção das notícias. O jornalista tenta da forma mais imparcial e objetiva possível levantar informações sobre os fatos e a partir dos dados levantados, apresentar a sua proposta interpretativa. Desta maneira, a notícia não é um reflexo da realidade, mas uma construção interpretativa dela. Por isso, ela precisa ser problematizada.

Em toda investigação, é preciso um trabalho de arqueologia do pesquisador sobre os significados e traços histórico-culturais contidos na estrutura textual. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário”. (BENETTI, 2007, p.111). Por isso, constitui-se como tarefa fundamental do analista, revelar a estratégia da narrativa jornalística.

Ao trabalhar com pequenos recortes ao longo de quatro anos, pode-se perceber as mudanças e ressignificações que ocorrem nas representações do atacante, não deslocadas das representações sociais concomitantemente. Estas não são imutáveis, mas em constantes adaptações, elaboradas por vários atores sociais. São através dos intercâmbios comunicacionais que as representações sociais são estruturadas e transformadas e, nesse procedimento, acabam sendo sustentadas pelos meios de comunicação, fazendo parte do nosso cotidiano, refletindo claramente na construção de identidades, conforme apresenta Serge Moscovici (2003). Se as imagens mudam conforme os tempos, as representações também. É aí que reside o objetivo do recorte em fazer observar as caricaturas sobre “Luisito” ao longo desses quatro anos.

Retomando o conceito do estudioso romeno, as representações sociais possuem a função de “convencionalização”. Como forma de saber do senso comum, elas permitem categorizar ideias, indivíduos e acontecimentos, na matriz da cultura. É o que ocorre com as reelaborações midiáticas das figuras do herói, da princesa, do vilão, da bruxa, etc. Tem-se uma releitura, suas representações mudaram, tornaram-se mais complexas. A segunda função diz respeito ao seu caráter prescritivo. Concebidas como um fenômeno histórico, elas são consideradas produtos de uma sequência de elaborações que ocorrem no decurso do tempo, porém, em função da complexidade desse processo, as categorias e os modelos não se dissolvem de uma hora para outra e mesmo cheios de complexidade guardam fortes referências.

Isso nos leva a pensar no papel da comunicação social, de mediação e estabelecimento de uma consciência coletiva, da necessidade de se fazer sentido e de ser compreendida pelos receptores. Para tanto, há as etapas e ferramentas de construção das notícias desde os procedimentos de classificação e enquadramento. Assim, os jornais são importantes instrumentos na construção e ressignificação de representações sociais e identidades. Por esta razão também se considera a importância da reflexão crítica sobre o papel da imprensa esportiva como mediadora e articuladora do “contrato midiático”¹⁰, que articula o acontecimento bruto como fonte da notícia (acontecimento construído). Informar é um processo de escolhas, com ênfase e seleção dos argumentos que se pretende exaltar (e esquecer), como mais favoráveis (ou não) às narrativas apresentadas.

¹⁰ Em *O Discurso das Mídias* (2010), Patrick Charadeau usa o termo contrato midiático para explicar o esquema de produção a notícia. Segundo ele, resultado da ação do jornalista (e empresa de comunicação) sobre o acontecimento em estado bruto.

No caso da cobertura das copas do Mundo – onde o objeto é a seleção máxima de futebol –, também nos remetemos a questão da subjetividade, uma vez que o discurso da imprensa é encarnado pela esfera torcedora. Tanto a vitória quanto a derrota podem ser exaltadas e a interpretação/descrição dos jogos perpassa pela mediação da imprensa com a produção de sentidos em narrativas melodramáticas e novelescas. Entretanto, neste processo de escolhas e seleção que vai resultar na produção de conteúdo e na escrita, temos que compreender que este não se trata de um processo manipulatório, mas de mão dupla, uma vez que tanto os jornalistas se submetem ao contexto sobre o qual narram, como os demais atores do espetáculo possuem participação ativa e criativa que vão influenciar o processo jornalístico.

É extremamente relevante o papel da imprensa esportiva nesse processo de atribuição, produção e circulação de sentidos que gravitam no universo futebolístico. A visão que temos de uma partida é amplamente perpassada pela interferência dos meios de comunicação. Uma relação que, entretanto, não pode ser compreendida como uma estrada de mão única, pois como espectadores participamos ativamente da produção de sentidos que compõe o universo do futebol. (COSTA, 2008, p.15-16)

Buscamos, por tanto, perceber e analisar de que forma se dá a representação do jogador Luis Suárez nas páginas do *Ovación* à medida em que sua imagem é construída, mas também reflexo de sua atuação dentro dos gramados enquanto atacante da seleção, mas também fora, pelo seu papel social, já que este entra em campo consigo de maneira que um não pode se dissociar-se do outro. E assim, somando-se às suas ações nessas duas esferas, reproduzi- rá-se o processo de idolatria, coberta pelos anseios identitários do futebol uruguaio.

1 MÍDIA ESPORTE E SOCIEDADE

1.1 Mídia, representação e Copas do Mundo

O escritor uruguaio Eduardo Galeano tem uma reflexão que se aplica a este trabalho: “Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais”. A resposta concedida é intrigante. Por esta razão, ela foi escolhida como epígrafe, pois o trabalho muito tem a ver com esse raciocínio (GALEANO, 2012, p.40).

Desde o seu surgimento na Europa e nos Estados Unidos – e depois também no Brasil –, a sociologia do esporte trouxe importantes debates para os pesquisadores de Sociologia, Psicologia, Antropologia e História. Nas últimas décadas, a aproximação dos trabalhos de Comunicação com essas áreas fortaleceu antigas reflexões no que envolve os conceitos de “popular”, “massas” e “indústria cultural”. Dito de outra forma, a Teoria da Comunicação sempre teve uma vocação interdisciplinar com a História, Antropologia e Sociologia. Além disso, o fenômeno esportivo ajuda a mostrar elementos de uma cultura, contribuindo também para o campo teórico da disciplina. Dentre os pontos mais polêmicos, encontra-se a discussão sobre alienação e manipulação da mídia.

No artigo *Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação*, Ronaldo Helal (1998) faz uma síntese bibliográfica sobre o tema e apresenta um panorama da literatura clássica dos anos 1970 e 1980 da sociologia esportiva, como Johan Huizinga, Stanley Eitzen, Eric Dunning. Ele mostrou que, inicialmente, argumentava-se que a sistematização e regulamentação do esporte destruíam o caráter lúdico e a ligação dele com os rituais. A transformação em espetáculo e negócio também era criticada, apontando uma subordinação à produção de “prazer das massas”, no sentido artificial, não autêntico.

Posteriormente, o debate sobre a Indústria Cultural fervia entre “apocalípticos” e “integrados”, grupos classificados por Umberto Eco, era o recomeço da busca pela interpretação e análise do impacto do papel da mídia na sociedade e, no caso, no esporte. A ideia de que os espectadores são passivos é refutada para os que consideram a audiência como parte inseparável do espetáculo. Nesta linha, Ronaldo Helal mostra que a argumentação principal é a que a invasão comercial não anulou a aura sagrada do esporte e que ele continua sendo um fenômeno social.

Há algumas décadas, pesquisar tais temas sob os pontos e aspectos das Ciências Humanas e Sociais não era uma tarefa fácil. Havia preconceito, policiamento científico e

ideológico. O futebol demorou a chamar atenção na pesquisa acadêmica. Uma literatura sobre a questão começou a ser desenvolvida após *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, organizado pelo antropólogo Roberto Da Matta, em 1982. Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel completam o livro. De acordo com Ronaldo Helal, essa obra contribuiu significativamente para a estruturação da pesquisa. Anos depois, em 1990, foi fundado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Núcleo de Sociologia do Futebol e, em seguida, criada a revista *Pesquisa de Campo*, importante difusora na década¹¹.

Entre outros estudos isolados, o futebol atraiu atenção não só de sociólogos, mas também de comunicólogos. Desde a virada do milênio, outros trabalhos foram disseminados, ampliando o debate e o intercâmbio em congressos dos quais saíram frutos, inclusive em parcerias internacionais. Essa absorção para o campo científico trouxe associações importantes no que se refere às compreensões sobre alguns conceitos como, por exemplo, de identidade nacional. Inúmeros trabalhos se debruçaram sobre casos, em diversos momentos históricos e espaços geográficos, no qual o futebol se revelou muito mais do que um jogo ou um evento para sociedades e governos. O Escritor Eduardo Galeano, apesar de não ser um acadêmico, nos fala, com alguns exemplos, da relação entre futebol e pátria, que nos é útil aqui.

O futebol e a pátria estão sempre unidos; e com frequência os políticos e ditadores especulam com esses vínculos de identidade. A esquadra italiana ganhou os mundiais de 34 e 38 em nome da pátria e de Mussolini, e seus jogadores começavam e terminavam cada partida dando vivas à Itália e saudando o público com a palma da mão estendida (GALEANO, 2012, p.42).

No clássico tantas vezes já reeditado, *Futebol ao sol e à sombra*, Eduardo Galeano seleciona alguns exemplos da simbiose entre futebol, política e governos no século XX, entre eles um argelino.

Em 1958, em plena guerra da independência, a Argélia formou uma seleção de futebol que, pela primeira vez, vestiu as cores pátrias. Integravam seu plantel Makhloufi, Bem Tifour e outros argelinos que jogavam profissionalmente no futebol francês.

Bloqueada pela potência colonial, a Argélia só conseguiu jogar com o Marrocos, país que, por tal pecado, foi desfilado da FIFA durante alguns anos, e além disso disputou umas poucas partidas sem transcendência, organizadas pelos sindicatos esportivos de certos países árabes e do leste da Europa. A FIFA fechou as portas à seleção argelina e o futebol francês castigou esses jogadores decretando sua morte civil. (GALEANO, 2012, p.45)

¹¹ Para saber mais sobre a introdução da pesquisa acadêmica sobre o esporte, ler o artigo *Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil* (2011), de Ronaldo Helal.

As análises sobre a equação “futebol-nação” obtiveram um lugar privilegiado nas discussões acadêmicas, inclusive na Comunicação. No caso brasileiro, um dos caminhos é a relação entre o futebol e a identidade da nação. Dentre as principais questões está o lugar do esporte na construção da nacionalidade brasileira e da consolidação do Estado.

Dentro dessa linha do tempo, de maneira mais recente, em 2006, a *Intertexto* publicou a obra organizada por Édison Gastaldo e Simoni Guedes: *Nações em Campo – Copa do Mundo e Identidade Nacional*. Os artigos do livro possibilitaram uma visão mais abrangente sobre a conexão entre identidade nacional, a espetacularização do futebol e o papel da imprensa esportiva.

Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas ‘seleções nacionais’, uma espécie de “encarnação simbólica” de cada nação principiante do evento. Assim, uma Copa do Mundo é muito mais do que um mero torneio de futebol: ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectiva comparada com o resto do mundo. (GASTALDO; GUEDES, 2006, p. 93)

Como evento máximo de espetáculo e engajamento, os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo¹² são grandes acontecimentos, espetáculos que envolvem a sociedade, desde as construções dos estádios, os atletas – que representam a nação –, os estilos de jogo e suas correlações com os povos. No período próximo e durante a realização de um Mundial, a catarse coletiva atinge os países em competição. Comerciais publicitários, campanhas, anúncios, músicas são alguns dos produtos aproveitados.

O futebol tem um potencial elevado na construção de uma identidade (torcedor), reunindo um conjunto de tradições. Em um torneio mundial, a seleção é um símbolo da nação-estado no campo. Por exemplo, em 1992, durante as eliminatórias para a Copa de 1994, o presidente da Federação Uruguaia de Futebol (AUF) pediu ao cantor Jaime Roos, ícone cultural do país, uma música para a Celeste. O futebol local passava por uma crise entre jogadores locais e os que atuavam no exterior. O pedido da Associação era de uma canção conciliatória, que reunisse os torcedores uruguaiois em torno da seleção. *Cuando juega Uruguay* fala de emoção, do passado de glórias e da mística Celeste. “Cuando juega Uruguay juegan três millones, corren las agujas, corre el corazón”. A música é tocada até hoje¹³.

No que se refere aos trabalhos de pesquisa sobre a temática, um dos caminhos para a compreensão de como o esporte exerce algum tipo de influência na sociedade é a análise de

¹² A primeira edição aconteceu em 1930 no Uruguai. Durante o século XX, o evento se consolidou em um importante palco de congregação internacional. A FIFA tem mais de 200 países associados. Quando fundada em 1904, havia apenas sete sócios (Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça).

¹³ O imbróglio envolvendo AUF, treinador, jogadores e sociedade uruguaia na preparação da Copa de 1994 é brevemente abordado em *Crônica Celeste*, de Luis Prats (2010).

discursos emitidos pelos meios de comunicação. Os periódicos, livros, e transmissões esportivas mostram que aspectos de identidade podem ser reforçados durante esses grandes eventos. A relação entre imprensa, sociedade e as Copas do Mundo constituíram-se em um triângulo fértil para as investigações acadêmicas no campo da Comunicação.

As principais hipóteses demonstram que a imprensa esportiva amplia o discurso nacionalista de forma a provocar reações simbólicas e emotivas na nação. Ronaldo Helal e Antônio J. Soares também refletem sobre a atuação da mídia impressa e de que forma esses sentimentos são usados nas narrativas sobre o jogo e seus desdobramentos.

Nesta direção, a reflexão sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos, apesar da objetividade jornalística que se constitui num dos pilares da profissão. (HELAL; SOARES, 2010, p.16)

Entre os questionamentos dos autores, está a relevância do debate (imprensa, sociedade, futebol e nacionalismo) para a teoria da comunicação, na medida em que os meios de comunicação de massa são elementos importantes na construção das comunidades. A atual realidade é de uma sociedade midiaticizada, onde valores e tradições estão expostos a um clique. É, pois, neste fórum de ideias que a legitimação do ídolo e do herói acontece. Mas para isso, é preciso se atentar que apesar da mediação dos meios de comunicação, a mídia não fabrica monstros, nem heróis, sem o consentimento, mesmo implícito ou inconsciente da sociedade. Sem fã, não há idolatria.

Tanto o ídolo quanto o herói são elementos facilmente encontrados no mundo do futebol, propenso à produção de mitos. O talento de um jogador, sempre acompanhada por uma personalidade marcante, reforça o anseio da população. Em muitos casos, eles são espelhos de suas coletividades, que se projetam neles. Tal contato ocorre por meio da mídia, que reforça, através de suas construções textuais, a imagem heroica.

Importa aqui dizer que apesar de a questão da “objetividade” da imprensa, ser algo que fundamenta o discurso de autoridade, nota-se de forma retórica que na prática se utiliza técnicas narrativas que jogam com o imaginário e as expectativas dos leitores. Sob este aspecto, destacam-se em nosso estudo algumas obras e reflexões de referências como as deixadas por Nelson Traquina (2012), Luiz Gonzaga Motta (2005) e Leda Costa (2008).

Como já expressado, compartilhamos da ideia que o esporte dá sentido à coletividade e assim, pode-se dizer que ele se configura como uma metalinguagem – que fala sobre a sua própria sociedade. Assim sendo, as pesquisas sobre este tema dentro desta perspectiva das relações e imaginário cultural devem ser vistas sob os olhares críticos da indústria cultural.

A bibliografia consultada traz estudos de caso em diferentes períodos no Brasil, Argentina, Uruguai e Costa Rica, alguns deles trabalhos comparativos, inclusive. No artigo *Culturas, identidades, subjetividades y estereotipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso de fútbol uruguayo*¹⁴, Rafael Bayce reflete sobre a forma como a imprensa lidava com a identidade nacional durante os mundiais, reproduzindo estereótipos sobre o estilo de jogo da Celeste. Para o autor, a mídia esportiva influencia na absorção desses estereótipos futebolísticos e a picardia *criolla* e a garra *charrúa* permanecem nas narrativas sobre o futebol do país até o hoje.

O historiador Álvaro do Cabo analisou o papel da imprensa uruguaia durante os Mundiais de 1930 e de 1950 (2007 e 2008). Na primeira conquista do país, a República Oriental do Uruguai comemorava o centenário de sua organização constitucional e o evento não ficou de fora da agenda de comemorações, sempre com exaltação dos símbolos nacionais que aumentavam a autoestima da população da “Suíça da América”. No lado esportivo, ela já era elevada em decorrência das vitórias nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928.

Contextualizando o período, observou-se que o futebol se tornava um importante símbolo de identificação da nação, em meio às suas conquistas e transformações sociais. Naquela conjuntura, a organização do primeiro campeonato mundial adquiria proporções ufanistas, contando com o envolvimento de diversos setores da sociedade. A vitória de virada na grande final “rioplatense” (Uruguai 4 x 2 Argentina) foi o ápice.

Pela terceira vez temos bebido na copa da glória! Novamente desde ontem, cada uruguaio é un ser saturado de um risonho otimismo, um triunfador que atrona o espaço com os seus gritos de vitória; é outro homem, mais ardente, mais vistoso, cheio de vida. Porque o triunfo de ontem provocou tal comoção nas manifestações de toda ordem do nosso povo, que este ainda estará transformado no espaço por vários dias.

E nós escrevemos este artigo com a emoção patriótica da hora, com a alegria infinita do triunfo, cuja onda tem difundido pelo mundo, levando o nome do Uruguai em nota harmoniosa e doce. O Uruguai todo, América toda, vibrou ontem com o anúncio do triunfo; triunfo do Uruguai e triunfo da América, triunfo de todos os povos, que educam as suas juventudes nas manifestações sadias e nobres do esporte, que revigoram a raça, contribuindo ao culto das melhores virtudes espirituais. (*El País*, n.4129, 31/07/1930, p.10)¹⁵

Álvaro do Cabo observou que os estereótipos presentes nas narrativas do Mundial de 1930 foram reproduzidos na vitória em 1950 no Maracanã, sobre o país anfitrião só que desta vez, a carga simbólica sobre o heroísmo dos jogadores celestes foi ainda maior.

¹⁴ Artigo publicado no livro organizado por Pablo Alabarces, *Futbologías: fútbol, identidad y violencia em la América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

¹⁵ Tradução nossa do trecho retirado do artigo escrito por Álvaro do Cabo: *Futebol e Identidade Nacional: imprensa uruguaia e realização do Mundial de 1930*.

Outro caso interessante aconteceu na Costa Rica, em 1990. Sérgio Villena (2003) analisou os efeitos da campanha do país que se classificou, pela primeira vez, às oitavas de final da competição (o desempenho nas Eliminatórias já tinha sido notável, com apenas três derrotas em 14 jogos da Concacaf). A inédita façanha do futebol costarrriquenho na Itália provocou um alvoroço no país da América Central, como o autor mostra em *Imaginando la nacion através del fútbol: el discurso de la prensa costarricense sobre la hazaña mundialista de Italia em 90*¹⁶.

De acordo com Villena, a imprensa cumpriu um papel significativo na “elaboração, difusão e rememoração pública nacionalista desse evento” e que o desempenho da seleção era narrado “em rituais que mobilizam as energias psíquicas dos indivíduos com fim de inspirar e gerar identificação”. Ao estudar os periódicos costarrriquenhos durante a Copa de 1990, ele concluiu:

Os jornalistas esportivos atuam como verdadeiros mitógrafos e divulgadores da nacionalidade articulando sentimentalmente o nacionalismo aos espetáculos futebolísticos, convertendo os jogadores em heróis nacionais. (VILLENA, In: ALABARCES, 2003, p.153)

O papel desempenhado pela Costa Rica na Copa do Mundo de 1990 foi o maior êxito de história do futebol do país, terminando o mundial em 13°. Segundo o autor, “foi a maior exaltação nacionalista, patriótica da história contemporânea da Costa Rica. Foi um marco nacional”. Entre as frases de efeito utilizadas nas manchetes de jornais, ele destacou: “Apoiar a seleção é um dever cívico” e “Manicômio gigante”, escreveu o *La Nación* sobre a euforia nas ruas, durante a recepção no retorno dos jogadores orquestrada pela presidência da república e pelos patrocinadores. “Tanto as manifestações espontâneas como as organizadas tiveram um evidente caráter de celebração nacionalista de reafirmação pública de pertencimento e lealdade à nação”, concluiu (VILLENA, In: ALABARCES, 2003, p.151).

1.2 Futebol e identidade nacional no Uruguai

No Livro organizado por Paulo César Carrano, *Futebol: paixão e política* (2000), há um texto de Eduardo Galeano no qual se refere ao futebol uruguaio como um instrumento de internacionalização de um pequeno país de menos de quatro milhões de habitantes e de tímida expressão no tabuleiro político internacional.

¹⁶ In: ALABARCES, Op. Cit.

No nosso caso, há que se ter em conta que foi o futebol que pôs no mapa do mundo, lá por volta dos anos vinte, este pequeno país, que tem uma população equivalente a de um bairro de Buenos Aires ou a de um subúrbio da Cidade do México. Os uruguaios encontraram no futebol um meio de projeção internacional e uma certeza de identidade. Ainda hoje, sobrevivem com mais vigor na nostalgia do que na realidade, mas restou o costume. O futebol continua sendo uma religião nacional, e a cada domingo, esperamos que nos ofereça algum milagre. A memória coletiva vive consagrada às liturgias do Maracanã: o feito histórico vai cumprir meio século e o recordamos nos mínimos detalhes, como se tivesse ocorrido na semana passada e à sua ressurreição, encomendamos nossas almas. (GALEANO, In: CARRANO, 2000, p.17)

No trecho acima, o autor do clássico *Futebol ao Sol e à Sombra*, evidencia dois aspectos importantes na história do futebol uruguaio. O primeiro deles é a relevância para a identidade nacional do país e, o segundo, a força da memória, ferramenta que as narrativas costumam usar para representar as características do estilo aplicado ao uruguaio. Não apenas a conquista de 1950, mas as da década de 1920 e o mundial de 1930, todas essas são constantemente mencionadas pela imprensa uruguaia para descrever, não só o significado dessas vitórias, a identidade do Uruguai neste esporte, mantendo assim uma dialética entre passado e presente.

Para além de Galeano, há poucas referências sobre o futebol uruguaio. No campo acadêmico, um dos principais nomes em pesquisa no país é o sociólogo Rafael Bayce, mas ainda assim os escritos são ensaios e artigos. Preocupados com essa lacuna, pesquisadores da Universidad de la República Uruguay decidiram criar o Grupo de Estudios de Fútbol del Uruguay (GREFU). Integrado a Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidade, nos últimos anos, passou-se a organizar eventos, congresso e debates com o objetivo de discutir a história do futebol no país.

Motivados pelo impacto social dos êxitos conquistados pela segunda era Tabárez à frente da seleção (o técnico assumiu o cargo no final de 2006), acadêmicos passaram e reconhecer ainda mais o peso simbólico do futebol no país. Sendo assim, a Biblioteca Nacional do Uruguay dedicou o oitavo número do *Cuaderno de Historia*, em 2012, ao tema: “A romper la red. Abordajes en torno al fútbol uruguayo”. Reuniram-se ali, diversas análises e reflexões sobre esse esporte no país em suas perspectivas históricas, culturais e sociológicas.

Em um dos artigos da edição, Julio Osaba afirma a importância dos últimos resultados da Celeste para o imaginário coletivo do país a respeito da seleção.

Los resultados deportivos obtenidos por la selección uruguaya de fútbol en el año que va desde julio de 2010 – cuarto puesto en el Mundial de Sudáfrica – a julio de 2011 –campeón de la Copa América disputada en Argentina (con eliminación del local incluida) – pueden considerarse como el punto más alto en la vivencia futbolera de la sociedad uruguaya en general de los últimos 60 años. Digo sociedad en general puesto que el fenómeno (social, mediático, editorial, económico, político,

etcétera) desatado por esta selección excede en mucho a los sectores más estrechamente ligados al evento deportivo en la actividad doméstica. (OSABA, 2012, p.57)

Embora, o autor não chegue a estabelecer de forma aprofundada comparações entre esses resultados e as glórias do passado (as conquistas olímpicas em 1924 e 1928 e os mundiais de 1930 e 1950), o autor afirma que o trabalho do técnico Oscar Tabárez representa o que há de melhor nas tradições uruguaias. “Quiero decir que esta selección expresa *lo mejor de nuestras tradiciones* o, por el contrario, que su condición necesaria de socialización ha sido, además de los logros deportivos, la negación de esa mismas tradiciones estructuradas en la memoria social” (OSABA, 2012, p.57, grifos do autor) Mas, o que isso significa? Para o autor, a garra *charrúa* é algo faz parte da tradição esportiva do país que o distingue dos demais. No artigo no caderno da Biblioteca Nacional, ele diz que o conceito de garra faz parte da identidade nacional e do estilo de jogo uruguaio, que o distingue dos argentinos, brasileiros e também dos europeus. Como fonte de análise, ele usa a revista argentina *El Gráfico* e os textos elaborados pelo jornalista Nilo Suburú, que atendia pelo pseudônimo de “Mr. Wembley”, do diário *El País*.

Em uma primeira instância, o autor designa a palavra “estilo” à habilidade e coragem, que são reconhecidas nos míticos triunfos de 1924 e 1928. Esse estilo será denominado, um tempo depois, de garra *charrúa*. Mas, para ele não há uma genealogia clara e precisa do termo. Todavia, ele aponta que a expressão se situa numa vitória uruguaia sobre a Argentina, em 1935 durante o Sulamericano disputado no Peru¹⁷.

Naquele torneio, Uruguai havia derrotado Chile e Peru pelo placar magro de 1 a 0, enquanto a Argentina havia superado os mesmos adversários por iguais 4 a 1. Quando se enfrentaram, Uruguai – que tinha uma equipe mais velha, com alguns jogadores que atuaram na década de 20 e no mundial de 30 –, conseguiu derrotar os rivais por 3 a 0. Daí teria surgido a expressão garra celeste ou *charrúa* para se referir a uma superação, apesar de uma desvantagem técnica em relação ao adversário (PRATS, 2010, p.87)¹⁸.

¹⁷ Para o sociólogo Rafael Bayce, entretanto, o termo “garra *charrúa*” já havia sendo durante as crônicas do Mundial de 1930 e que esta tese se impôs aos uruguaios após a dupla vitória em finais sobre os argentinos (Jogos Olímpicos de 1928, e a Copa de 1930) porque “tendrían una ‘garra’ característica de los que vestían camisetas celestes, un plus anímico de adrenalina, concentración, adaptación a una instancia decisiva con mucha tensión y stress, y ansias superiores de triunfo” (2014, p.56).

¹⁸ O futebol uruguaio foi fundado na rivalidade rioplatense com o país vizinho. Uma disputa que nasceu no tempo da colônia, se acentuou com artigas e transbordou para o futebol, como assinala em *La Crónica Celeste*, o jornalista e pesquisador Luis Prats. Como ele relata, desde o fim do século XIX que os ingleses que viviam em Montevidéu e em Buenos Aires marcavam confrontos anuais e, em maio de 1901, enfim, acontece a primeira partida da seleção uruguaia de futebol. Mas, a profissionalização só teria acontecido, segundo Prats, a partir de 1931.

Utilizando-se das referências teóricas de Stuart Hall e Pablo Alabarces, Osaba explica que o estilo de jogo uruguaio funciona naquele momento como uma marca de identidade (comparação com o outro) que se operava para distinguir-se do futebol argentino, uma vez que os europeus sempre se referiam ao futebol rioplatense como um todo para destacar a característica destes jogadores que usavam muito da gambeta (drible), também em oposição ao futebol força aplicado pelos ingleses.

Para Andre Morales (2014), tanto os discursos da imprensa uruguaia quanto argentina tratavam de fortalecer a ideia do “rioplatense” no “mundo ideológico do futebol” na dialética Nós (uruguaios e argentinos) *versus* Eles (europeus) e essa hipótese era corroborada com a disputa da final olímpica de 1928.

Para Rafael Bayce (2014), o processo de constituição das identidades nacional e futebolística do Uruguai é, ao mesmo tempo, diacrônico e sincrônico, interativo e complexo, em vários sentidos. Isso porque, segundo ele, as autoimagens são tanto geradas quanto exportadas no nível nacional e internacional. Elas interagem de forma sutil e sofrem refrações e reflexos em todo o processo. A ideia do sociólogo se enquadra na crítica a visão essencialista de identidade e nacionalismo, em vez disso, admite-se a ideia de construção histórico-social em torno dos conceitos.

Segundo o sociólogo, o imaginário se alimenta com elementos do cotidiano, “arquétipos fortemente compartilhados” e listou alguns dos mais importantes para a construção da identidade de futebol de seu país. Dentre os mais importantes, destaca-se a identificação mítica entre Davi e Golias, todo ideário judaico cristão. Segundo Bayce, os uruguaios sempre se identificaram com Davi, ressaltando o lado nobre de ser pequeno e isso foi muito refletido no futebol.

Porque les da esperanzas de superar esa pequenez mediante el ingenio, la valentía y la destreza con las que David, contra los pronósticos, venció a Goliat. Quizá esté en el origen de la facilidad con que los deportistas uruguayos aprecian su posición como no favoritos y declaran que la superación de su desfavoritismo (...) A los uruguayos les molesta la posición de favorito o más poderoso Goliat; los pone en la obligación de responder al favoritismo y no les gusta el riesgo de no poder responder a él y que otros Davides los derroten como Goliats. (BAYCE, 2014, p.49-50)

Para Bayce, essa mentalidade pode ser aceita na linha interpretativa de que a seleção uruguaia obtém melhores resultados em finais ou confrontos diretos do que em largas séries, como as Eliminatórias, que são de longa duração, pois estes são menos motivadores do que os enfrentamentos ao estilo mata-mata, tudo ou nada.

Acreditamos que isso explicaria também o fato dos jornalistas uruguaios apreciarem mais a posição de não favoritos e enaltecerem a superação como uma postura de rebeldia, como veremos mais adiante nos capítulos a seguir quando analisarmos as narrativas do *Ovación* sobre as competições mundiais de 2010 e 2014. A posição de Davi é mais acessível obter os status de prestígio e glória, tão caros aos uruguaios. “No le vale la pena al uruguayo ningún esfuerzo que no pueda producir proeza”, conclui Bayce (2014, p.50).

O outro pilar importante que o sociólogo destaca é o da picardia *criolla*, “quisás su producto más aplicable a la identidade futebolística, si no a la nacional, se ala viveza o picardia criolla” (2014, p.51). Na teoria, a ideia de latinidade se flui muito bem com a ideia de Davi e também do pequeno subordinado, mas com o orgulho de autonomia, pese o seu tamanho pequeno, como era Montevidéu para a Espanha, em valores estratégicos. Para ilustrar essa hipótese, Bayce fala do comportamento do famoso capitão das primeiras conquistas no futebol uruguaio.

No es descabelado aventurar que Nasazzi se sentía tan caudillo y representante cuasi-bélico de todos los uruguayos a partir de su capitanía futbolística en una arena ecuménica como Artigas en su coyuntura internacional entonces. Sería otra contribución de la socialización infantil en rasgos luego adultos y de todos. La picardía o viveza criollas son una acumulación de esa situación histórica con un imaginario de nobleza, destreza y valentía de David, la inescrupulosidad astuta y lumpen de Lazarillo y la latinidad arielista. (BAYCE, 2014, p.52)

Soma-se a isso a uma antiga expressão do general artigas de que se não tivesse soldados, lutaria com cachorros “cimarrones”. Isso é mais uma metáfora utilizada pelas construções narrativas do futebol uruguaio de que mesmo sendo inferior ao inimigo, ou no caso, o adversário de jogo, deve seguir-se “peleando”. Segundo Rafael, a frase de Artigas é uma expressão que está presente no coração da moralidade uruguaia e que também foi passada ao imaginário esportivo.

Outro elemento importante, porém, não exclusivo dos uruguaios que ele destaca é o “criollismo”, comum também à Argentina. Rafael fala que o “criollismo” foi a primeira autoimagem adotada pelos dois países rioplatenses. Ela integrava o gaúcho rural, mas não os afrodesdentes urbanos (que só sera resgatada mais tarde na expressão garra *charrúa*), no qual o jogador Juan Pena era caracterizado.

Todas essas inflexões identitárias se sustentavam nos resultados das primeiras décadas do século 20 com um ciclo econômico-cultural “de ouro” e numa exuberância futebolística extensa entre (1912 e 1935), apoiadora da latinidade *criolla* em exuberância técnica “imbatível”. “Se podían ganar títulos sudamericanos en cierta paridad con los maestros

argentinos, nación tanto mayor, y aventajar a todos los otros países sudamericanos mayores que nosotros” (BAYCE, 2014, p. 55).

O problema é que esse imaginário de identidade ia, aos poucos, gerando uma inflexão que se mostrou pesada e perigosa.

Cuando triunfa en sudamericanos, olimpiadas y mundiales repetidamente; y el mundo los celebra como maestros y mejores del mundo. Ya la autoestima construida desde el fútbol le reclama repetir como obligación patriótica a los futuros deportistas. Será una pesada mochila de gloria insuperable que perjudicará el rendimiento de todos los futuros representantes celestes, anímicamente cargados con Nasazzi, Scarone, Petrone, Piendibene, Lorenzo Fernández, Cea, Andrade y otros multacampeones. Cualquier derrota es temida como decadencia; sólo campeón es festejable, toda otra clasificación es fracaso y los fracasados casi traidores de los semidioses ancestrales. O no se tiene ‘garra’, o no se tiene ‘fibra patriótica’; no es pensable que no sean los mejores y no lo prueben. El pequeño se aburrió de ser el mejor, lo exige, se lo autoexige y no se conforma con otra cosa. (BAYCE, 2014, p.55-56)

Essa questão parece demasiadamente importante porque faz parte da ideia de ressignificação de identidade esportiva que é compartilhada neste trabalho.

Quizá convenga subrayar que esa sucesión de autoimágenes y de heteroimágenes, nacional e internacionalmente generadas en un complejo entretrejido histórico, se alejan cada vez más de la virtuosidad latina y de la maestría técnica universal en la medida en que se pierde progresivamente más, y se entra en relativa decadencia deportiva (también nacional). La esperanza se deposita cada vez más en los componentes mágicos de la garra ligada a los colores patrios y al ancestro exclusivo charrúa que a virtudes técnicas, físicas o táctico-estratégicas, lo que le hace mucho mal a la evolución de nuestro fútbol, que deberá esperar al renovador ‘modelo Tabárez’ para recuperar virtudes que no sean producto de mágicas esperanzas en emblemas patrios y en herencias anímicas indígenas, ambas irracionales e improbables como fuentes de probabilidad de éxito desportivo. (BAYCE, 2014, p.58)

Essa ressignificação da identidade uruguaia sobre a identidade futebolística é chamada de “revolução psicossocial”, pelo sociólogo. Para ele, ela se inicia quando Oscar Tabárez assume a seleção, em 2006, durante a preparação para as Eliminatórias da Copa da África. Desde então, os resultados na África do Sul e Argentina, como as elevadas posições no ranking da FIFA e o quarto posto na Copa das Confederações de 2013, no Brasil, vem sendo acompanhado por uma mudança na opinião pública uruguaia em respeito a estes resultados que acreditam merecer celebração. Isto porque, para o sociólogo, houve uma mudança na geração que largou a mochila pesada, o fardo que tinha se criado com a primeira inflexão da “garra celeste”. Ainda segundo ele, as novas gerações passaram a valorizar outras conquistas, a posteriori do vice-campeonato juvenil na Malásia, em 1997. Para ele, isso funcionou também por causa das declarações dos principais atores (técnico e jogadores).

Para justificar a ressignificação, ele aponta alguns fatos de transformação implantados pela filosofia de trabalho do treinador como a busca por uma solidificação psicossocial, pela inteireza moral e espírito de grupo humano e profissional como valores básicos da seleção. A incorporação do *fair play* ao jogo uruguaio, na tentativa de abandonar a imagem de jogo violento consolidada nas décadas anteriores. “Tabárez se propuso revertir esa fama y también lo logró acaparando trofeos de fair play, logro especialmente meritório para jugadores de marca fuerte (...)” (BAYCE, 2014, p.60).

Por último e, em resumo, a ideia de que a recompensa pode ser não apenas os triunfos, mas que boa parte da retribuição advém do caminho que se percorre. Isso quer dizer, fazendo todo o possível, dando o melhor de si fisicamente, tecnicamente, dando o melhor por aquilo que se representa, que, no caso, é a seleção uruguaia e, conseqüentemente, nos ambientes desportivos, o próprio país. Assim, ao menos, haveria de se ter o orgulho e a satisfação de ter a consciência tranquila de que se fez o melhor estrategicamente e moralmente.

Para compreendermos o que isso significa preciso contextualizar as narrativas a cada momento histórico. Até porque o futebol precisa ser compreendido em todos os seus aspectos: social, midiático, editorial, econômico, político e cultural; e no Uruguai, o futebol é visto como elemento de identidade e autoimagem de sua nação e quando falamos sobre identidade nacional, esta é considerada a partir das manifestações culturais valorizadas dentro da própria sociedade e de sua relação com o que está fora, ou seja, a partir da ótica daqueles que a produzem e daqueles que a observam.

Depois de oito anos sem disputar um mundial, a Copa de 2010 forneceu novamente elementos sociais na representação nacional do futebol. Afastado dos grandes jogos por muitos anos, nação e seleção novamente se abraçaram num discurso que caminhava na mesma direção. Era como se os 23 jogadores uruguaio na África do Sul refletissem o espírito uruguaio. Esse dualismo pode ser observado nas entrevistas dos jogadores, nos discursos dos jornalistas (especialmente os colunistas) e na reação popular nacional representada nas páginas do *Ovación*. Na era da interatividade digital, muitas mensagens foram recebidas e postadas como sintoma da comunicação interacional do século XXI. Não estranho, poucos meses após o termino do torneio em julho, já havia livros de memórias, de fotografias e glossários sobre a participação no mesmo ano. Era propício para o mercado vender e

consumir a exaltação nacionalista no melhor momento desde 1950, lembrando que em 2010 não houve uma conquista de campeonato¹⁹.

Vale lembrar que até duas décadas atrás, havia uma divisão na principal equipe do país por conta das divergências entre jogadores locais e os que atuavam no exterior, estes últimos acusados de abandono das raízes, interesses e identidades, questionavam-se o compromisso destes com os valores uruguaios. Na Copa de 2010, apenas dois jogadores não atuavam fora do Uruguai: o goleiro Martín Silva e o meio campista Arévalo Ríos (*el Cacha*). Apesar disso, a atuação dos escolhidos por Óscar Tabárez era narrada como um retrato dos mais heróicos descendentes do país e os próprios jogadores contribuíam para essa identificação no dia a dia. Esse comportamento do grupo alimentava as narrativas recheadas de nacionalismo, tanto como os meios se alimentavam da atitude dos atletas celestes²⁰.

Nesse trabalho, o foco cairá sobre o discurso construído pela imprensa uruguaia, e, mais especificamente, do suplemento esportivo do jornal *El País*, criado em novembro de 2006, *Ovación*. Ou seja, a análise cairá sobre um conteúdo formado por uma equipe relativamente nova, com menos de cinco anos de existência.

1.3 A fama no futebol: ídolos e heróis

Mas, além das relações entre esporte e comunicação e esporte e identidade nacional, há ainda outra questão fundamental para o corpus desta pesquisa e ela está diretamente vinculada ao objeto: as representações midiáticas de Luis Suárez pelo suplemento esportivo do jornal *El País*, *Ovación*, entre 2010 e 2014. Será observado o *status* da fama e idolatria do jogador em cada competição com a camisa da Seleção uruguaia de futebol. Antes, porém, faz-se necessário reforçar que a fama é um fenômeno dinâmico e complexo, cheio de significações culturais. Como bem demonstrou Maria Coelho (1999), ela está circunscrita no interior da indústria cultural e da comunicação de massas. Para a autora, a fama é o espaço privilegiado para discutir a relação complexa entre indivíduo e indústria cultural, e também o modo como ocorre essa articulação. Sendo assim, é preciso observar a dupla dimensão no caráter relacional da questão: onde há fama, há fãs e ídolos e esse é um relacionamento de projeção de imagem de um ao outro.

¹⁹ O último título da seleção de futebol tinha sido a Copa América de 1995. Porém, a seleção de Óscar Tabárez, que já tinha caído nos braços da nação com o quarto lugar na África do Sul, coroou de vez seu trabalho com o 15º título da Copa América, vencido no torneio realizado em 2011.

²⁰ Maior espaço para a questão será trabalhada no próximo capítulo, quando analisaremos o conteúdo midiático do jornal *Ovación* na Copa do Mundo de 2010 e na Copa América de 2011.

Suárez se destaca por um conjunto de características peculiares a sua trajetória de vida. Menino do interior, de família humilde, pai alcoólatra, pais separados, ele começou jogando no Baby Futebol do clube Deportivo Artigas, na cidade de Salto. Depois de mudar-se para a capital, ao fim da infância, tentou vencer os desafios – da condição familiar e social – da adolescência pobre jogando futebol, caminho viável para aproximar-se do amor de sua vida, Sofia Balbi²¹. Diante de um prognóstico como esse, a volta por cima do jogador atuando no futebol europeu, e pouco tempo depois, triunfando com a seleção, conquistando prêmios e contratos milionários no futebol inglês, “Luisito” consolida-se como grande ídolo do país.

A condição de ídolo pode ser passageira, já que sofre um processo de renovação cíclica – outro jogador ocupará seu lugar com o passar do tempo. No caso do nosso objeto, isso ficará notável na passagem de idolatria de Forlán para Luis Suárez. Um ocupando o lugar de importância do outro na seleção. Entretanto há outro fator extracampo que precisa ser levado em consideração. Na sociedade contemporânea, o jogador que assume o papel de ídolo passa a “sofrer” maior exposição da mídia. Sendo assim, é comum vermos todo tipo de cobertura dos meios de comunicação que vão além da esfera esportiva. Interessa-se pela vida privada do indivíduo. Qualquer coisa relacionada ao mundo particular passa a interessar e ser tratado como notícia. Pelo fato de serem admirados, eles carregam uma responsabilidade implícita de “dar o exemplo”, uma vez que, suas atitudes podem influenciar as pessoas através dessa relação da fama.

Em se tratando de Luis Suárez, um exemplo da ideia acima – de que o ídolo é um modelo a ser copiado – encontra-se no romance escrito por Ana Laura Lissardy, *Ser Luis* (2015). A obra é derivada de um processo híbrido de ficção e realidade. Ali, o objetivo é claramente de cunho moral, motivacional, assumido pela própria autora, em entrevistas a redes de televisão e em eventos acadêmicos.

A ideia era fazer uma novela baseada na história de Luis Suárez, que é toda cinematográfica por tudo que passou na sua vida, para jovens, pois não havia material para jovens. Então, conversamos muito que a melhor maneira seria desaparecer eu como autora e ser só um nexo entre os jovens e crianças do Uruguai e Luis Suárez²².

²¹ A história de amor entre Luis Suárez e sua esposa, Sofia Balbi, começou na adolescência. A relação é explorada nas narrativas sobre o uruguaio de que essa relação, de certa forma, “salvou” o jogador de uma vida equivocada. O próprio jogador admite esse papel que Sofia tem na sua vida em sua autobiografia e em diversas entrevistas. Ainda jovens e apaixonados, Sofia mudou-se com a família para Barcelona, na Espanha. Separados fisicamente, Suárez diz ter se dedicado ao futebol profissional com o intuito de poder juntar dinheiro e voltar a vê-la.

²² Trecho retirado de uma entrevista da autora sobre a obra no programa de Televisão *Desayunos Informales*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MAdBCFjbMgk>>. Acesso em 17 jun. 2017. Tradução nossa.

O livro narra o encontro de um menino e seu ídolo e as mudanças que geram esse encontro na vida do garoto. A história é de Tomás, um adolescente de 13 anos que ganhou um concurso para entrevistar o principal jogador do seu país na atualidade. Quando conhece a história do atleta, ele vai ganhando um incentivo para mudar seu comportamento. O atacante relata a Tomás que sofreu bullying nos tempos de colégio, em Montevidéu, depois que se mudou de Salto. Riam de seu sotaque, sua origem, sua cabeça, dentes e orelhas expressivas. Suárez diz ao menino que aprendeu a não dar importância e então o ensina como agir para ser forte na vida e a lutar pelo que quer e crer em si mesmo. Dessa forma, Tomás vai aprendendo com seu ídolo²³.

O talento de um jogador, sempre acompanhado por uma personalidade marcante, reforça o anseio da população, por meio de sua trajetória. Em quase todos os casos, eles são espelhos de suas coletividades, que se projetam neles. Tal contato ocorre por meio da mídia, que reforça, através de suas construções textuais, a “imagem heroica” e um dos objetivos centrais desta pesquisa é verificar as representações de Suárez, questionando se elas se aproximam das definições de ídolo ou de herói. Estamos de acordo com a hipótese de Helal, que em diversos textos escreveu sobre a descrição e diferença entre ídolos e heróis, assim como descreveu GIGLIO (2007), em sua dissertação, no trecho abaixo:

O que define e distingue o ídolo do herói são as categorias tempo e espaço. O ídolo é construído dentro de uma lógica de fatos que ocorrem de forma temporal (cronológica) que o coloca em condição de ser idolatrado a partir do referencial da história construída no clube. Muitas vezes o atleta carrega o status de ídolo quando se transfere para outra equipe. Mas para que continue reverenciado, precisa criar um novo vínculo com o clube e a torcida. Para atingir essa condição não necessita de algum fato especial, precisa criar o vínculo com os seus fãs. O herói está vinculado a um curto espaço de tempo, muitas vezes relacionado a um evento isolado, como uma final de campeonato ou uma Copa do Mundo, e tem o seu feito transformado em heroísmo. Esse feito pode ser um gol, mas não pode ser em qualquer campeonato, porém não o transformaria em herói, porém, precisa realizar algum feito importante em uma situação capaz de mistificá-lo. (GIGLIO, 2007, p.125-126)

Em sua dissertação de mestrado, Sergio Giglio expôs as diferenças básicas que envolvem os conceitos de ídolo e herói. Em muitas vezes, principalmente pela imprensa, eles se misturam. Para diferenciá-los, em nossa análise, procuramos compreender e contextualizar os discursos do *Ovación* sobre o atacante da Seleção uruguaia enquanto ele esteve defendendo a camisa Celeste. Neste percurso, vamos percebendo que as noções de idolatria e herói vão se misturando e, principalmente, ganhando novos significados. Como ídolo, Suárez assume seu papel de protagonismo a partir da Copa América de 2011, embora já tivesse o status de ídolo

²³ As perguntas da entrevista que Ana Laura Lissardy fez a Luis Suárez foram formuladas por crianças de todo Uruguai, desde a capital às cidades mais rurais do país, através de concursos escolares.

ao realizar feitos importantes durante o mundial sul-africano um ano antes. Como protagonista, entretanto, passa assumir uma condição de herói, tornando-se principal jogador do torneio continental e figura determinante para a conquista do título. Mais a frente, verificaremos se sua condição se permanecerá, apesar dos fracassos seguintes. Dessa forma a categoria ídolo precede a de herói, ou seja, antes de ser herói, o jogador é considerado ídolo (GIGLIO, 2007).

Em *O herói de mil faces* (1995), Joseph Campbell afirma que o herói se distingue do ídolo por seus atos e conquistas. Para ele, o herói enfrenta obstáculos considerados intransponíveis, mesmo assim, os vence e retorna à comunidade, trazendo benefícios aos seus semelhantes. Ainda segundo o autor, as provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode sê-lo de fato. Neste viés, o herói é ídolo, pois desfruta de grande popularidade e admiração, mas o que o distingue, em sua denominação, de “herói” é o feito que realiza.

Sobre este pilar teórico, nos propomos testar a hipótese sobre condição de ídolo ou herói do jogador, observando as narrativas ao largo das competições, considerando o momento histórico e o contexto cultural a qual cada uma delas se insere. A pesquisa sobre a representação midiática feita sobre as páginas do *Ovación* está inserida nas nuances da seleção comandada por Oscar Tabárez, cuja ideologia se finca na ideia de que “o caminho é a recompensa”²⁴. Esta contextualização vinculada aos acionamentos da memória praticados pela imprensa esportiva uruguaia será importante para discutir e compreender uma “ressignificação” do conceito de herói do jogador durante os fracassos da Celeste Olímpica em Londres (2012) e no Mundial do Brasil em 2014, tal qual veremos nas páginas a seguir.

²⁴ Para maior compreensão sobre a trajetória e filosofia de trabalho do treinador da seleção uruguaia, recomenda-se a leitura do livro *El camino es la recompensa*, de Horacio tato Lopez (2012).

2 CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO ÍDOLO

Ronaldo Helal (2001) afirma que a interação da sociedade com o futebol é mediada pela imprensa. Entretanto, ele faz uma ressalva importante que relativiza o papel da imprensa, contrariando a ideia de manipulação. Segundo ele, tanto os meios de comunicação quanto o próprio espetáculo futebolístico são constituídos por uma gama de discursos que os rodeiam. “Nesse sentido, mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artista e audiência (...) coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra” (Helal, 2001, p.151).

Dessa forma, as narrativas da imprensa esportiva durante a cobertura das principais competições internacionais durante o ciclo 2010-2014 se constituem em um interessante material de análise, pois elas foram construídas em diálogo com um repertório de representações contidas no imaginário nacional uruguaio.

Em se tratando dos discursos do jornalismo esportivo e, mais especificamente, das coberturas da seleção nacional torna-se mais nítida a postura emotiva e torcedora. Em sua Tese de doutorado, Leda Costa mostrou que tanto a exaltação de uma vitória quanto o inconformismo de uma derrota, as análises seguintes às partidas evidenciam o quanto estas estão reféns dos resultados (COSTA, 2008). Mais que isso, ela também mostrou que a subjetividade permeia os textos do jornalismo esportivo, sempre recheados de sentidos e emoções que visam atingir ao leitor-torcedor.

Quando o assunto é futebol, a imprensa costuma ficar longe da imparcialidade e objetividade, ideais pelos quais afirma se pautar. O caráter híbrido do discurso da imprensa esportiva, que muitas vezes se vê mesclado à lógica torcedora, em parte se mostra necessário, pois seu principal público é formado justamente por apaixonados torcedores. Eles não são apenas receptores da mensagem, mas são também personagens importantes das narrativas de futebol produzidas pela imprensa. (COSTA, 2008, p. 56)

A autora também mostra que quando se trata de cobrir grandes eventos como as Copas do Mundo, o discurso jornalístico fica ainda mais carregado por figuras que se assemelham ao folhetim e ao melodrama. No caso da imprensa uruguaia, o jornalista e pesquisador Luis Prats, autor do livro *La Crónica Celeste. Historia de la selección uruguaya de fútbol: triunfos, derrotas, mitos y polémicas (1901-2010)*, questiona a capacidade crítica dos periodistas durante a cobertura da seleção em competições.

Frente a los acontecimientos deportivos y en especial ante la Selección nacional, rara vez la prensa deportiva uruguaya ha analizado su propio papel. En un país donde el periodismo, más que un fin en sí mismo, frecuentemente ha sido un medio para otros

objetivos, por lo general políticos, es usual que los medios proclamen: “hay que apoyar la selección”. (PRATS, 2010, p.11)

Para ele, os jornalistas uruguaios são bem discretos quanto à preferência local de times, porém não se acanham ao declararem-se apaixonados pela seleção. Por isso, se aceita a ideia de que além do papel de informar, eles podem opinar. Obviamente, a postura não é unânime, mas há uma compreensão de que apoiar a seleção seja uma função do jornalismo e por esta razão consideram que as críticas podem ser “piedras en el camino”. Pesquisando os discursos, o autor fez a importante observação:

Relendo velhas coleções de jornais e revistas, pode comprovar-se que a informação sobre o dever da Celeste adota uma projeção com certa informalidade: desde notas e títulos que falam de “esperança” ou pelo menos de “expectativa” durante a etapa preparatória, acompanhados por críticas bastante moderadas, até desembocar no triunfalismo (se se ganha) ou duras reprovações (se perde)”. (PRATS, 2010, p.12)²⁵

Muitos anos longe de um Mundial da FIFA, a Copa de 2010 forneceu novamente elementos sociais na representação nacional do futebol. Afastado dos grandes jogos por muitos anos, nação e seleção se abraçaram num discurso que caminhava na mesma direção. Era como se os 23 jogadores uruguaios na África do Sul fossem um reflexo do “ser uruguaio”. Essa ideia pode ser observada nas entrevistas dos jogadores, nos discursos dos jornalistas (especialmente os colunistas) e na reação popular das ruas representada nas páginas do *Ovación*. Na era da interatividade digital, muitas mensagens foram recebidas e postadas como sintoma da comunicação interacional do século XXI. Não estranho, poucos meses após o término da Copa, em julho, já havia livros de memórias, de fotografias e glossários sobre a participação mundialista. Era propício para o mercado vender e consumir a exaltação nacionalista no melhor momento desde 1950.

O curioso é que na década de 1990, havia uma divisão na principal equipe do país por conta das divergências entre jogadores locais e os que atuavam no exterior.

Uma mostra desses elementos será apresentada neste capítulo. Pois além da representação que o jornal faz sobre o atacante Luis Suárez, é preciso compreender o contexto da atual seleção, o contexto da filosofia de trabalho de Oscar Tabárez sobre os jogadores, seja no que tange a questão técnica do esporte, mas também a comportamental, da compreensão do significado de vestir a Celeste e representar o futebol do país.

²⁵ Tradução nossa.

2.1 A caminho da idolatria: a atitude recompensada

Foram oito anos de espera e para um país onde o futebol é importante trata-se de uma melancolia profunda. A participação nas Eliminatórias foi de percalços e instabilidade. Na quinta colocação, foi preciso jogar a repescagem contra a Costa Rica para ser uma das 32 seleções que disputariam a Copa de 2010²⁶.

O Uruguai não era sequer citado entre os favoritos ou que chegariam longe na competição, mas apesar dessa desconfiança, a imprensa internacional acreditava que o Grupo A (França, México, África do Sul e Uruguai) era o “grupo da morte” dentro do torneio. Com adversários considerados difíceis e a seleção anfitriã no caminho, os jornalistas adotavam um tom cético e qualquer voz dissonante era vista como sonhadora ou utópica, como relata o jornalista Sergio Gorzy, apresentador do programa *Cámara Celeste*, em seu livro homônimo. Desacreditada, o plantel teve que recriar sua imagem logo após jogo.

Uma semana antes do Mundial da África do Sul, no dia em que a seleção embarcava para a África do Sul, em quatro de junho, o jornal estampou uma matéria destacando o bom momento de seu camisa dez. “Esperando golos de Diego”. A manchete é seguida com uma pergunta no subtítulo: “Poderá ser Forlán o máximo artilheiro do Mundial?”. A reportagem traz diversos especialistas que se mostram otimistas com a boa fase do jogador no Atlético de Madrid, da Espanha. Profecia ou não, a matéria, assinada pela jornalista Silvia Perez, mostrava quem era a principal estrela na seleção. “Diego Forlán es indudablemente la gran figura de la selección uruguaya” (*Ovación*, 04/06/2010, p.5). A matéria justifica que ele jogará seu segundo mundial, está na idade ideal, foi duas vezes bota de ouro na Europa e ainda chega a África do Sul num grande momento. São essas as credenciais do meia-atacante, um dos mais experientes do elenco, ao lado de Sebastian Abreu e Diego Lugano.

Apesar de ser apontado como astro principal do elenco, não havia uma conotação maior para individualidades no time. A força do grupo era destacada pelos comentaristas, em conformidade ao espírito de equipe trabalhado pelo técnico. Há um entendimento na matéria de que Forlán brilharia tanto quanto o Uruguai permitisse em suas atuações na competição. Para o presidente do Peñarol, na época, Juan Pedro Damiani, “Forlán puede ser el goleador en Sudáfrica, ¿por qué no? Aunque va a depender de lo lejos que llegue Uruguay...” (*Ovación*, 04/06/2010, p.4). Quem destaca a força do grupo é Manuel Keosseian, jogador campeão em clubes pelo Uruguai, Costa Rica, Honduras e Guatemala: “Individualmente, Forlán está para

²⁶ O Uruguai venceu o primeiro jogo fora de casa por 1 a 0. Na partida de volta, em Montevideu, Sebastian Abreu foi o autor do gol da classificação.

ser el goleador, pero depende como se vaya a Uruguay. Y en Uruguay, de afuera, sin estar involucrado, veo un grupo muy fuerte” (*Ovación*, 04/06/2010, p.4).

Dia da estreia contra a França. O *Ovación* destaca confiança na força ofensiva da seleção e Luis Suárez é descrito como “Pura Potencia”, ao lado de Forlán, que aparece como “La referència” e Gonzalez, como “el Talento”. No quadro descritivo do atacante do Ajax:

Luis Suárez, pura potencia: Llega al Mundial bajo la sombra de Forlán, pero dotando de prestigio su nombre a fuerza de goles temporada a temporada. Delantero potente, difícil de marcar y buen definidor, sobre todo con su pierna hábil, la derecha. Hizo 49 goles en los 46 partidos de su temporada. (*Ovación*, 11/06/2010, p.7)

A chamada da página sete é “Fábrica de goles”, em referência aos 77 gols marcados por Suárez e Forlán na última temporada da Europa. Além deles, a matéria menciona também a boa fase do volante ofensivo “Nacho” Gonzalez que joga na Grécia. Aqui, a referência é o ataque, mas uma vez mais, ao trabalho de equipe do treinador.

Uruguay no es candidato a ganar el Mundial, por cierto. Pero seguramente tampoco sea “punto”. El proceso, tan serio como su líder Tabárez, há possibilitado un cambio generacional por el que se transitó sin brusquedades y del cual surgió un grupo unido y fuerte, vital em momentos duros. (*Ovación*, 11/06/2010, p.7)

Green Point Stadium, Cidade do Cabo. Uruguai e França, duas campeãs mundiais, tinham os mais valiosos jogadores do grupo A. Nesse sentido, um empate não seria um resultado improvável. A partida foi equilibrada, mas com risco maior para o Uruguai nos minutos finais, após a expulsão de Nicolas Lodeiro, aos 81 minutos. O placar sem gols acabou desagradando mais pelo baixo nível técnico do que pelo resultado em si. “Dominaron los nervios y a la pelota la maltrataron más de la cuenta. Faltó creatividad y se terminó luchando. Sólo luchando”²⁷.

José Mastandrea, também jornalista e colunista do *Ovación* mostrou sua decepção, mas sem abandonar a esperança: “Allí apareció Uruguay en el Mundial. Con ganas, con entrega, con lucha, pero sin fútbol. Una pena, pero la esperanza es lo último que se pierde. No fue un regreso con gloria, pero tampoco con pena. Estamos vivos y eso es lo que vale. ¿O no?”²⁸. O empenho foi mencionado, principalmente dos defensores que conseguiram conter a força ofensiva francesa. As objeções maiores foram para Forlán, Suárez e o esquema tático. No fim das contas, a partida tornou-se um divisor de águas.

²⁷ Trecho retirado do texto do editor do *Ovación*, Edward Pinón, publicada no dia 12 de junho na coluna “Soy Celeste”.

²⁸ Trecho retirado da coluna “Desde el arco”, do jornalista publicada no dia 12 de junho.

Para o jogo contra a anfitriã, Óscar Tabárez fez alterações que, segundo o diário, deixaram a seleção mais ofensiva: trocou Victorino por Fucile e Nacho Gonzales por Cavani. Seria a estreia do trio Forlán, Cavani e Suárez na equipe. Noticiando a mudança, o *Ovación* destacou o fato de Cavani e Suárez nascerem na mesma cidade, Salto, e que juntos fizeram quatro gols, dois cada um, no Mundial Sub 20, em 2007. A matéria está assinada por Jorge Savia, enviado em Pretoria. A reportagem se preocupa em informar como os jogadores se comportaram taticamente em campo, informando que Suárez jogará na sua posição habitual, como atacante centralizado. Até o momento, ele não sente ainda pressão por gols. A matéria faz pouco julgamento e abre espaço grande para a fala do jogador na coletiva. Destacando, em olho, o trecho que simboliza um pouco a tônica de grupo: “Siempre quiero convertir, pero si ganamos con un gol de Lugano en la hora, voy a estar contento igual”.

O Urugay venceu por três a zero com dois gols de Forlán e um de Álvaro Pereira. Embora Suárez não tenha marcado, ele aparece no jornal ao lado de Forlán como a principal figura em campo: “Suárez fue escoltado por Forlán y Cavani, cada uno por un lado. El de Palermo fue un punta más cuando Uruguay tuvo la pelota y tapó sus imprecisiones con esfuerzo. Suárez y Forlán fueron las figuras de la cancha” (*Ovación*, 18/06/2010, p.7).

Em outro quadro da arte, intitulado “Las figuras”: A nota do artilheiro foi oito e a do saltenho foi sete.

Demonstraron porqué son la preocupación de los rivales uruguayos. El del Ajax inquieto com sus desmarques y habilidade com la pelota. Apiló infracciones, algunas muy duras. Forlán manejo los hilos del equipo. La quiso siempre, asistió com precisión y anotó en momentos claves. (*Ovación*, 18/06/2010, p.7)

A manchete é: El día después: Uruguay festejó gracias a un buen planteo táctico y una sólida ejecución”. (*Ovación*, 18/06/2010, p.7). No mesmo dia, a matéria de dupla página destaca que o Urugay tem a melhor defesa do mundial, a única que passou 180 minutos sem levar um gol. A matéria demonstra a confiança na equipe no mundial. Um discurso menos duro após o empate em 0 a 0 da estreia diante a França.

Este Uruguay esta aguerrido. Sólido en sus líneas. Con un juego que, como lo dijo el próprio maestro Óscar Tabárez, se fortalece a partir de la solidariedade de todos sus hombres para dar un poco más en procura de no ofrecer brechas. Todos correm, todos marcam”. (*Ovación*, 18/06/2010, p.8)

Loftus Versfeld, 16 de junho. Antes de seguir para o estádio, o capitão Lugano recebe um telefonema do presidente José Mujica. De acordo com o *Ovación*, os urugaios seguiram com a autoestima e confiança elevada e não se intimidaram com as vulvuzelas e os quarenta mil torcedores que apoiavam a seleção local. Respeitosamente, a Celeste venceu a África do

Sul de forma incontestável, por 3 a 0. Gols de Álvaro Pereira e Forlán (dois). O Camisa dez dava início a sua melhor exibição da carreira pela seleção. Fernando Muslera, aniversariante do dia (24 anos na época) também aumentava seu recorde, sem tomar gols.

O resultado sobre a África do Sul derrubava um jejum de vinte anos sem vitória em Copas do Mundo. Um dos feitos históricos desse plantel, que comemorava o triunfo de forma mais objetiva: o saldo de gols garantia o Uruguai em primeiro lugar no grupo. Era mais do que os críticos poderiam imaginar. Acostumados à calculadora, a liderança alimentava um sonho que parecia impossível.

Na partida contra o México, apesar de um empate servir às duas seleções, estava em jogo a primeira colocação do grupo e isso significava fugir do confronto com a Argentina nas oitavas de final, o que seria bem desagradável.

Apesar do placar magro, vitória por 1 a 0 com gol de Luis Suárez, o confronto em Rustenburg não foi complicado.

Se a comemoração da classificação em primeiro não era visto como algo pequeno, outra estatística enriquecia a vitória uruguaia em Rustembrug, no dia 22 de junho: a seleção não obtinha duas vitórias consecutivas em Copa do Mundo desde 1954 (56 anos). Ainda sem tomar gols, Fernando Muslera se tornava o goleiro menos vazado da Celeste.

Como não poderia deixar de ser, autor do gol da vitória sobre o México, Suárez estampou a capa do periódico que dizia: “Alucinante”: Uruguay ganó el grupo y está entre los 16 mejores del mundo”. Apesar do feito individual do jogador – o primeiro nesta Copa –, o mérito ainda é dividido com o grupo.

Na crônica principal do jogo, o destaque vai para o desempenho da equipe e o título da crônica do caderno é metafórica: “Rugió el león celeste” o subtítulo é: “Uruguay se hizo sentir em todas partes”. A crônica destaca a classificação em primeiro lugar do grupo A, com sete pontos, quatro gols a favor e nenhum contra, comparando os jogadores que protagonizaram os três jogos e mais o treinador de “Leões”, de forma simbólica. De acordo com os textos, o treinador tem um mérito especial na formação da equipe dentro de campo, com alterações de acordo com a dinâmica do jogo, fortalecendo a linha de defesa com estratégias de combate em contra-ataques, aproveitando as características de Forlán, Suárez e Cavani para isso.

No texto abaixo, isso fica claro nas palavras do editor do *Ovación*, Edward Piñón, em sua coluna:

Un equipo con sangre charrúa
Lo conseguieron. Se rompieron varios maleficios.
La Celeste está ganándose el respeto que merece. Por la historia gloriosa, sí pero también por el espíritu y la sangre de estos jugadores.

No lo dude, uruguay vuelve a la consideración mundial gracias a las manos de Muslera, a la fuerza de Lugano, al temple del “Cacha” y del “Ruso”, a la calidad de Forlán, a la seguidida de Fucile, al poder ofensivo de Suárez y cavani.

Da orgullo verlos correr, sacrificarse en pos del beneficio global, colectivo. Llena de satisfacción observar la actitud que tienen para ir en busca de la pelota o en la ayuda del compañero. Esse es el Uruguay de siempre. Volvió. Se extrañaba. Pero está de nuevo.

Este equipo se fortalece através del espíritu. Entra a dar la batalla em todos los partidos.

Y no hay dudas que esto es obra de los líderes que reunió el maestro Oscar Tabárez. Volvió la Celeste. Un equipo con sangre charrúa. Es lo que esperábamos ver. (*Ovación*, 23/06/2010, p.5)

Individualmente, Suárez ainda não se sobressaía, ao menos nas páginas do diário. Embora tenha sido o autor da vitória, ele não obteve a maior nota dos avaliadores do jornal, por exemplo. Para o *Ovación*, o seu desempenho em campo mereceu nota 7: “muy bien. Hizo el gol com um cabezazo letal, protagonizó llegadas profundas, amenazantes” (*Ovación*, 23/06/2010, p.6). As maiores notas foram para os volantes Diego Pérez e Arévalo Ríos e o zagueiro Fucile, considerado o melhor em campo, segundo a matéria de Jorge Savia: 8. Mesmo assim, ainda nas últimas páginas da edição, o jornal publicou uma entrevista de página inteira feita com o jogador sobre a partida. Nela, chama atenção suas palavras para falar da equipe. Um discurso que se lê em todas entrevistas dos jogadores e análises dos escritores do jornal.

Mas, a história do camisa 9 começa a mudar na partida das oitavas-de-final. No dia do jogo, a capa do jornal é dividida em uma arte com Forlán e Suárez e um dragão com a bandeira sul-coreana. Dentro da edição, há, na página sete, uma pequena matéria baseada na entrevista coletiva do atacante falando do alívio que sentira após o fim do jejum na Copa.

Llegar a esta instancia después de haber convertido un gol en los mundiales es sumamente transcendente. Así, incluso, lo vive Suárez, quien confesó que el gol ante México lo había liberado. “Es que siendo delantero, y viniendo como venía yo, muy cuestionado, dolía mucho..., por suerte, esse momento ya pasó, así que me siento aliviado”.

El jugador del Ajax, con mucha autocrítica, estableció: Yo lo sabia reconocer, que estaba dolido porque en la selección no me salían las cosas como yo queria, pero hasta la prensa decía que yo hacía en Holanda, acá lo erraba...y eso duele, porque yo quiero más hacer goles en la selección que em Holanda. (*Ovación*, 26/06/2010, p.7)

Em seguida, o jornal publica uma entrevista de página dupla (8 e 9) com o jogador Diego Forlán, confirmando ser a estrela do grupo, ainda que o todo seja bastante enaltecido. Na conversa, a expectativa do jogo contra a Coreia do sul, do Uruguai no mundial e o posicionamento tático dentro de campo.

Contra a Coreia do Sul, em Porto Elizabeth, o treinador consolidou a escalação da equipe com quatro jogadores na defesa: Maximiliano Pereira, Lugano, Godín e Fucile; Álvaro

Pereira, Arévalo Rios, Diego Pérez e Forlán no meio de campo; Suárez e Cavani na frente. O gol de Suárez aos oito minutos não intimidou os asiáticos e a partida foi muito disputada. Insistentes, a seleção coreana conseguiu acabar com a invencibilidade de Diego Muslera de 338 minutos (sem contar os acréscimos por partida)²⁹, aos 68 minutos, após uma bola mal desviada pelos zagueiros uruguaios, Lee Chung Yong aproveitou a sobra e cabeceou desajeitado, mas certeiro no fundo da rede. A esta altura, dava a impressão de que a virada era eminente, mas os uruguaios conseguiram superar o cansaço e o adversário com outro gol do saltinho, aos 80 minutos.

Na edição do dia 27 de junho, chama atenção a manchete sobre uma imagem do atacante de braços abertos emocionado após o gol da vitória: “Suárez, sinônimo de Gol”. O texto contrasta com a matéria do dia anterior, na qual falava do alívio que ele sentira pelo fim do jejum no mundial. “El hombre que hacía los tantos en el Ajax de Holanda y que tenía el importante antecedente de marcar en los momentos decisivos de las Eliminatorias apareció com todo em la Copa del Mundo” (*Ovación*, 27/06/2010, p.10).

E abaixo da foto, a legenda de ideia complementar: “viejo y peludo, no más. El goleador del fútbol europeo hizo emocionar a los uruguayos con un doblete espectacular para seguir en carrera”.

O feito do jogador na partida e classificação histórica (ver o número) mudam a perspectiva que o jornal tem sobre o jogador. Pela primeira vez, atribui-se o adjetivo “herói”, como status de valor e reconhecimento a sua parcela de responsabilidade na classificação.

Da cidade sul-africana, escreveu o correspondente Jorge Savia:

Uruguay tiene un novo héroe nacional. Se llama Luis Suárez y viene de Salto. Con sus três goles em los últimos dos partidos no sólo se terpo al primer lugar entre los artilleros del Mundial sino que, además, coloco a la Celeste entre los ocho mejores del mundo.

A esta altura del torneo es si acaso, el jugador más determinanante que há tenido Uruguay. Anoto el gol que aseguró el primero puesto del Grupo A en el triunfo 1-0 sobre México y ayer convirtió los dos con los que la Celeste alcanzó los cuartos de final en Mundial por primera vez en 40 años. (...) Uruguay sigue vivo en Sudáfrica, rescatado por su heróe; un tal Luis Suárez. (*Ovación*, 27/06/2010, p.10)³⁰

Na tradicional crônica do jogo, o texto reconhece que o Uruguai não fez uma bela exibição como nas vitórias diante da África do Sul e México, mas então, como recurso

²⁹ Superando o recorde anterior de Ladislao Mazurkiewicz que era de 270 minutos sem tomar gol na Copa de 1970..

³⁰ Embora não seja objeto estrito de análise, a capa do Jornal *El país* do mesmo dia era a foto de Luis Suárez em pé comemorando o gol com a seguinte legenda abaixo: “El Héroe”. No mesmo dia, o saltinho também estampou a capa do *Ovación*, suplemento esportivo do jornal que estamos analisando. Mas, desta vez, a referência da legenda era para o feito da classificação 40 anos depois: “dias de Gloria”, um destaque mais coletivo, portanto.

linguístico, a matéria recorre às justificativas enaltecidas do que seria a característica “batalhadora”, “guerreira” do futebol uruguaio, como se lê no trecho: “Es cierto, Uruguay no jugó como contra Sudáfrica, ni tampoco como contra México; pero este equipo es así, solidário, deja el alma y no perde totalmente el orden ni em las malas” (*Ovación*, 27/06/2010, p.4).

Aos poucos, as narrativas iam sendo requintadas com destaques de dramaticidade. Ao fim da mesma crônica, a descrição do gol da classificação que evitou a prorrogação da partida:

No fue así, por suerte. No fue así, porque el “Ruso” Pérez hizo ceder un corner metiendo como si fuera la última jugada y porque en la segunda pelota de esse tiro de esquina, Suárez volvió a pararse en la punta del trampolin que Uruguay tiene en el ataque y, con el impulso de todos, del fondo y el mediocampo, hizo esa manobra personal y letal con la cual el fútbol uruguayo se zamulló, en médio de uma cancha a esa altura llena de charcos, hacia la profundidad de su glorioso pasado y a estar entre los ocho mejores equipos del mundo. Un lugar a donde no llegaba nada más ni nada menos que hacía 40 años. (*Ovación*,/06/2010, p.4)

Não antes de acabar a mesma publicação, o jornal traz um texto com uma pequena inserção da entrevista do jornalista com Luis, antes de deixar o estádio. No fim do texto, o repórter questiona o protagonismo do jogador no mundial, através do gesto humilde de Suárez que, como todos os demais atores envolvidos tantas outras vezes, enfatizaram o espírito de grupo como o “protagonista de verdade”:

Igualmente, Suárez le bajo un cambio a su protagonismo, afirmando que “los 23 jugadores que estamos acá estamos para un mismo objetivo. Aquí no importa quién los defienda, todos estamos compenetrados en que somos un equipo. Diego (Forlán), por ejemplo, há conseguido muchas cosas a nível personal, en los equipos que há estado, pero él es uno más entre nosotros, un compenetrado del mismo espíritu que todos los demás muchachos. (*Ovación*, 27/06/2010, p.15)

Única seleção sul-americana do mundial a esta altura, a delegação do Uruguai seguiu para Johannesburgo, onde enfrentaria não só Gana, mas todo um continente e torcedores simpatizantes do último africano da Copa³¹. O desprestígio numa partida já era algo comum, tanto que os uruguaiois gostavam de pensar que isso lhe favorecia dentro de campo, como fora no caso do “Maracanazzo”, por exemplo. Isso era um claro reflexo da identificação mítica de Davi *versus* Golias, mencionada por Rafael Bayce, que expusemos no capítulo anterior³².

³¹ Nas entrevistas, os jornalistas incitavam esse tipo de comparação e no dia do encontro, a página do Daily Sun dizia “We’re all Ghana fans today” e ainda usavam o neologismo: “Baghana Baghana”.

³² Após a vitória, e no dia seguinte, se ressaltou o lado nobre de um país pequeno, com torcida esmagadoramente menor, e uma seleção não querida pelos torcedores locais, vencer; derrotando todos os fatos que tinham contra si.

Após o domínio sul-coreano dentro de campo, o *Ovación* do dia 1 de julho, véspera do confronto com Gana, questionava se o grupo estaria fisicamente desgastado. Esse foi um foco importante na entrevista realizada com Diego Forlán. Por outro lado, a capa da edição comemorava a mudança tática do treinador, que informava que o meia jogaria no ataque ao lado de Suárez. “Ropa de 9”, diz a manchete³³.

Em outro momento, a matéria do correspondente fala do número de uruguaios que embarcaram para África do Sul para acompanhar de perto o confronto das quartas-de-final e menciona que a equipe está “mentalmente muy bien preparado”. Sempre correlacionando estatística, números históricos e o presente. A lembrança de que 1970 foi a última vez que a seleção havia disputado esta fase em uma Copa e também os números de gols de Forlán e Suárez pela seleção: 26 e 13, respectivamente.

Soccer Citty, 2 de julho, 20h30, horário local. Dentre os mais de 80 mil torcedores, menos de cinco mil eram “hinchas” celestes. De um lado, uma seleção bi campeã mundial contra uma jovem africana que nunca chegara tão longe na competição. Nesta equipe, entretanto, havia jogadores experientes que atuavam em grandes clubes europeus, como Appiah, Muntari e Asamoah (Inter de Milão e Udinese), Boateng (Getafe), Gyan e Mensah, na França.

O desgaste físico dos uruguaios era mencionado pelo periódico, com a cautela também de que as lesões de parte do elenco comprometeram o esquema e o desempenho durante a partida. Lugano machucou o joelho aos 25 minutos e foi substituído por Scotti, aos 37. Quatro minutos depois, o lateral Fucile perdeu a consciência, após bater a cabeça no chão. No segundo tempo, Lodeiro fraturou o pé, e jogou machucado em segredo. O Uruguai apenas criou boas chances até a metade do primeiro tempo, mas Gana abriu o marcador num chute rasteiro de longa distância de Muntari, já nos acréscimos.

Os revezes não abateram os sul-americanos e Diego Forlán igualou o resultado aos 55 minutos, com uma cobrança de falta com muito efeito. As duas seleções se revezavam com perigo, mas por pouco a classificação de Gana não aconteceu aos 120 minutos. Após bate e rebate na área do goleiro Muslera, Suárez, em cima da linha, salva o Uruguai ao colocar as duas mãos na bola. Pênalti! O atacante foi punido com o cartão vermelho, mas acabou agraciado com a ineficiência de Gyan que acertou a cobrança no travessão.

Na disputa por pênaltis, Muslera defendeu os chutes de Mensah e Adiyiah. Max Pereira foi quem desperdiçou a oportunidade para os uruguaios e para fechar, Sebastian

³³ Na capa do jornal *El País*, uma foto central da dupla abraçada com a frase: “Uruguay va por ser uno de los cuatro mejores”.

Abreu, batizado de Loco, fez juz a seu apelido. Havia expectativa sobre o que iria fazer, e acertou quem apostou que ele a fizesse. Foi com a “cavadinha” que a Celeste passou às semifinais³⁴.

Sobre o gesto de salvar o gol, atirando-se sobre a bola com as mãos, atitude de Luis Suárez foi interpretada como “a mão de Deus”, para os uruguaios, e a “mão do diabo”³⁵ para africanos, ingleses e desafetos do atacante. Mas, nas palavras do próprio jogador, quatro anos depois, foi apenas um reflexo automático em defesa da seleção.

Quando vi passar a bola contra Gana, automaticamente retrocedi até a linha de gol sem pensar. Vi que o nosso goleiro Fernando Muslera havia saído para fechar o centro e que um jogador ganês cabeceava. A bola bateu no meu joelho, mas quando voltou não podia crer e a parei com a mão. (...) Depois da expulsão por “salvar” um gol com a mão na linha, vi como Asamoah Gyan falhava em seu pênalti da entrada do túnel de vestiários. Corriam-me as lágrimas, estava despedaçado, mas quando a bola bateu no travessão, saí correndo em celebração. Talvez tenha valido a pena. (...) Graças ao toque de mão, Uruguai estava nas semifinais. Mais do que haver trapaceado, senti que eu havia me sacrificado, não era egoísta. Era de dar tudo pela minha equipe e por meu país. (SUAREZ, 2014, p.107-108)

A dimensão simbólica que a atitude do atacante teve despertou muito debate e atenção. De acordo com o renomado e influente escritor Eduardo Galeano, “La mano de Luis fue un acto de amor” é essa definição que mais se compartilha entre os uruguaios.

A melhor defesa do torneio não foi uma obra de um goleiro, mas de um goleador: o atacante uruaio Luis Suárez deteve a escorregadia bola com as duas mãos, na linha do gol, no último minuto de uma partida decisiva. Esse gol teria deixado o seu país fora da Copa. Graças ao seu ato de patriótica loucura, Suárez foi expulso, mas o Uruguai não. (GALEANO, 2012, p. 229)

Nas linhas do *Ovación*, a atitude também foi “divina”. Na capa do dia 03 de julho, aparecem os jogadores Perez, Fucile e Arévalo Rios, enfileirado acompanhando o desfecho do pênalti. A manchete diz: “Uruguay nomá”³⁶, expressão famosa da torcida uruaia, também repetida muitas vezes nas comemorações de gol entre os jogadores. Como subtexto da manchete, em letra menor, aparece: “las manos de Dios son celestes”, em referência clara ao ato do atacante que impediu o gol de Gana e a histórica mão de Maradona na Copa de 1986. Na crônica de jogo que vem sempre na página 4 do jornal, o destaque maior é para a decisão

³⁴ As chuteiras que Sebastian Abreu usou nessa partida estão expostas no Museu do Futebol no Estadio Centenario, em Montevideu.

³⁵ No dia 4 de julho, o diário sul-africano *Sunday Times* estampou a foto de Luis Suárez com chifres, olhos de sangue, como uma versão moderna de Drácula ou Lúcifer.

³⁶ “Uruguay nomá” é uma expressão criada pelos torcedores uruguaios, que, traduzindo, significa “Uruguai nada mais”. Como se nada mais importasse, apenas o Uruguai, o país, o povo. Os próprios jogadores e membros da comissão técnica aparecem constantemente celebrando os gols gritando essa expressão: “Uruguay nomá!”.

nas cobranças de pênaltis e a forma como ocorreu a classificação, com a “cavadinha” do atacante número 13, Sebastian “Loco” Abreu.

Na folha seguinte, a intervenção de Suárez é mais enfatizada pelas palavras do editor do suplemento em sua coluna, e não apenas descrita como parte de um acontecimento de jogo, como na crônica anterior.

Las manos de los ángeles
 Glorioso. Memorable. Jamás lo olvidará uruguayo alguno que haya sido testigo de este nuevo milagro celeste.
 Cómo te queremos, Uruguay. Cómo lloramos por vos. Cómo nos quedamos sin garganta. Cómo sufrimos. Cómo festejamos.
 ¡Qué vivan las manos de Luis Suárez! Porque gracias a esa soberbia intervención en la raya del arco impidió el gol de Ghana. Y esas manos angelicales forzaron la tanda de penales porque a Gyan le tembló el pie desde el punto penal.
 ¡Qué vivan las manos de Fernando Muslera! Qué arquero tenemos. Gracias a él estamos tocando el cielo. Y él ya se inmortalizó por los éxitos en materia de números y por la soberbia producción en la tanda de los penales.
 ¡Qué viva Uruguay! Este equipo que nos permite encontrarnos entre los cuatro mejores del mundo.
 ¡Qué viva la Celeste! (*Ovación*, 3/07/2010, p.5)

Para o editor, a atitude de Luis foi “Soberbia intervención” e suas mãos foram “angelicais”. Nas páginas de notas por atuação, apenas ele e o goleiro tiveram a nota 9, a mais alta dada pelo jornal. O texto que acompanha o desempenho do jogador resalta a questão da mão na bola como um milagre justo, uma vez que ele havia tentado de todas maneiras dar a vitória pelos pés, mas era impedido pelo goleiro rival.

Suárez metió arriba e hizo un milagro atrás
 Le tocó a él. Justo a él, que anduvo cerca de batir el arco de Ghana um par de oportunidades, sobre todo en la segunda etapa, y el arquero rival no lo dejó con alguna muy buena atajada.
 Le tocó a él, como si lo mereciera, porque pudo haberle dado el triunfo a uruguay – que para es ovino al Mundial, y vaya si há venido cumpliendo, como lo hizo contra los mexicanos y los coreanos – y no lo dejaron.
 No pudo, no lo dejaron. Entonces, fue como si se mereciera estar allí, parado en la raya del arco. Primero metió la pierna y en seguida instancia, las dos manos, desesperadas.
 Le tocó a Luis Suárez, el goleador, hacer el penal, ser expulsado, pero evitar el gol del triunfo de Ghana y possibilitar que llegaran los penales. (*Ovación*, 3/07/2010, p.7)

Na folha seguinte, Muslera é o destaque e a manchete continua com o enfoque “manos del Uruguay”. O texto, sem assinatura, classifica o feito do jogador como puro reflexo, qualificando-o de histórico.

Suárez grabó su nombre en la mejor historia de la forma menos esperada. No fue con un gran partido, como el que jugó ante sudáfrica, o un gol espectacular, como el que hizo ante a Corea del Sur. Fue con un penal que valió una roja. Su atajada, a

puro reflejo será de lo más se hablará esta tarde en nuestro país y en tantos otros. Así de determinante fue el manotazo de la figura del Ajax quien salvo sobre la línea, con el único recurso que tenía, el cabezazo con destino de gol de Adiyiah. (*Ovación*, 3/07/2010, p.8)

Ainda sobre a mão, um quadro fotográfico remonta as cenas da defesa do jogador e dos pênaltis que vieram. No título da primeira, lê-se novamente a ideia de heroísmo do jogador.

Mano heroica: la mejor roja de la historia: es rara la ocasión en que se puede festejar una roja recibida, mucho más extraño que se ala jugada clave para luego ganhar el partido. Eso fu elo que logro Suárez al atajar en la línea de meta el tiro de cabeza de Adiyiah. Antes, pero en la misma jugada, el salteño había evitado el tanto de Appiah con su cuerpo. El delantero se fue del campo entre lágrimas pero terminó siendo levantado en andas. (*Ovación*, 3/07/2010, p.9)

Na página 12, é publicada trechos da entrevista coletiva do treinador Oscar Tabárez. A publicação destaca em dois olhos distintos e complementares a fala do técnico sobre a mão de Suárez: “Esse término de robar es casi ofensivo, me desagrada. No creo que sea algo justo”. Disse, provavelmente em respostas às acusações de anti-jogo do atacante. Tabárez defende a intenção do seu comandado. “Fue instintivo y fue sancionado. “¿O es Suárez también culpable del fallo del penal?”, pergunta jogando a ideia de que a infração foi marcada e o jogador de Gana teve a sua chance de acordo com a regra. Mais a frente, o editor do *Ovación*, Edward Piñon, dá nova resposta aos que criticam a “convivência dos uruguaios com o gesto do atacante na partida contra Gana. No final de seu texto para a sua coluna “Soy Celeste”, ele responde que Suárez merece um monumento pelo que fez.

Un monumento para la atajada

Sólo puede aceptarse que la reacción de los periodistas ingleses, sobre la jugada en la que Luis Suárez evitó el gol de Ghana con una atajada típica de arquero, obedece al inmenso dolor que tienen por la injusta forma en la que se fueron del Mundial.

Como los uruguayos tuvieron que ver en esa trágica jornada, hay que comprender que de ahí nace esa estúpida interpretación de un supuesto "juego antideportivo" a la atajada de Suárez.

Caso contrario. Son burros o nunca pisaron una cancha de fútbol. De qué actitud antideportiva hablan cuando la decisión del jugador de salvar a su arco le ofrece al rival de turno un penal en la hora. Y, además, recibe la tarjeta roja por la falta.

Como les dijo el maestro Tabárez en la conferencia de prensa, ¿Suárez tiene la culpa de que a Gyan le haya temblado el pie? Así que, según ellos, lo mejor era que Suárez se agachara y dejara entrar la pelota en su arco.

Por favor, señores. Miren que Suárez no le convirtió un gol con la mano a Ghana, les dio un penal. En la hora. Entienden eso. Era la hora. Remate y gol. Punto. Y ninguno de sus comentarios hubiese referido a un "acto antideportivo".

Además, por si no recuerdan bien, si de actos comprometidos con la decencia deportiva se trata, no hay nadie que los iguale. O, acaso, no ganaron un Mundial con un gol que no fue y "armaron" un hermoso "paquete" con las ternas arbitrales para que Alemania venciera a Uruguay y ustedes a Argentina en el 66.

Por último, ante la pregunta que formularon sobre qué haremos con Suárez, acá va la respuesta: un monumento por la acción que nos dio la clasificación. (*Ovación*, 04/07/2010, p.24)

A partida é uma das mais procuradas e comentadas na Copa africana³⁷. A última disputa da seleção uruguaia numa semifinal de Copa do Mundo tinha acontecido em 1970, no México, e o desempenho na África do Sul mexeu com o orgulho dos uruguaiois.

Observando os relatos do jornal, vê-se uma grande conexão entre jogadores e a população do Uruguai nos meios comunicativos. Em várias entrevistas ao longo da cobertura, os jogadores fazem referência ao povo uruguaio numa relação de responsabilidade, mas também de inspiração. Depois da euforia da classificação sobre Gana, a manchete da entrevista do jornal do dia 04 de julho, com o defensor Mauricio Victorino foi exatamente um recorte de sua resposta à pergunta final: “El Compromiso nuestro es sólo con el Pueblo uruguayo”. Se questionável ou não, o fato é que a ideia é dita e representada diversas pelos jogadores e pelo próprio jornal, como se lê na coluna do editor, publicada no dia do confronto contra a Holanda. O título do espaço, aliás, emblemático: “Soy celeste”, genuíno canto da torcida uruguaia nos estádios e jogos da seleção.

A la cancha van los nuestros

A la cancha van los herederos de viejas hazañas, los que tienen recuerdos de triunfos épicos. Los que saben que su camiseta hizo hablar al mundo.

A la cancha van los que nacieron defendiéndose de países poderosos, los que aprendieron a forjar sus destinos con honra. Los que respetaron siempre al rival, pero nunca fueron entregados.

A la cancha van los hijos de un país acostumbrado a fortalecerse a partir del sufrimiento. Los que no tienen problemas en trancar con la cabeza, en jugar lesionado, en meter una mano para impedir un gol.

A la cancha van los que no se avergüenzan de sus raíces. Los que vibran en todos los rincones del planeta escuchando a Los Olimareños o a Alfredo Zitarrosa. Los que se jactan de ser de la misma tierra de "China" Zorrilla, Eduardo Galeano o Julio Sosa.

A la cancha van los que juegan por el respeto a la sangre de Nasazzi y Obdulio. Los que quieren immortalizarse como Scarone y Schiaffino. Los que saben que Uruguay es humildad y sacrificio.

A la cancha van los que llegaron sin hacer ruido, pero ya les armaron flor de alboroto. Los que no tenían cámaras de cadenas internacionales, los que todavía son ignorados por los medios europeos.

A la cancha van los que algunos dicen que son "tramposos", los que quieren enchastrar para ocultar lo vergonzoso que fueron sus actuaciones.

A la cancha van los nuestros. Los hijos de hombres y mujeres que se enorgullecen de haberles enseñado a dar la vida por su tierra.

A la cancha van los alumnos del maestro. Qué suerte que son los uruguayos. (*Ovación*, 06/07/2010, p.24)

Mas, o Mundial ainda não tinha acabado. Restava jogar contra a Holanda de Robben, Sneijder e outros jogadores experientes – que atuam em grandes clubes europeus – para continuar sonhando com a final e o título. Além do Uruguai, restavam três seleções europeias – Alemanha, Espanha e Holanda.

³⁷ No site da FIFA, o confronto recebeu a alcunha de “The most memorable match 2010”. Link disponível no canal FIFA TV na internet. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=tDpx9GGH79I>>. Acesso em: 1º. jun. 2015.

Os desfalques de Lugano, Lodeiro e Fucile eram comentados, mas principalmente, o maior deles – a ausência de Suárez, que cumpria suspensão pelo cartão vermelho. Logo ele, que atuava e era artilheiro do campeonato holandês. “Respiran con alivio porque falta Suárez: El delantero del Ajax iba ser pieza de sumo cuidado”, diz a manchete da página nove da edição de 06 de julho. Na capa do *Ovación*, Forlán e Sebastian Abreu eram estampados como se coubesse a eles a responsabilidade de cumprir os dizeres da chamada: “Exprímanla”; uma referência metafórica ao apelido da seleção adversária: laranja. O chamado de ação aos uruguaios era um só, exprimam-na. O *El país* também estava “jogando junto” com a seleção na África do Sul e fez uma folha protetora de fundo azul com o título “Hoy destine el cielo – Uruguay – Holanda 16h30”. Na chamada principal da Capa, a foto da comemoração da classificação sobre Gana e a legenda: “Por otro paso a la gloria”. Apenas essas referências são suficientes para mostrar que o periódico transitava entre o otimismo e a cautela, devido os desfalques, e à força do oponente que contava com Sneijder e Roben. Em termos técnicos, este era o maior desafio do Uruguai na competição.

A seleção sul-americana foi formada por Maxi Pereira, Victorino, Godín e Cáceres, na linha de quatro. Ruso Pérez, Egídio Arévalo e Gargano, no meio defensivo e Palito, um pouco mais adiantado. Cavani e Forlán formavam a dupla de ataque, Abreu continuava como suplente. O jogo começou equilibrado, mas aos 17 minutos, o lateral esquerdo e capitão holandês, Giovanni van Bronckhorst acertou um chute difícil no ângulo de Muslera, abrindo o placar. A marcação sobre Forlán era forte e ele tinha dificuldades para se locomover. Mesmo assim, o Uruguai também conseguia pressionar a defesa holandesa e, faltando cinco minutos para o término do primeiro tempo, o líder uruguaio igualou o placar.

O segundo tempo permaneceu equilibrado, porém, aos 69 e 72 min, vieram os gols holandeses. Já nos acréscimos, os sul-americanos diminuíram com um gol de Max Pereira, mas não havia tempo para tentar um novo empate e prorrogação.

Com o belo gol marcado na partida, e chances de ser o artilheiro da Copa, Forlán foi destacado na página quatro. Com uma matéria que ressalta a importância que teve para a seleção na competição. “Brilló la estrella Forlán: Apareció em las difíciles, lleva cuatro goles y está a três de Héctor Scarone”. A matéria, na verdade, intercala elogios a seleção de 2010 como um todo e à individualidade de Forlán, como esse fosse uma expressão e parte de um conjunto que deve ser enaltecido pela história. O texto é assinado pelo correspondente Jorge Savia:

Esta selección uruguaya cumplió no sólo el mejor papel de los últimos 40 años, lo que le permitió escribir más gloriosas de su rica historia. Está por demás decir que

este combinado celeste cumplió con las expectativas e incluso las superó, llegando más lejos de lo que cualquier hinchista – e incluso la cátedra del mundo entero – esperaba al meterse entre los cuatro primeros del mundo. Pero no sólo el colectivo cumplió, sino también sus individualidades. Y en este punto hay que destacar a Diego Forlán. (*Ovación*, 7/07/2010, p.4)

O texto continua com uma linha do tempo desde 1970, quando tinha chegado às semifinais de uma copa do mundo pela última vez. E o faz também trazendo para discussão a questão dos “repatriados”, ou seja, dos jogadores que atuam no futebol estrangeiro (fora do Uruguai):

Para hacer un poco de referencia a la historia del país, desde que comenzó “el éxodo”, también arrancó “la redota”, porque Uruguay, hasta este 2010, nunca más volvió a figurar en los primeros lugares del mundo. Peor aún, fueron más las ausencias mundialistas que las presencias, porque se fue a Alemania 1974, se faltó en Argentina 1978 y España 1982, se retornó para México 1986 y Italia 1990, otra vez “faltazo en Estados Unidos 1994 y Francia 1998, regreso para Japón y Corea 2002. Alemania 2006 se vio por televisión y retorno ahora a Sudáfrica. (*Ovación*, 7/07/2010, p.4)

A segunda metade da matéria fala sobre os sabores individuais, ou seja, Forlán e um novo brilho, uma vez que muitos antes dele, segundo o jornalista do *Ovación*, não correspondiam na seleção o mesmo que em seus clubes. Essa ideia é importante para reforçar a idolatria em torno do Camisa dez do Atlético de Madrid e, futuramente, como se verá, sequencialmente nos anos a seguir, também por Luis Suárez:

El “Crack”. Más allá de los sinsabores colectivos, a los uruguayos lo que más les había quedado en estas últimas décadas era el mal sabor de boca de ver como sus “estrelas” no brillaban como lo hacían en sus equipos. Si uno repasa los planteles de 1986 y 1990 queda claro que había un equipazo. Sin embargo, a la rápida vuelta a Montevideo (las dos veces se perdió en octavos de final) la pregunta fue la misma: ¿porqué en la selección no hacen alguno de los tantos goles que anotan en sus equipos? En este Mundial esa pregunta no quedó flotando.

Diego Forlán, dos veces Bota de Oro de Europa (uma con Villarreal y outra con Atlético de Madrid), llegó como el gran referente de este equipo celeste. Anotó los goles decisivos para que su equipo se coronara este año campeón de la Europa League. Había gran confianza depositada sobre él y vaya si cumplió. (...)

Con estos cuatro tantos mundialistas, Forlán llegó a 28 tantos con la Celeste, es el máximo artillero del seleccionado en actividad y está a sólo três goles de alcanzar el récord de todos los tiempos de Héctor Scarone, quien defendiendo a Uruguay conquistó 31 tantos.

Forlán tuvo la virtud, además, de que no jugó como delantero encastillado. Comenzó con punta neto ante Francia, volanteó (y lanzó a sus compañeros en ofensiva) contra Sudáfrica, México y Corea del Sur, fue medio punta ante Ghana y volvió al ataque ayer ante Holanda. (*Ovación*, 7/07/2010, p.4)

O jornal do dia seguinte à derrota e, conseqüentemente, ao fim do sonho de disputar o título é, portanto, muito mais uma tentativa de enaltecer todo o trabalho e resultado, apesar de não se chegar a final. As justificativas são apresentadas nos números e na história, como visto no texto reproduzido acima, mas também no desempenho dos jogadores, dentro e fora de

campo – nas entrevistas, nos contatos com a torcida, nos discursos, nas vibrações de gol. Tudo era documentado pelo jornal com muita simbologia nacionalista dos dois lados – atores e escritores, como vemos novamente nas palavras do editor, Edward Piñón, em sua coluna.

Son el gran orgullo del pueblo
Gallardos. Valientes. Dueños de la verdadera estirpe charrúa.
Jugaron y corrieron como leones. Metieron un disparate. Se sobrepusieron a todo. Al golazo que hubiese herido de muerte a cualquiera. A las burradas de los jueces de no anular el gol ilícito de Sneijder, por el off side de Van Persie. Al golpe mortal que significó el tercer impacto, de cabeza de Robben.
Se fueron con orgullo y la frente alta de la cancha. Se merecen todo. El reconocimiento y agradecimiento general por haber jugado como el hincha quiere.
Si terminaron apuñalando el área rival bajo la amenaza de empatar el partido cuando ya no quedaba ni aire en los pulmones.
Dio orgullo verlos transpirar la camiseta. Y aunque da tristeza el resultado, no se borra nada de lo que nos regalaron. Muchas gracias muchachos. Son el orgullo del Pueblo. (*Ovación*, 11/07/2010, p.5)

As páginas do jornal também deixaram espaço para falar da torcida e reproduzir o apoio que ela deu à Celeste, independentemente da derrota final³⁸. Suárez também ganhou uma página inteira, quase no final da edição (página 23), para marcar sua angústia como espectador, mas também para valorizar a disputa o terceiro lugar diante a Alemanha.

Nas folhas 16 e 17, em volta de muitas imagens do jogo, há um texto no centro das duas páginas que se refere ao recorde pessoal do técnico Óscar Washington Tabárez. No jogo contra a Holanda, o treinador atingiu a marca de doze partidas à frente da seleção em uma Copa do Mundo³⁹.

No dia seguinte, novamente, Jorge Savia especula que o resultado poderia ter sido diferente se não fosse a suspensão de Suárez a lesão do capitão Diego Lugano e “Ruso” Perez e Forlán. Mas, o texto não parece exatamente uma desculpa para a derrota e sim algo como, apesar disso, a seleção ainda lutou, os jogadores se entregaram ao máximo, “jogaram com o coração”.

Por ejemplo, otro hubiera sido el partido, porque los holandeses demostraron que son un buen equipo del médio de la cancha para adelante, pero atrás son “normalotes” y hasta limitados, si hubiera jugado Suárez que, no en balde había metido casi 50% de los goles convertidos por Uruguay hasta antes del encuentro de Ciudad del Cabo; pero el salteño no jugó... (*Ovación*, 08/07/2010, p.5)

³⁸ A foto superior da capa do *El País* era composta por jogadores aplaudindo a torcida e outros de cabeça baixa. Mas a manchete abaixo dizia: “La Celeste Cayó luchando pero ganho em Las Calles”.

³⁹ Somando as campanhas da Itália 1990 e África do Sul 2010, Óscar Tabárez superou, em número, o trabalho de Juan López, que esteve no comando do Uruguai durante Brasil 1950 e Suíça 1954. Ao contrário deste, Tabárez ganhou quatro dos dez jogos (empatou três e perdeu outros três), enquanto que López ganhou seis e perdeu apenas dois.

Nas páginas 8 e 9, os dois desfalques deram entrevistas. Na manchete do zagueiro, “Estoy orgulloso de mis compañeros, dieron todo”. O enfoque do atacante era mais para falar do sofrimento que foi ter assistido a partida, uma vez que estava suspenso e não poderia atuar. “Senti impotência por no poder hacer nada”. Parece que, de certa forma, quase como se ele saísse ileso de uma responsabilidade pela eliminação. Além disso, o jogador reforça a vontade do grupo brigar pelo terceiro lugar e torce para que a Holanda seja campeã, fazendo um pouco de média com os torcedores do Ajax, clube holandês pelo qual atua. Em toda a entrevista, a parte mais importante não ganha negrito ou destaque, mas tem um peso simbólico importante dentro da dialética individualidade x coletivo. O jornal abre com a pergunta: “¿Pronto?”, a qual Suárez responde: “Si, por suerte, si; pronto como estuve siempre, lo que pasó y no se puede volver atrás, y tampoco quiero, porque sé que lo que hice le sirvió al equipo y el grupo está por encima de las situaciones personales”. Mais adiante, ele é questionado se há possibilidade de se tornar goleador da competição ou se ajudará a Forlán a sê-lo: “No se trata de eso, lo que importa es el equipo. Obviamente, uno quiere ser el goleador y si lo consigue sería muy bonito, pero acá nos manejamos a nivel grupal y no individual. Lo que importa es que Uruguay gane”, diz o atacante, confirmando ao menos através de suas palavras, a ideia de coletivo trabalhada pelo treinador, que tanto é representado pelo jornal.

Na página seguinte, o diário estampa uma propaganda informando que no dia 12 de julho, após o Mundial, serão publicados um pôster com o plantel da seleção, com a bandeira do Uruguay em reverso. Será um suplemento especial com 18 páginas contendo as melhores fotos do mundial. E que, no dia seguinte, no qual, a seleção estaria de volta a Montevideu, sairia uma edição em homenagem a celeste. A chamada para o anúncio assumia a ideologia do periódico: “Para una selección que hizo historia, un diário para la historia”.

Véspera da disputa do terceiro lugar (09/07), e a esta altura, as matérias, os anúncios e as colunas assinadas pelos jornalistas dos diários assumiam o feito da seleção e esquecendo-se do resultado e da disputa que faltava pelo terceiro posto, independendo dela, premiava-se o esforço dos jogadores. Era uma premiação paralela, sincronizada com a ideia lançada pelo treinador que dias depois, em seu discurso no retorno ao país diria “El camino es la recompensa”.

El esfuerzo merece un lugar histórico

Están los que se quejan de todo. Los inconformes por naturaleza. Están los que minimizan los logros. Los que buscan matices para tratar de quitarle brillo a lo que se consiguió. Están los que consideran que sólo hay que festejar cuando se levanta la copa y los que aseguran que el partido por el tercer y cuarto puesto es la "recompensa de los bobos". Esos están. Lamentablemente, existen.

Pero también hay otros. Y, por suerte, son la gran mayoría. Son los que creemos que no es lo mismo llevarte la medalla de bronce que un diploma por el cuarto puesto o quinto puesto.

En ese grupo están los que desean que Uruguay se retire de la Copa del Mundo con una victoria, porque esa cosecha permitirá terminar la competencia con un marcador superlativo: una derrota en siete partidos.

Es el grupo de los que esperamos confiados que Uruguay también se traiga de Sudáfrica algún premio extra, como el botín de oro al goleador (¡Vamos, Diego y Luis!) o el balón de oro al mejor jugador (Forlán).

Acá están, además, los que creemos que tanto esfuerzo desplegado a lo largo y ancho de Sudáfrica para defender el prestigio de la Celeste, merece una retirada triunfal. Porque es un triunfo importantísimo romper con un maleficio uruguayo en este tipo de contiendas y porque sería fantástico para los muchachos que dirige Óscar Tabárez posicionarse por encima de lo que hicieron las selecciones de 1954 y 1970. Aunque, hay que admitirlo, este cuarto puesto ya tendría más valor porque el Mundial lo disputaron más combinados. (Ovación, 09/07/2010, p.24)⁴⁰

A ressaca de chegar tão perto e não estar na final, às vezes, é retratada como uma definição menos importante, ou interessante, mas este não foi bem o caso da Copa sul-africana. A partida de 10 de julho, em Port Elizabeth, recebeu o status de melhor jogo do Mundial, em votação realizada no site da FIFA. Outra curiosidade, é que antes de a bola rolar, o telão no estádio publicava números dos dois países, afirmando que a Holanda tinha cerca de três milhões e meio de jogadores de futebol registrados – quase o número da população do Uruguai –, que, segundo a informação passada, teria o registro de apenas 46 mil atletas profissionais.

Números à parte, o jogo foi intenso com golpes e contragolpes das duas seleções. Müeller fez o primeiro gol para os alemães aos 19 minutos, mas Cavani conseguiu empatar aos 28. O jogo corria com poucas faltas e cartões, boas jogadas e gols de mais plasticidade, como o de Diego Forlán, aos 51 minutos, que acabou sendo eleito o mais bonito do mundial, segundo votação no site da FIFA. A vantagem uruguaia, entretanto, durou pouco, já que Jansen empatou para os alemães cinco minutos depois. Khedira, aos 82 minutos, colocou os alemães novamente na frente. De acordo com o *Marca da Espanha*, “Alemania Y Uruguay se despidieron de este Mundial dejando una imagen inmejorable en un espectacular partido”⁴¹.

E assim como em 1970, o Uruguai perdeu o terceiro lugar para a Alemanha. Em quatro disputas desse tipo, a Celeste foi derrotada em todas. O Uruguai se despediu da África do Sul com onze gols, o maior saldo desde 1962. Fucile e Forlán estiveram na lista da seleção da Copa. O Camisa 10 fez cinco gols, assim como Thomas Müller (Alemanha), David Villa (Espanha) e Wesley Sneijder (Holanda), mas foi eleito, com 23,4% dos votos, o melhor

⁴⁰ Reprodução da coluna Soy Celeste, escrita pelo editor do *Ovación*, Edward Piñon.

⁴¹ FIGUEREDO, Op. Cit., p. 240.

jogador da Copa⁴². A seleção obteve o terceiro melhor ataque (11 gols), contra 26 da Alemanha e 12 dos holandeses e foi a que teve o melhor desarme (81). Em votação no site da FIFA, a Alemanha foi eleita o futebol mais bonito da Copa, mas o Uruguai ficou na frente da Espanha, com 42,45%.

A crônica do dia seguinte, o *Ovación* deu mais importância aos números da campanha como um todo do que a derrota para a Alemanha e reforçou essa ideia com a seguinte chamada na página quatro: “Cuartos no, Titanes”. As legendas abaixo entre título e subtítulo, completavam a ideia, incluindo não apenas a imprensa, mas os uruguaios, como compartilhadores desse sentimento: “Uruguay entró al pódio de los gigantes: En el corazón de la gente, estos jugadores de tabárez fueron assombrosos”.

¿Que importa esa última – pero última eh? – pelota de Diego Forlán que, cuando el arquero alemán no había llegado, reventó el travesaño?
 ¿Que importa esa pelota, acaso? Como tampoco importa que, en vez de ser terceros, estos celestes que dejaron el alma – y más que eso -, por momentos jugaron bárbaro – en El Mundial se Sudáfrica y, sobre todo, por si les faltara demostrar algo, en el partido de ayer ante Alemania, hayan terminado cuartos.
 No importa. No importa nada. Porque en el corazón de la gente y em la imagen que dejaron, no fueron ni terceros ni cuartos; fueron imponentes. Asombrosos. Unos gigantes. (*Ovación*, 11 de julho, p.4)

Para o jornalista Jorge Savia, que assina as crônicas diretamente da África do Sul, o sentimento é de gratidão e termina seu texto afirmando:

Es que, después de todo lo que dieron en el Mundial, y sobre todo después de lo realizado ayer, estos celestes igual iban a entrar en la historia del futbol uruguayo, no importa si como terceros o como cuartos, sino como lo que fueron y son: unos titanes, unos gigantes. (*Ovación*, 11 de julho, p.4)

Na página cinco, o editor também distribui aplausos aos jogadores que, segundo ele, carregam o país na pele: “Aplauso a todos los que demostraron tener la Celeste pegada en la piel” (*Ovación*, 11/07/2011, p.5).

Na página 23, uma foto de Suárez em momento de disputa de bola com os jogadores alemães, é usada para representar um grupo aguerrido, reafirmado pela seguinte legenda: “Entrega. El delantero uruguayo Luis Suárez peleó todas las pelotas ante los duros defensores de la selección germana”. O título da matéria prossegue com a ideia. “Con casta y la entrega”. Abaixo, o jornal chancela o que diz fazendo referência à manchete do jornal espanhol *Marca*, elogiando os jogadores da seleção e sugerindo que os uruguaios deveriam estar orgulhosos

⁴² Diego hizo réplicas del trofeo y le dio uno a cada uno del equipo. Él lo había ganado gracias a todos nosotros, nos dijo. El trofeo era de todos. Fue como si él y nosotros fuéramos premiados por haber logrado algo fantástico e inesperado” (SUAREZ, 2014, p. 114).

deles: “Uruguayos pueden estar bien orgullosos de los suyos”, diz (*Ovación*, 11/07/2011, p.23).

Embora não tenha feito gol, Suárez também aparece como um dos melhores da partida. Foi dele a maior nota dada pelo jornal: 8. Forlán, por exemplo, que fez o gol e terminou artilheiro da competição, repetiu a nota 6, como no jogo contra Holanda. A principal caracterização e justificativa para o valor foi que “El salteño demostró que es un atacante de raza” (*Ovación*, 11/07/2010, p.7).

Como prometido pelo jornal, o caderno especial com fotos saiu no dia 12 de julho. Curiosamente, a Capa do caderno não é uma foto do grupo, do treinador, ou do eleito melhor jogador da Copa, Diego Forlán, mas de Luis Suárez, no momento em que comemorava o segundo gol contra a Coreia do Sul, que valeu a classificação às quartas-de-final. O título do caderno é simples: Las fotos del mundial Celeste. A legenda da foto de capa é mais um reforço à campanha e um chamado de orgulho pelo desempenho do grupo: “Con coraje, temple, pasión por la histórica camiseta y un despliegue de fútbol elogiado, Uruguay conquistó un lugar entre las cuatro mejores selecciones del planeta. La Copa del Mundo Sudáfrica 2010 es un orgullo para los uruguayos” (*Ovación*, 12/07/2011, capa).

Na página quatro do caderno especial, Suárez é representado em seus melhores momentos no torneio. A chamada descritiva do atacante no cabeçalho da página é “olfato de gol: Luis Suárez” (*Ovación*, 08/07/2011, p.4). A mesma folha se divide em duas fotos representativas: A do primeiro gol na Copa, feito na vitória sobre o México, no terceiro jogo da fase de grupos, e a “defesa” do gol de Gana em baixo do travessão do Uruguai. As primeiras palavras de cada legenda são, respectivamente: “De sus botas partieron goles decisivos”, “Jugador de piernas y manos decisivas, los goles de Luis Suárez llegaron para Uruguay em los momentos más oportunos...” e “De sus manos llegó el pase a la semifinal...” (*Ovación*, 08/07/2011, p.4).

Como houve mudanças no voo de volta a Montevideu, o jornal do dia 13 foi dedicado a fazer uma retrospectiva do caminho percorrido no mundial. Jogo a jogo com imagens e resumos da partida. A comissão técnica pousou em solo uruguaio às 23h. Apesar do horário, o presidente José Mujica e a Banda Municipal de Montevideu foram ao aeroporto receber a seleção ao som de *Campeones*, música escrita por Omar Odriozzola, para o Sul-Americano de 1926.

No dia seguinte, apenas, na tarde do dia 13, portanto, milhares de pessoas receberam os jogadores desde o complexo esportivo da Federação Uruguaia de Futebol (AUF) em carreta pelas ruas da capital até o Palácio Legislativo para uma cerimônia cheia de

saudações e homenagens, num total de quase sete horas. “Una fiesta a todo nivel. El escenario montado fue el mismo que uso Pepe Mujica el 1 de marzo em la Plaza de Independencia. El corte de calles, el escenario, los grupos musicales y toda la parafernalia dispuesta costó 130 mil dólares” (GORZY, 2010, p. 150).

O presidente da República José Mujica discursou em agradecimento pelas conquistas e entregou um total de 50 medalhas distribuídas a todos integrantes da comissão técnica.

A todos os jogadores apenas duas palavras: nunca havíamos estado tão unidos por cima das classes sociais e das cores políticas. Nos deram una cota de coragem e juventude. Em nome de todo Uruguai, isto é de vocês. Isto vocês ganharam. Não só são bonitos, como também valentes. Nos deram a esperanza de sonhar: Obrigado em nome de todo o povo uruguaio”. (GORZY, 2010, p. 151, tradução nossa)

Após as palavras do Presidente da República, ouviu-se o hino nacional do Uruguai. Em seguida, outros jogadores também discursaram e deram seus recados.

No dia 14 de julho, último dia de nossa análise referente ao Mundial de 2010, o *Ovación* foi totalmente dedicado à cobertura das homenagens que aconteceram na véspera. Na foto escolhida para a capa do suplemento, os principais personagens da Copa Africana: o goleiro Muslera, os zagueiros Diego Lugano e Godin, Forlán, Suárez e Sebastian Abreu. A manchete era: “Corazón de Pueblo – la gente se unió con los jugadores en una fiesta que ya es inmortal”. Nas páginas do caderno, muitas frases de efeito foram escolhidas para os títulos das matérias: “Con el Alma”, “El renacer de la Celeste”, “Una bandera unió a miles de uruguayos”.

A crônica na página 2 é, resumidamente, uma ideia de união sacramental entre seleção e povo: “La Celeste obtuvo el amor de miles de corazones”, título e subtítulo: “El plantel tuvo el recibimiento que merecia: Montevideo le dio su cariño em um día de fiesta”. E continua: “Fue el regalo que esta selección merecia, y el Pueblo – esse que acompanho siempre – le brindó la mayor fiesta que haya visto un equipo de fútbol uruguayo en más de 60 años.” Ao que diz, a crônica, o frio era congelante, mas o calor festivo esquentava os orações uruguaiois. “Los conductores arengaron al público buscando que el calor de las gargantas combatiera el frio del ambiente. Hubo cantos para Luis Suárez y su ya legendaria mano y para Diego Forlán y su Balón de oro”. Na página seis, o jornal entrevista alguns parlamentares para falarem sobre o desempenho da seleção. A manchete fala em exemplo de unidade: “El fútbol elevó el “orgullo” y dio un ejemplo de unidad. El sector político reconoció el enorme legado que dejaron los futbolistas de la selección”.

Os anúncios pagos do jornal também produziam referências à seleção com tons claros e verbais de agradecimentos. Houve também nova retrospectiva sobre os momentos das

Eliminatorias e da Copa, e matéria sobre os discursos de Loco Abreu, Tabárez e Mujica. A fala do treinador foi tão marcante que passou a ecoar várias vezes, ano após ano, competição a competição que o Uruguai veio a disputar com ele no comando. Não só por ser emblemática, mas por ser uma expressão do que pensa o comandante sobre o que deve significar a seleção uruguaia nos campos.

Na página dedicada ao treinador e sua participação na homenagem, descreveu assim o jornal: “Tabárez y la valentía en los desafíos”, no título, e subtítulo: “El éxito no pasa sólo por los resultados; no nos quedemos únicamente con eso”, destacou:

Y está muy bien festejar partidos ganados. Lo que demuestran ustedes le da fuerza al mensaje que habría que dejar. No nos quedemos sólo con los resultados para valorar lo que se hace. El éxito no sólo pasa por los resultados. También importa destacar las dificultades que se pasan para obtenerlos, la lucha permanente y el espíritu de plantearse desafíos y también la valentía para superarlos. El camino final es la recompensa que recibimos todos los que de una forma u otra estuvimos involucrados en un proceso de cuatro años en el que se vivieron varios momentos, pero siempre con el trabajo profesional y serio como motivo conductor. (*Ovación*, 14/07/2010)

A mensagem deixada através de seu discurso ecoará pelos meses e anos seguintes em que o treinador se mantém a frente da seleção uruguaia de futebol. Tal filosofia é reconhecida pelos meios de comunicação e, não apenas reproduzida, mas assimilada pelos jornalistas em suas narrativas, como veremos ainda outras vezes nas coberturas que analisaremos nas competições de 2011, 2012 e 2014. Mas, de antemão, para exemplificar melhor a associação dessa filosofia com a ideia de ressignificação da identidade de futebol do país, cabe mostrar a resposta do próprio treinador concedida ao jornalista Marcello Figueredo, no livro lançado em comemoração sobre o bicentenário do Uruguai, *Uruguay 200 años doscientas preguntas*. Nele, o autor pergunta ao treinador “Con qué Uruguay sintonizan los jugadores que en el Mundial de Sudáfrica desempolvaron los conceptos de garra charrúa y viveza criolla, dotándolos de un nuevo sentido?”

Nuestra intención, desde que nos hicimos cargo de este proyecto, es la de adaptarnos, aunque sea minimamente, al mundo del fútbol en esta época, que es muy distinto ya no digo al de la primera mitad del siglo XX, cuando conseguimos todos los triunfos, sino incluso al de veinte o treinta años atrás. Entre las muchas cosas que cambiaron, está el hecho de que cada vez son más las personas que ven fútbol con la televisión es un dato de la modernidad (...) Pero hoy el espectador quiere ver buenas jugadas, goles, buen fútbol. Quiere excelencia. Y todo lo que tiene que ver con la trampa, con la violencia, con hacer tiempo, con faltarle el respeto a los compañeros, a los rivales, a los árbitros, los propios espectadores, la gente no quiere. Hay que prepararse para tratar de jugar mejor, sabiendo que se puede dejar todo en la cancha pero siempre dentro del reglamento. Hay que saber manejar los momentos difíciles. En el fútbol siempre va a haber dificultades, y a nadie le gusta perder, pero hay que insistir mucho, diría que hasta hacer escuela, en que nunca hay que darle espacio a la impotencia. (...) Hay que aprender que la viveza y la picardía,

que por cierto existen en el fútbol, no alcanzan para ganar. Lo sustancial tiene que ser el juego. (FIGUEREDO, 2011, p.318)

O jornalista emenda a pergunta com outra colocação: “y además se granjearon el reconocimiento de la Academia Nacional de Letras por su forma de expresarse en público”. Tabárez então admite que houve sim um trabalho de condução, de treinamento para os jogadores atenderem a mídia.

Y en cuanto a la forma de expresarse correctamente, con la selección mayor todos compartimos el criterio de la conveniencia de un perfil bajo, de no andar hablando de más ni abriendo paraguas. Nosotros tenemos un departamento de psicología que, a través de juegos de roles y otras actividades colectivas, pone a los futbolistas en la situación de recibir críticas, aprender a aceptarlas o a rebatirlas, entrenarse para las entrevistas. (FIGUEREDO, 2011, p.319)

2.2 A coroação da Copa América de 2011

Aos 19 anos, Suárez foi vendido ao Gronigen, da Holanda por US\$ 1.300.000,00. Cinco anos depois, ao Liverpool por 24 milhões e meio de Euros, ou US\$ 36 milhões de dólares, segundo o próprio jornal. O anúncio inicial veio no dia 28 de janeiro, quando o time inglês postou em seu site oficial ter chegado a um acordo com o Ajax, onde marcou 111 gols em 159 partidas oficiais (2007-2011). Com a negociação, segundo o diário do dia 29 de janeiro, Suárez se tornou o jogador com a transferência mais cara do futebol uruguaio, ultrapassando a compra do Atlético de Madrid, pelo Forlán ante o Villareal, em 2007, por 21 milhões de Euros.

Ele fez um gol em sua estreia pelo time inglês contra o Stoke City e teve boas atuações. No primeiro clássico, contra o Manchester United, deu as três assistências da vitória por 3 a 1. E Caiu nas graças da imprensa britânica.

Aos poucos, as duas figuras da seleção uruguaia iam vivendo situações opostas. Forlán, que não estava bem no Atlético de Madrid e vinha sendo questionado pelo treinador e por torcedores (apesar dos feitos realizados na temporada anterior), e Suárez, com a transferência para o futebol inglês e fazendo gols na seleção, ao contrário do camisa dez (em jejum desde o último jogo do Mundial na África do Sul, contra a Alemanha). Tal contraste é mencionado na página 10 do caderno do dia 9 de junho de 2011, dia seguinte do amistoso contra a Holanda, no Centenário em Montevidéu. Suárez foi o autor do gol uruguaio. Na parte de cima, a manchete “Séquia Año negro, no título e subtítulo: Diego Forlán sigue sin encontrar la red adversária, no anota desde el Mundial de Sudáfrica 2010. Na imagem, ao lado do texto, Forlán aparece de cabeça baixa, com a seguinte legenda: “Bajón. Forlán brilló em

Sudáfrica pero el camino no há sido fácil de allí em más”. Na parte de baixo da folha, a manchete sobre o atacante do Liverpool é diferente: “Suárez mantiene la pólvora seca y va camino a los libros”. A pequena matéria relata os 17 gols alcançados pelo jogador com a camisa da seleção, destacando a pequena vantagem, por ser mais novo, que leva na corrida com seus adversários – Forlán e Sebastian Abreu – a quebrarem o recorde de 31 gols pela Celeste, que pertence a Hector Scarone.

A análise dos jornais da Copa América de 2011, começa de forma efetiva e metodológica, a partir do dia 4 de julho, data da estreia da seleção uruguaia na competição e seguirá até 25 de julho, um dia após os festejos da conquista do 15º título desta Copa, após a vitória por 3 a 0 sobre o Paraguai na final disputada no estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires.

Em destaque no *Ovación* do dia 04 de julho, data da estreia na Copa América de 2011, Luis Suárez afirma que o Uruguai não deve ser encarado como favorito, em tom de respeito ao adversário, mas ao mesmo tempo afirma que a seleção irá demonstrar os seus atributos em campo durante a competição. Para isso, o atacante tenta virar a página da África do Sul, do quarto lugar no mundial e também da polêmica em torno da mão no jogo contra Gana e quer mirar no futuro. Assim, quase corroborando com o jogador, o jornal destaca que ele possui 17 gols em 41 jogos pela seleção. E, aos poucos, começa a elevar seu status dentro da equipe.

El salteño es uno de los mejores delanteros del mundo y así se lo reconoce en la Premier League. En la selección se ganó un lugar de privilegio gracias al enorme Mundial que disputo em Sudáfrica 2010. Su números, por outra parte, reflejan con claridade que puede terminar convirtiéndose en el máximo goleador de la Celeste. Suárez, que debutó el 07/02/07 en cotejo amistoso ante Colombia em Cúcuta (3 a 1), ya jugó 41 encuentros. Ganó 18, empató 14 y perdió diez. Con la camiseta celeste ya anoto 17 goles. (*Ovación*, 14/07/2010, p.6)

O trecho acima vai ao encontro a nossa hipótese sobre a trajetória do atacante na seleção. Uma vez que seu desempenho na África do Sul lhe permitiu ganhar, como diz o texto em destaque, “un lugar de privilegio gracias al enorme Mundial que disputó em Sudáfrica 2010”, e sua ascensão no futebol europeu, como a transferência mais cara da história do futebol uruguaio e os primeiros meses no Liverpool, Suárez foi ganhando cada vez mais espaço no seleto grupo de ídolos do país. Isso se reflete na quantidade de matérias de forma quantitativa e qualitativa.

Na cobertura do mundial de 2010, o *Ovación* dividia os cortejos entre o grupo, Forlán. O jogador foi, aos poucos, sendo mais reverenciado com os gols e mão decisiva contra a Coreia do Sul e Gana. Ali ele começava a escrever seu nome na história da Celeste e o que

pretendemos demonstrar aqui é como essa história se desenvolverá, ao menos nas linhas narrativas do suplemento esportivo do *El País*.

A pergunta sobre o favoritismo não é à toa. Como de costume no periodismo esportivo do país, a história sempre se faz presente ou o presente sempre vive à sombra do passado de glórias do país no esporte bretão.

Sendo assim, na página 18, o título da matéria reafirma esse indício: “El compromiso con la historia”. E continua no subtítulo, a empolgação com o legado do trabalho que o treinador e grupo deixaram pós 2010. “Uruguay llega con para darle más brillo la chapa que sacó en Sudáfrica”. A matéria também destaca em quadrinho outros jogadores importantes de conquistas passadas, como Varela, maior goleador do país em Copa América. Jogou em 1937, 1939 e 1942 e fez 15 gols. Até Francescoli, último atacante a conquistar a Copa, em 1995.

Mas, apesar do entusiasmo, a estreia não correspondeu à expectativa. Uruguai empatou com Peru, em San Juan, em 1 a 1, com gols de Paolo Guerrero e Suárez. Na capa do dia 05 de julho, Suárez com as mãos na cabeça, em cara de lamentação. Para o jornal, “faltó chispa. La Celeste fué superior pero no supo ganhar”. Na crônica da página 4, o jornalista José Mastandrea disse que o Uruguai não foi o mesmo de 2010, mesmo assim não foi duro nas críticas e para justificar isso, lembrou que os resultados dos rivais também não foram satisfatórios: Brasil não saiu do zero a zero com Venezuela e Argentina também igualou o marcador com a Bolívia. Apesar de ter sofrido o primeiro gol, para o jornalista, o Uruguai não perdeu o protagonismo do jogo. “Uruguay hizo lo que pudo, luchó, peleó (sin ideas) pero no ganó. Se encontró con un rival duro, tal como se preveía, bien armado y bien plantado.” Para o periódico, Suárez foi o melhor jogador do Uruguai e, por isso, recebeu a maior nota pelo desempenho: sete.

Fue el mejor jugador de Uruguay. Exigió siempre, fue a todas, las buscó, generó muchísimo peligro y terminó teniendo su premio con el gol del empate, en cual por cierto tuvo mucho mérito porque espero para picar en el momento justo y zafar de la posición adelantada y cuando enfrente al arquero rival definió con tranquilidad y ojos abiertos, poniendo la pelota contra el palo. Además, fue generoso y habilitó bien a sus compañeros de ofensiva. (*Ovación*, 05/07/2011, p.5)

Após o empate da estreia, o jogo contra o Chile, em Mendoza era considerado como uma final antecipada. Ou ao menos era assim anunciada pelo *Ovación*. “No es una final, aunque se le parece. Por el entorno, por el clima previo, por la fortaleza de los equipos, por los puntos en disputa, claves para asegurar el pasaje a la segunda ronda de la Copa América” (*Ovación*, 08 de julho, p. 4). Nas páginas 8 e 9 do jornal, o destaque é para os

ataques das duas seleções: Cavani e Suárez pelo lado uruguaio e Humberto Suazo e Alexis Sanches, do chileno. Segundo o periódico, Sanches tem velocidade e técnica, enquanto Luis tem potência goleadora. O jornal também destaca que o camisa 9 deu um “salto de qualidade em 2011”:

El salteño tiene 25 años y en este 2011 logró dar el salto al fútbol de primer nivel internacional cuando firmo con Liverpool de Inglaterra. Fue figura a pesar de la irregularidad del equipo. En la selección, el lunes convirtió su gol número 18. Anotó tres goles en el pasado Mundial. (*Ovación*, 08/07/2011, p. 9)

O trecho reforça uma ideia já lançada neste capítulo que os passos traçados pelo jogador em sua carreira profissional se somam ao dado pela seleção e juntos o conduzem ao *hall* da idolatria.

Apesar da pressão por uma vitória, Chile e Uruguai empataram em 1 a 1. Dessa vez, o Uruguai saiu na frente com gol marcado pelo lateral Álvaro Pereira, aos 53 minutos. Mas, o adversário empatou aos 64. Para o *Ovación*, os melhores jogadores da partida foram o defensor Sebastiaán Coates e, novamente, Luis Suárez, ambos com nota sete. “Outra vez la figura em ataque. Cuando encara es imparable e hizo toda la jugada del gol”. O novo empate ligou o alerta no vestiário. O jornal deu destaque às autocríticas dos jogadores. Primeiro, em destaque a do capitão, Lugano: “No está todo bien”. Com subtítulo: “Diego Lugano reconoció que hablaron em el vestuario: ‘No podemos quedar afuera’” (*Ovación*, 09/07/2011, p.6). Para Suárez, “nos vamos con un gusto amargo. Estuvimos ganando y tendríamos que haberlo controlado para lograr la victoria” (*Ovación*, 09/07/2011, p.7). Com novo empate, o jornal aumentou um pouco o tom da crítica ao grupo. No primeiro jogo, o jornal disse que, apesar do resultado, a Celeste sempre teve o protagonismo da partida. Desta vez, “Uruguay mostró varias carencias em muchos aspectos, pero Muslera y Suárez fueron los más destacados” (*Ovación*, 09/07/2011, p.8). O jornal lista seis pontos, dois positivos e quatro negativos, que apontou como carência. Estas seriam: pouca contenção e pouco futebol no meio campo; defesa insegura e com imprecisão no fundo; carência ofensiva, sem jogo de equipe no ataque e, por último, a falha do treinador nas substituições (*Ovación*, 08/07/2011, p.8). Como positivo, além de Muslera, Suárez. Ou seja, para o jornal, o atacante e o goleiro não têm culpa pelo mal desempenho da seleção. “Luis Suárez: el delantero fue el que más gravitó. El salteño fue factótum del gol uruguayo con un buen desborde por la izquierda y, además, fue el que más quiso en uruguay. La pelota no le llegó bien, pero se las ingerió para complicar a Chile” (*Ovación*, 08/07/2011, p.8).

Além da classificação, a partida contra o México trazia um dilema extra: a escolha do adversário das quartas-de-final. Vitória ou novo empate garantiria a vaga para a próxima fase, mas também definiria a escolha do adversário e o resultado poderia ser perigoso, entre as possibilidades, caso a classificação viesse poderia ser até Brasil ou os donos da casa, a Argentina. Novamente, a “calculadora” deixava a partida decisiva ainda mais tensa e o jornal explorou isso em suas páginas nos dias 10 e 11 de julho. Neste dia, o *Ovación* publicou uma entrevista de meia página com Suárez, que se tornou o porta-voz para dizer que a seleção iria jogar o futuro da competição no confronto contra o jovem selecionado do México. “Si quieres ser campeón tenes que ganhar a cualquiera, sea Argentina, Brasil, Chile, Paraguay. No importa contra quién vayas a jugar, la mentalidade es la misma. La idea nuestra ahora es pasar sí o sí”, diz o atacante em entrevista publicada na página nove⁴³.

Duas folhas a seguir, há uma longa entrevista com Forlán, e nela a cobrança pelo jejum de gols. Mas, uma coisa chama atenção no anúncio da entrevista. O jogador é apontado ainda como o maior representante da Celeste. Ou seja, apesar da crescente de Suárez, de sua importância ser tratada e representada nas páginas do jornal, ela ainda não é, a esta altura, maior do que a de Forlán, apesar da má fase de gols e críticas no clube espanhol que joga.

Uruguay necessita los goles del principal referente a nivel internacional que tiene la Celeste. Hace más de un año que no convierte en la selección, pero él disse que no es una situación que lo desespere. “Lo que passa es que estoy lejos del arco”, disse Cachavacha. (*Ovación*, 11/07/2011, p.11)

Doze de julho, Chile ganhou o Peru e Uruguai não podia ser mais primeiro do grupo. Ou seja, se ganhasse o México, enfrentaria a Argentina nas quartas-de-final. Mas se empatasse, poderia pegar o Brasil, que jogaria no dia seguinte. Mas, Uruguai venceu (com os desfalques de Godin e Cavani, machucados) os mexicanos com o placar mínimo de 1 a 0, gol do lateral Álvaro Pereira, aos 14 minutos da primeira etapa. Uma vez mais, os jornalistas do *Ovación* deram a maior nota da partida para Suárez, mas também para o goleiro Muslera e os zagueiros Lugano e Coates.

Luis Suárez: es incontenible: “Volvió a ser de los mejores jugadores celestes. Juega, va, corre, mete, elude, passa...hace todo arriba. Eso sí, se cae demasiado, aunque muchas veces porque lo bajan, única manera de conterlo. Pierde precisión, pero es el mejor delantero que há mostrado esta Copa. (*Ovación*, 13/07/2011, p.4)

Mesmo sem marcar, Suárez sempre é apontado como destaque do time nas avaliações do jornal. Com a vitória e o confronto contra Argentina definido, o periódico, nas página seis

⁴³ Assim como Uruguai havia empatado as duas partidas iniciais da Copa América, Brasil e Argentina também somavam dois pontos em dois jogos disputados.

e sete do dia 14 de julho, relembra o jogo decisivo entre as duas seleções em 1987 e destaca, em pequeno quadro comparativo os principais nomes como Muslera e Lugano e também do ataque da seleção atual e do passado recente na competição. “Talentosos: Francescoli hizo temblar a los argentinos. Forlán los incomoda” e “Arriba: Ruben Sosa fue una pesadilla. Suárez ocupa su papel, es imbanicable”⁴⁴.

Na véspera, dia 15, o jornal se pergunta: “¿Hay favorito?”. Representando cada lado da disputa, foram selecionados Messi e Forlán, caracterizando mais uma vez que o camisa 1º uruguaio não perdera o protagonismo do grupo, apesar do baixo rendimento na seleção. A reportagem ouviu quatro jornalistas argentinos para falar sobre o favoritismo e as opiniões pareceram bem divididas. No dia, 13 de julho, entretanto, o editor do suplemento Edward Piñon, mostrava mais desapontamento com o grupo que terminou em quarto lugar no Mundial da África do Sul, do que animação contra a seleção da casa.

Si la gran figura hay que agrandarle de manera urgente el arco, si cuesta un montón definir un partido que debió ser liquidado en la primera mitad, si el zaguero que se había ganado la titularidad no puede jugar por acumulación de amarillas y si el futuro rival es nada menos que el organizador, hay que concluir que la Celeste todavía preocupa.

Hay que estar preocupados porque cuesta encontrar la sintonía de juego, porque en nuestra área se vive un ataque de nervios cada vez que cae una pelota porque se revientan y regalan una cantidad enorme de pelotas por no jugar con tranquilidad, por no buscar la salida más cercana.

Hubo algún progreso, pero no puede soslayarse bajo ningún concepto que el de enfrente era un equipo sub22. También es cierto que se generaron varias oportunidades de gol, pero ya se torna dramático que se fallen las mejores oportunidades en las puertas del arco. Sin concretar no se llega a ningún lado y mucho menos cuando el rival que viene es Argentina. (*Ovación*, 13/07/2011, p.3)

O destino deu uma motivação extra à disputa que aconteceria em Santa Fé. É que religiosamente o dia 16 de julho é lembrado por uma conquista icônica do Uruguai: A Copa do Mundo de 1950, conquista que foi eternizada como *Maracanazo*. Ano a ano, ela é lembrada pelo jornalismo esportivo uruguaio e um jogo decisivo contra os donos da casa ser realizado nesta data memorável era motivo suficiente para ser explorado também pelo *Ovación*. E quis o futebol que essa história terminasse de forma épica: Uruguai novamente derrotou a Argentina em sua casa⁴⁵, desta vez ainda mais dramática, com um jogador a menos a maior parte do tempo (Diego Perez, autor do gol, foi expulso aos 38 minutos) e com a vitória nas disputas de pênaltis (6 a 5).

⁴⁴ Enzo Francescoli, tricampeão da América pelo Uruguai nas copas de 1982, 1987 e 1995. Ruben Sosa foi bicampeão, presente no elenco de 1987 e 1995.

⁴⁵ A quarta vez na história: 1916, 1937, 1987 e agora em 2011. Em 1987, foi por 1 a 0 na semifinal da Copa América e o Uruguai terminou campeão daquele ano.

“Un heroico Uruguay quiere más por la 15”, diz a Capa da edição do dia 17 de julho, fazendo referência a 14 conquistas de Copa América que o Uruguai tem e que caminharia um passo a mais para tentar a 15ª. Mantendo o tom de que os jogadores foram “heróis” e a referência de que a história de Davi x Golias, combina com a história da Celeste, sempre mais a vontade no papel de desafiante da lógica, do que de favorito, a crônica do jogo na página quatro começa assim: “COMO HÉROES Uruguay fiel a su historia”, no título. O texto é assinado por José Mastandrea:

La puchaaa... no puedo ni escribir. Tengo un nudo en la garganta, las manos me tiemblan de tanta emoción y tanta bronca contenida. Pero hay que escribir, hay que contarle al Mundo que Uruguay sigue siendo grande entre los grandes, que sigue escribiendo páginas y páginas de su rica historia, que asombra, que impacta, que enmudece, que deja sin aliento a sus hinchas y sin explicación a sus adversarios.

¿Cómo es posible que deje afuera al dueño de casa? ¿Cómo puede ser que con diez hombres desde los 38 minutos del primer tiempo no perda contra Argentina? ¿Cómo puede ser que no perda con esa constelación de estrellas que todas juntas equivalen casi a la deuda externa uruguaya?

Y sí... es Uruguay y no hay explicación racional. No importa que enfrente juegue Messi, que este Higuaín, que la amasse Kun agüero, que entre Tevez, que juegue Pastore, que Gago, que yo que sé cuántos fenómenos más. Enfrente, esse grupo acostumbrado a las hazanas, a ganarle a la diversidad, esse grupo preparado para todo, para bancar esse jugador de menos, para soportar toda la presión de la tribuna, para bancar los vasos y botellazos arrojados desde la tribuna, para llevar sobre sus hombros el peso de ser uruguayo y defender a la Celeste. (*Ovación*, 17/07/2011, p.2)

Foi quase a metade das linhas dedicadas apenas ao aspecto “folhetim” do jogo, ao conto dramático, do que factual. Com todo o peso que essas figuras de linguagem são usadas no texto narrativo do jornalismo esportivo, somam-se a ele as características do periodismo uruguaio de enfatizar sua identidade diante um rival histórico ao qual se baseou a construção do seu futebol. Na página das atuações individuais, a nota máxima dentre os jogadores de linha foi concedida a Luis: oito.

Luis Suárez: se la sbancó todas. Debe ser el gran delantero de la Copa América, por todo lo que obliga. Cada vez que encara, desnivela. Genera una jugada de gol u obliga a que lo bajen. Le pagaron muchísimo, cargo de amarillas a los centrales y corrió como si tuviera três pulmones. Fue el primero defensa del equipo. (*Ovación*, 17/07/2011, p.4)

As linhas acima destacam a força e importância tática assumida pelo atacante e também seu talento desenvolvido em campo, com outras habilidades e importância que vão além de marcar gol. Curiosamente, fala-se que ele “deve ser o maior centroavante da Copa América” (*Ovación*, 17/07/2011, p.4), apesar de só ter feito um gol em quatro jogos. Outro retrato da crescente que vivia o atacante na seleção é que na página seis desta mesma edição do jornal, Suárez tem uma folha inteira dedicada a si: “Suárez fue el infierno de Argentina. Ni Lionel Messi ni Diego Forlán, fue el del Liverpool el que brilló arriba”. Para Luis Cabrera,

autor da reportagem, as principais jogadas de perigo do jogo passaram pelos pés do camisa 9. “Ni Messi ni Forlán. La estrella fue el Salta⁴⁶” (*Ovación*, 17/07/2011, p.6). Pode-se concluir aqui, novamente, que Forlán ainda mantém o status de principal referência mundial do futebol uruguaio, pelo passado, pelo balão de ouro no último Mundial da Fifa, mas é Suárez que, aos poucos, vai ganhando seu espaço e obtendo este reconhecimento do periodismo.

A página destaca ainda com alguns “olhos nas páginas”⁴⁷ alguns depoimentos sobre o jogador: “¿Solamente a mí parece que Luis Suárez es un delantero del carajo?, publicó el periodista argentino Diego Fucks en su cuenta de Twitter” (*Ovación*, 17/07/2011, p.6). Outra do *La Nación*: “Los problemas fueron de la mano de un rápido Luis suárez, que aprovechó las grietas en la defensa Argentina para mostrar su mejor faceta” (*Ovación*, 17/07/2011, p.6). Ainda há um olho com as palavras do jogador em sua conta pessoal no Twitter: “Esta victoria va por ustedes, por aquellos que pudieron venir a apoyarnos y por los que lo hacen de uruguay. Orgulloso de ser uruguayo” (*Ovación*, 17/07/2011, p.6).

O próximo a cruzar o caminho era novamente o selecionado do Peru, agora em La Plata. Na estreia o embate havia terminado empatado em 1 a 1, com os gols das estrelas da competição: Suárez e Guerrero. E Luis não só era considerado um dos melhores jogadores da Copa América, mas como também um dos pilares de sua seleção. “Tábarez tiene la ‘Columna’ que todo entrenador desea encontrar”, escreve Mastandrea na página 8 da edição de 18 de julho, véspera da partida, referindo-se à Diego Lugano, Arévalo Ríos (volante) e ao centroavante. Para o jornalista, Suárez é “imbancable”, o jogador “más transcendente de la ofensiva celeste”.

Se sem gols, Suárez era destaque na imprensa que cobria a Copa América, após a partida contra o Peru, o casamento fora consumado. O jogador fez os dois gols da vitória e classificação à final, aos 8 e 12 minutos do segundo tempo. Na Capa do dia 20 de julho, o *Ovación* estampa o jogador comemorando um dos tentos realizados. “preparen la vitrina” diz a manchete otimista. Na contracapa, dois quadros, um para cada gol, com a escrita “con el pistolero siempre se liquida”⁴⁸.

“Fueron cuatro minutos. Una ráfaga. Una demostración de talento de Suárez, el mejor de la Copa América por varios cuerpos” (*Ovación*, 20/07/2011, p.8), escreve Diego Pérez. Notamos aqui um outro jornalista do *Ovación* assinando uma matéria na qual se

⁴⁶ Salta é um dos apelidos que Luis suárez carrega. Trata-se de uma referência a cidade natal do jogador, Salto.

⁴⁷ Recurso jornalístico de destaque nas página dos jornais impresso. Um olho é um destaque em fonte e tamanhos maiores de aspas, citações ou depoimentos usados na matéria”.

⁴⁸ Pistolero tornou-se o apelido que os ingleses deram ao jogador que passou a comemorar seus gols com as mãos gesticulando como se fosse um revolver atirando.

perpetua a ideia de Suárez como destaque da competição. Mais adiante, Luis Cabrera fala da ansiedade, após um primeiro tempo fraco, de baixa qualidade das duas equipes até que “el goleador celeste quebro la igualdad y llevó a Uruguay a las finales anotando dos goles em cuatro minutos y consolidándose, de passo, como lo que es: el mejor jugador del torneo...” (*Ovación*, 20/07/2011, p.8). E continua avaliando o bom momento do atacante deixando-se influenciar por dentro e fora da seleção:

Sus innegables condiciones, las mismas que causaron un impacto inmediato en Anfield Road, lo hacen temible para las defensas sudamericanas. Posiblemente nadie en el fútbol actual posea la perseverancia del salteño para correr cada pelota, su fortaleza para resistir los abusos de las defensas y su capacidad para generar faltas u oportunidades de gol del más frontal de los pelotazos em largo. (*Ovación*, 20/07/2011, p.8)

Ainda na mesma edição, o jornal reservou uma página para falar sobre o comportamento da torcida que se esforçou para cruzar o Rio e comparecer ao estádio em La Plata. Segundo o periódico, foram 15 mil uruguaios presentes. O destaque de Gonzalo Larrea foi, uma vez mais, para o camisa nove, que de acordo com ele, foi ovacionado pelos torcedores: “La estirpe goleadora del genial Suárez. Los elogios para Luis Suárez bajaron de todas las tribunas. La entrega y clase del goleador celeste hicieron delirar a todos los charrúas que se ahogaron gritando sus dos goles. Fue reconocido cuando dejó el campo de juego” (*Ovación*, 20/07/2011, p.10). Forlán também foi lembrado, mas apenas quanto a sua ausência de gols e pelo rendimento abaixo da expectativa.

A dois dias da final, o jornal relata que o sucesso de Suárez na seleção é acompanhado de perto pela torcida do Liverpool na Inglaterra. “Las noticias sobre Uruguay que se escriben en los diarios ingleses reciben cientos de comentarios: todos apoyan a Luis Suárez y no escatiman en elogios, y a lo están esperando” (*Ovación*, 22/07/2011, p.6), diz a chamada. A manchete é ainda mais ousada: “Inglaterra hincha por Uruguay”. De acordo com a reportagem de Guillermina Luzuriaga, Luis Suárez é um “ídolo de todos os uruguaios”:

Luis Suárez es una bestia. Su capacidad goleadora, física y mental, lo hacen un delantero de prestigio exquisito y capaz de demostrar que es uno de los mejores futbolistas del mundo en cualquier cancha y en cualquier liga. Es ídolo em Holanda, donde hizo historia con el Ajax. Ahora brilla en Liverpool inglés, donde los rivales son de otro fuste, donde las obligaciones tienen otro calibre y donde los ojos que se posan en él se multiplican en millones. Ídolo también de todos los uruguayos, el delantero salteño es máximo anotador de la era Tabárez y promete alcanzar el récord de 31 goles con la selección mayor que ostenta el histórico Héctor Scarone”.
Peró más allá de que está claro que trascendió fronteras hace años, Suárez es un tipo sencillo y de perfil bajo que ganó su lugar de privilegio en base a sacrificio y trabajo. Hoy, y después de pocos meses en Anfield Road, el nueve charrúa consiguió que los ingleses estén pendientes de la Copa America, y lo que es más que hagan fuerzan por Uruguay.

Los diarios británicos se han hecho eco de sus goles en la Copa América y desataron una locura en la web. Cientos y cientos de comentarios no sólo alientan y desean lo mejor a Suárez, sino que piden que se quede con la Copa, y claro, que vuelva rápido a Liverpool para devolver el equipo a la gloria [...] (*Ovación*, 22/07/2011, p.6)

O trecho acima é mais profundo no que diz respeito ao perfil e trajetória do jogador nas páginas do *Ovación* nestas duas primeiras coberturas. Ela ratifica veemente a ideia de que Suárez já é um ídolo do futebol uruguaio. A matéria continua citando alguns trechos de jornais britânicos e outros números do jogador, como o valor do passe que o clube inglês pagou ao Ajax, 26 milhões de euros, e os gols marcados no futebol holandês e no clube inglês, 128 e 4, respectivamente.

Nos dias que antecederam a decisão, o jornal mostra a preocupação em relação à venda de entradas, já que elas foram esgotadas na pré-venda pela internet. Havia distribuições em agências de publicidade, turismo, e, só depois de muita briga, as seleções do Uruguai e Paraguai conseguiram o direito de 4000 bilhetes cada. Apesar das dificuldades, o estádio Monumental de Nuñez, em Buenos Aires, estava lotado e com a maioria da torcida celeste. Sem muita dificuldade, Suárez fez o primeiro gol aos 12 minutos de jogo. Antes do fim da primeira etapa, Forlán ampliou e encerrando seu jejum pessoal de 12 meses sem marcar gols. O melhor jogador da última Copa fez ainda o terceiro após a assistência de Suárez. Uruguai, três a zero e campeão da Copa América.

Na sempre emotiva crônica de Jose Mastandrea, “Uruguay nomá! Um grito que nace del alma”, o jornalista começa com sua catarse inicial, torcedora demais para um texto jornalístico que não seja a de uma coluna ou editorial. Mesmo assim, dois parágrafos depois, começa uma visão pessoal do que foi a conquista do campeonato para a Celeste. “Explosión. Juega Uruguay, este Uruguay mágico que formó el maestro Tabárez. El de los gladiadores, el de la humildad, el Uruguay solidário, esse que no da pelota por perdida ni aún perdida” (*Ovación*, 25/07/2011, p.2). O trecho é muito importante para caracterizar uma visão sobre a seleção montada pelo Oscar Tabárez. Se um ano antes o caminho era a recompensa, se comemorava o caminho, a superação, a luta, o imprevisível, agora se festejava um título, um que não vinha desde 1995. Mais na metade do texto, ele retoma uma ideia cara à identidade do futebol uruguaio, de um país pequeno, mas com grandes feitos e cita os “heróis” do último como homens de “carne e osso”, “de coração”.

Pequeño. Es uruguay, es el mismo de siempre. El pequeño país, el más chiquito de todos, al que nadie y nunca tiene en cuenta, pero termina obligando a que todos hablen de él. Uruguay... el más grande, el de los cracks sin corona, el de los jugadores de carne y hueso, el de los hombres con corazón enorme. Ahí están todos... a punto de estallar, los Muslera, maxi, Lugano, Coates, Cáceres, el Ruso, Tata, Egidio, Palito, Suárez, Forlán, y entra Cavani, y Eguren y Godin... todos felices, cerrando un año

fantástico desde Sudáfrica 2010 a hoy, una tarde que será inolvidable. (*Ovación* 25/07/2011, p.2)

No box das estrelas, ao lado da crônica, na mesma página, aparecem Luis Suárez, Forlán e Arévalo Ríos. “Luis Suárez por destrozo fue el hombre del campeonato. Incontrolable, infalible e insoportable en la marca”. Sobre Diego Forlán, “volvió a convertir en el momento más importante, la final. Además, generó mucho juego ofensivo”. Apesar de ser uma disputa relativamente fácil, pois Paraguai foi o adversário mais facilmente dominado pelos jogadores uruguaios em campo. Sem emitir perigo, ainda que fosse uma final.

Na folha das avaliações, Suárez e Forlán recebem a nota mais alta: 9; porém é o primeiro que aparece em foto maior e em destaque. Diz a manchete: El mejor jugador del torneo tuvo su mayor rendimiento en la final; lo de Luis Suárez se define com uma palavra: CLASSE, por José mastandrea.

No sólo fue declarado – con justicia – el mejor jugador de la Copa América; como broche, precisamente jugo su mejor partido en la final, revelando que tiene clase. Con gran velocidad física y mental, fue a todas y tuvo su premio: metió el gol que abrió el camino del triunfo. (*Ovación*. 25/07/2011, p.4)

Nas páginas dez e onze do jornal, uma matéria sobre o fim do jejum de Forlán que, com os dois gols, também se igualavam como máximo artilheiro da seleção com 31 gols, ao lado de Héctor Scarone.

Os jogadores retornaram ao Uruguai no fim da noite após o jogo, e foram recebidos pelos torcedores nas ruas desde o aeroporto em Carrasco até o palco final da festa, no estádio Centenário, se estendendo até a madrugada. A cobertura da noite de homenagem com os conterrâneos foi estampada no diário do dia 26 de julho e também, um pouco mais sobre o jogo final e balanço da competição. Na página onze aparece uma foto de Suárez entre os onze melhores do torneio, segundo as avaliações do *Ovación*. O atacante uruguaio ficou com a média 7,8, a maior de todos os 11. Os outros uruguaios dentre a seleção ideal da Copa América, segundo o jornal foram: Muslera, Max Pereira, Lugano, Coates, Álvaro Gonzáles Gonzales e Álvaro Pereira. O venezuelano G. Cichero e J. Arango e os peruanos J. Vargas e Paolo Guerrero completavam o time.

Cualquier formación estelar de la Copa América 2011 debe comenzar con Luis Suárez, el hombre elegido mejor jugador del torneo y quien también promedió la calificación más alta para *Ovación*: 7,8. El brillo del “Pistolero” durante estos seis partidos ya fue bien documentado, su actuación de la magnitud que los cuatro goles marcó apenas comienzan a pintar una imagen del valor que tuvo para Uruguay campeón. (*Ovación*, 26/07/2011, p. 11)

3 DE MÃOS VAZIAS: A RESSIGNIFICAÇÃO DO HERÓI

Após a conquista da Copa América, Suárez se manteve em evidência através de boas atuações. Em sete de outubro de 2011, pela primeira rodada das Eliminatórias da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, o atacante abriu o marcador da partida aos três minutos na vitória sobre a Bolívia por 4 a 2, em partida realizada, em Montevidéu. Quatro dias depois, na segunda rodada, a Celeste empatou com o Paraguai em 1 a 1, com gol de Forlán. Na Inglaterra sua imagem também estava em alta e cada vez mais sua atuação pelos gramados ingleses repercutiam no jornal. Em 16 de outubro, o suplemento esportivo do *El País* noticiou: “Liverpool: Suárez y diez más” e o subtítulo: “El delantero uruguayo no anoto pero volvió a ser la figura”. No texto, continua:

Suárez y diez más. Esa parece ser la consigna de este Liverpool versión 2011 que tiene al delantero uruguayo como figura excluyente. De hecho, ayer, en el empate frente al Manchester United, Suárez volvió a ser factor desnivelante de los ‘reds’ pese a no estar en el marcador. (*Ovación*, 16/10/2011, p. 16)

Até aquele momento, não havia começado uma repercussão em relação a uma possível conduta racista do atacante uruguaio contra o francês do Manchester United, Patrice Evra. O jogador francês acusava o uruguaio de ter proferido palavras racistas durante uma discussão dentro de campo. Depois, o jornal fez uma cobertura sobre o caso. Jogadores da seleção se manifestaram em defesa do colega e até o presidente da República na época, José Pepe Mujuca, se manifestou publicamente sobre o caso a favor do ídolo uruguaio. No fim de outubro, a Federação Inglesa de Futebol (FA) abriu procedimentos de investigação para ouvir os envolvidos e procurar possíveis testemunhas. Mas, a grave denúncia – que mais tarde se tornou em uma severa punição de oito jogos e 40 mil libras – não ofuscou o brilho do atacante, ao menos ao que retrata a imprensa uruguaia.

Paralelamente à polêmica no futebol inglês, Luis Suárez continuava voando na seleção e isso reforçava apoio à sua figura. Em 11 de novembro, ele marcou os quatro gols da vitória uruguaia sobre o Chile, na terceira rodada das Eliminatórias. Também fez um gol no amistoso contra a Itália em 15 de novembro, ajudando na vitória uruguaia sobre a seleção europeia, fechando o ano de 2011 com muita pompa sobre si, consolidando sua idolatria dentre os uruguaios.

Em março de 2012, após cumprir a suspensão, a jornalista Silvia Pérez viajou até a Inglaterra para uma série de reportagem sobre o jogador que se dizia feliz no clube, apesar do pesadelo passado. Não apenas isso, o diretor geral do Liverpool também havia se pronunciado

sobre uma expansão do contrato com o atacante uruguaio, ratificando que sua imagem dentro do clube também estava positiva, apesar das críticas de alguns tabloides ingleses. Na volta das rodadas pelas Eliminatórias, Suárez se despediu da seleção principal com um gol na vitória de 4 a 2 sobre o Peru, no dia 10 de junho e passou a assumir o papel de líder da seleção sub-23 para disputar a medalha de ouro nos Jogos de Londres⁴⁹.

3.1 Ilusão e fracasso no sonho olímpico de Londres

Os Jogos Olímpicos de 2012 começaram oficialmente no dia 27 de julho e foram até 12 de agosto. O torneio de futebol, porém, teve início no dia 26 de julho, com 16 seleções na disputa. Nosso recorte de análise sobre a representação de Luis Suárez nesta competição começa com a edição do dia 21 de março, na qual há uma avaliação sobre o papel do jogador no grupo que vai lutar pelo sonho olímpico. Após esta apresentação que ilustra a expectativa do torneio, mesmo 128 dias antes do seu início, começaremos então, a investigar, com uma periodicidade diária, o suplemento esportivo do *El País*, entre 20 de julho e 03 de agosto, data da viagem da delegação do Uruguai rumo a Londres até dois dias após sua precoce eliminação.

Um dos motivos para a grande ansiedade em relação a Londres 2012 é que a última participação do Uruguai nos Jogos do Comitê Olímpico Internacional (COI) foi há 84 anos. Ou seja, desde 1928, quando conquistou o bicampeonato em Amsterdã.

Es quizá, como que los jóvenes – y, porqué no, los no tanto – tengan la posibilidad de revertir la lógica de la naturaleza humana: volver al pasado, con el agregado de que en este caso no se trata de cualquier pasado, sino uno glorioso, hazañoso, incommensurable. Tanto que hasta ahora – desde Uruguay salió campeón olímpico en 1924 en Colombes y también en 1928 en Amsterdam – no há sido igualado por nadie. (...) Además, este es un momento muy especial del fútbol uruguayo que empuja hacia esse tipo de especulaciones, porque después del Mundial de Sudáfrica y la Copa América de Argentina, a todo lo cual suma la vigencia de una selección a la que la FIFA va a colocar ahora en el tercer puesto del ranking, sólo por debajo de España y Alemania, como no soñar con volver de Londres con una medalla, incluida la que ganaron los capitaneados por el “Mariscal” José Nasazzi”. (*Ovación*, 21/03/2012, p.6)

Em seguida, a matéria lembra a má fase de Forlán e o bom momento vivido pela dupla de ataque formada por Suárez e Cavani, juntos eles são reconhecidos, pela publicação, como um pilar para alcançar o sonho olímpico.

⁴⁹ Depois das conquistas e do batismo de Celeste, a seleção uruguaia também era comumente chamada de celeste olímpica.

De los 3 jugadores mayores de 23 años que pueden integrar el plantel de 18 hay dos “cantados”, que son Suárez y Cavani, talvez la cuestión se resume en repasar con qué material cuenta el entrenador entre los 52 futbolistas Sub23 y los 21 mayores que há preseleccionado y, al cabo de eso, establecer el restante “grande” que debería integrarse al lote de 15 jóvenes componentes de un grupo cuya misión básica sería la de apuntalar el funcionamiento de un equipo que “rodee” a los salteños del Liverpool y el Napoli. (*Ovación*, 21/03/2012, p.6)

A matéria especula quem seria o terceiro nome acima de 23 anos a ser convocado. Forlán é uma possibilidade menor, pela idade, pelo momento no futebol e posição, uma vez que a dupla de Salto é extremamente ofensiva. Sendo assim, alguns nomes no meio campo surgem como opção mais provável: Gargano, Arévalo Ríos ou Diego Pérez.

A delegação uruguaia embarcou para Londres no dia 19 de julho, uma semana antes do início dos jogos, por tanto. Suárez foi um dos jogadores mais assediados. Devido a sua importância no grupo, o atacante foi eleito o capitão da seleção olímpica de futebol uruguaia. Antes de embarcar o jogador demonstrou confiança à imprensa uruguaia no aeroporto: “‘Vamos con mucha confianza em nosotros mismos y eso es lo principal al entrar a la cancha’, dijo el delantero del Liverpool de Inglaterra” (*Ovación*, 20/07/2012, p. 3).

Suárez também, em tom de brincadeira, referia-se como local, por atuar no futebol inglês, mas também falou com seriedade a respeito de ser capitão e do objetivo de medalha:

Llevar esa cinta es muy importante, un gran orgullo en lo personal, pero como digo siempre el capitán es el grupo. Es la unidad y que ninguno se crea mejor que el outro y que todos tengamos autoridad para hablar y sobre todo seamos capaces de respetar la decisión de un compañero”, agregó con su voz notoriamente afectada por un resfrio.

¿ El Oro? Sé que es lo que la gente espera y lo que nosotros queremos, pero lo que hay que hacer es ir partido a partido, porque si no estamos bien en los prieros no podremos conseguir el objetivo”, finalizo el goleador.

¡Vamos ‘Lucho’!, fue lo ultimo que escuchó antes de partir. (*Ovación*, 20/07/2012, p. 3)

Sobre o trecho acima fica evidente o papel que lhe é atribuído e compreendido pelo próprio jogador, além da responsabilidade e o apelo pela conquista. Principalmente porque a publicação sempre se refere à conquista do ouro como um sonho. Já instalados em um hotel na cidade de Manchester, onde ocorrerá o primeiro desafio dos Jogos, diz a manchete da edição do dia 21 de julho, na página 2: “El sueño está instalado. Tras pasar por Madrid y almorzar em Londres, la Celeste llegó a Manchester”. Na Capa, o destaque é o capitão Luis, a frente dos demais jogadores desembarcando no aeroporto: “Salto Triple. Uruguay hizo escala em Madrid, voló a Londres y se concentro em Manchester”.

No primeiro treino de campo na atmosfera inglesa, o treinador Oscar Tabárez fez alguns testes na formação dos atletas. Suárez é novamente destaque na capa. Em 22 de julho, ele aparece sacando fotografias em uma máquina de um jornalista fotográfico com outros três

garotos do elenco. “Mira Atrás. Tabárez hizo varias pruebas en la zaga al entrenar en Manchester” (*Ovación*, 22/07/2012, p.1). Na mesma edição, nas páginas seis e sete, o jornal aborda as principais forças dos jogadores ofensivos: “Artilleria pesada: Suárez, Cavani, Viudez, Lodeiro, Ramirez y Aguirregaray” (*Ovación*, 22/07/2012, p.6-7). No box de Luis, uma palavra muito usada também em 2010 e 2011: “Impacable en la mayoría de sus ejecuciones. Mostró precisión y potencia a la vez” (*Ovación*, 22/07/2012, p.7). Cavani: “El otro salteño le siguió en orden de méritos al jugador del Liverpool inglés. Fuerza y colocación” (*Ovación*, 22/07/2012, p.7). A matéria se refere especificamente ao treino de tiros livres, cobranças de faltas e pênaltis.

A poucos dias da estreia e treinando a formação em campo com exercícios coletivos, o *Ovación* joga o holofote principal à estrela da companhia. São quatro momentos do treino destacados em quadrinhos: “El remate que fue Gol”⁵⁰, “Imposible de Parar”⁵¹, “Cuando erra, se queja”⁵², “Lo mejor de la práctica”⁵³ e “la insaciable sed de gol del salteño”⁵⁴. Abaixo a manchete que abre a matéria: “El show de Luis Suárez”. Subtítulo: “El salteño los enloqueció a todos y hasta metió una ‘rabona’ en el horizontal” (*Ovación*, 24/07/2012, p.2). Segundo o jornalista Edward Piñon, que segue os passes do jogador no treino, “Luis Suárez no descansa. Desafía a todos, provoca con sus intentos de tirar caños, mete pausas y el marcador de turno no se anima a mover la pierna para tratar de quitarle el balón” (*Ovación*, 24/07/2012, p.2). Mais adiante no mesmo texto, Suárez aparece como o grande professor, apesar de outros esforços e talentos no grupo, pertence a ele o espetáculo:

De principio a fin hay show de Suárez. Aunque Edinson Cavani quiere arrimarse, aunque Gastón Ramirez mete algún lujo, “Nico” Lodeiro se esfuerza por demostrar que está para jugar. Urretaviscaya saca un conejo de la galera y Viudez confirma que tiene cualidad de sobra, el salteño se robó el espectáculo del movimiento que Uruguay realizo ayer en Partington Sport Centre.

Es que por encima de esa insaciable sed de gol y esa cruel perseverancia con la que atropela para lograr su objetivo sea como sea, Suárez ayer dio cátedra de definición y demostró que su fuente de recursos para mandar la pelota al arco rival es inagotable (*Ovación*, 24/07/2012, p. 2)

Em mais uma entrevista antes da estreia, Suárez é questionado sobre seu papel de liderança no grupo, mesmo não sendo ele o único mais velho do grupo.

¿Tomó la posta como líder del grupo? En los entrenamientos se l ove muy activo en el rubro gritos, motivación, reclamos.

⁵⁰ *Ovación*, 24/07/2012, p.2

⁵¹ *Ovación*, 24/07/2012, p.2

⁵² *Ovación*, 24/07/2012, p.2

⁵³ *Ovación*, 24/07/2012, p.2

⁵⁴ *Ovación*, 24/07/2012, p.2

– Es mi forma particular de ser, a veces se entenden mal las palabras, porque a veces recrimino, pero también apoyo al compañero. Yo soy así, es mi forma de ser, de siempre auténtica, y no es solo así porque soy de los tres mayores del grupo. (*Ovación*, 25/07/2012, p.5)

Ao centro da reportagem, há uma foto do atacante brincando com a bola em posição central em uma roda de companheiros. A legenda descreve: “Rodeado. Todos miran a Suárez y sonríen, mientras él hace malabares com la pelota”.

Chegou o dia. Passaram-se 84 anos e a Celeste está de volta aos Jogos Olímpicos. A estreia é contra os Emirados Árabes, no estádio Old Trafford. A maior aposta do jornal está no atacante do futebol inglês. “Luis Suárez está intratable. Así lo há demostrado en las prácticas llevadas a cabo en Manchester. En su capacidade goleadora se cifran las esperanzas uruguayas” (*Ovación*, 26/07/2012, p.2). O jornal mantém a narrativa memorialística aproximando presente do passado.

Están sí, seguro que los acompañan. Hoy juega Uruguay, que regressa a los Juegos Olímpicos tras 84 años. Es imposible que ellos falten a la cita, si van a ver a los muchachos de su tierra dejando el alma para demostrar que su herencia perdura. Aquí van los uruguayos, comentarán desde allá arriba, revivendo su histórica “ráfaga olímpica”. Y van a estar de pie. Filtrándose por todas partes para unirse en el esfuerzo. Empujaran con su recuerdo, con su fabulosa gesta que deslumbró. El Olimpo les pertenece y es un hecho que, justo el día del retorno, del pie de Luis Suárez va a salir un zapatazo a lo Héctor Scarone. No lo duden. El “Vasco” Cea ayudará a Edinson Cavani a dejar por el camino a todos los adversarios. José Nasazzi saltará junto a Sebastián Coates para asegurar que la pelota no llegue al área de los uruguayos y Andrés Mazali se tirará de palo a palo con Martín Campaña para mandar al córner un bombazo del rival”.
Aquí va Uruguay, el que llega a la gran cita olímpica con historia. El que tiene en sus raíces las hazañas más grandiosas del deporte (...) (*Ovación*, 26/07/2012, p. 2)

Essa é a tônica de toda a narrativa sobre os Jogos de Londres. A importância e a conexão do passado com o presente, o presente como uma chance de reviver o passado e isso tudo faz parte de um sonho, pois a seleção do Uruguai não necessariamente esteve entre as favoritas, mesmo com atacantes em evidência no futebol europeu: “Suárez & Cavani S.A. La selección olímpica tiene una dupla letal como tantas que hicieron historia. Son salteños, tiene la misma edad y ambos son figuras em Europa. Em Londres 2012 sigue la sociedad” (*Ovación*, 26/07/2012, p.6). O texto continua comparando uma dupla nova, com outras reconhecidamente bem-sucedidas em outras épocas.

Podrán tener diferentes características, pero la historia del balompié mundial tiene decenas de antecedentes de una formidable dupla que destruyó todo lo que tenía a su paso. Quién no sabe lo que hicieron Van Basten y Gullit, Bebeto y Romario, Garrincha y Pelé, Di Stéfano y Puskas. Temerarios, osados, ganadores. Jugadores convencidos de su poder y con armas tan contundentes como letales. Acá, en Manchester, hay una que hace rato que está es construcción, que há provocado una revolución entre la afición uruguaya porque se entienden, porque se buscan y, lo que mejor de todo, porque se encuentran.

En los pies de Luis Suárez y Edinson Cavani surge una sociedad que por lo general termina en éxito. Tirando diagonales, arremetiendo en carrera, buscando la personal o fabricando el espacio para que el outro llegue para pegar el grito de gol, el “Pistolero” y el “Matador” encienden la ilusión celeste. (*Ovación*, 26/07/2012, p. 6)

Com o folhetim do sonho, o jornal usa a dupla como personagem central de uma ilusão, a ilusão olímpica. Afinal, embora a Celeste tenha vencido os jogos de 1924 e 1928, ela ficou de fora da disputa durante 84 anos. “Cuando Suárez va y a su lado está Cavani, Uruguay se prepara para festejar. Son dos genios que el mundo está conociendo y que tienen la gran posibilidad de conertir en oro lo que toquen en Londres 2012” (*Ovación*, 26/07/2012, p.6).

Na página sete, ainda sobre os atacantes, ela afirma que Luis foi ídolo em todos os clubes que jogou: “Ídolo en cuatro. “El Pistolero” hizo de las suyas en todos los clubes que jugó. De hecho, fue ídolo en todos. Nacional, Goningen y Ajax en Holanda y ahora en el Liverpool inglés, donde es uno de los estandartes y referentes en um plantel plagado de estrellas” (*Ovación*, 26/07/2012, p.7).

Apesar da aposta alta na dupla, o Uruguai venceu por 2 a 1 sem gol das suas estrelas: “Cavani y Suárez no brillaron pero en el momento más difícil Campaña transmitió seguridad y Lodeiro entró, puso el fútbol y selló la victoria” (*Ovación*, 26/07/2012, p.7). Gaston Ramirez empatou o jogo aos 41 do primeiro tempo e Nicolas Lodeiro, que estava de suplente, fez a virada aos 55 minutos, após uma boa assistência de Suárez. Talvez por isso, tenha sido a dele a maior nota, segundo avaliação do jornal: 8. Já Luis ficou com seis: “Generó poco peligro, pero le hicieron la falta del 1-1 y dio la asistencia del triunfo” (*Ovación*, 26/07/2012, p.7).

Mas, numa competição curta como nos Jogos Olímpicos, ganhar pode ser decisivo, mesmo sem uma atuação brilhante; “De 18 kilates. Son três puntos de oro. Uruguay sufrió mucho; por eso la victoria resultó muy valiosa”, diz a manchete da crônica do jogo, na página 2 do dia 27 de julho de 2012. “Uruguay ganó, entró de la mejor manera en los Juegos Olímpicos y no hay nada de mayor vaor que eso. Faltó el brillo, sí, pero el peso de estos três puntos es como oro. Al menos así lo vale” (*Ovación*, 27/07/2012, p.2). O texto até continua falando de alguns erros coletivos, pontos fracos e reviradas no jogo, principalmente no segundo tempo, com a entrada de Lodeiro, mesmo com críticas brandas, comemora-se o resultado. “Valioso desde todo ponto de vista com un peso enorme para lo que viene, porque no se puede olvidar que este era el estreno olímpico y a Uruguay le suele costar mucho los inicios de los campeonatos. Se ganó y los três puntos son de oro. De 18 Kilates” (*Ovación*, 27/07/2012, p.2).

Além da partida, o diário reservou uma página para falar sobre a “perseguição” sofrida por Luis Suárez no estádio, uma vez que os torcedores de Manchester possuem algumas broncas com o rival, e pelo episódio que envolveu Patrice Evra, um dos atletas do United. A reportagem é descrita em tom romântico e de caráter defensivo.

Old Trafford está rojo de rabia. Sus cimientos braman y sus paredes se sacuden violentamente. La fúria se desata sin trégua. Le temen, saben que con él hay tormento seguro en la Premier y, por eso, les arde el alma.

La narración de Era es puro cuento, pero la historieta les sirve para machacar, para descargarse contra el hombre que les pone peslos de punta. A los defensas, a su Dir (que no es lo es tanto) Alez Ferguson y a todos los que entienden que tener a Luis Suárez del outro lado es bravo, es feo.

Así están de malos los del United. La enfermedad de Pánico y ódio los domina por completo. Ya no importa lo que haga o deje de hacer el uruguayo, todo se acompaña con el abucheo sostenido, con el rechazo casi unánime.

Los irrita tanto la fuerza del salteño que la caballerosidad inglesa se va por el caño. Y no vuelve más. Pensar que antes hablaban de los indios sudamericanos y ahora los que se convierten en salvajes son los que abuchean a Suárez cuando se está entonando el Himno Nacional de Uruguay. (...) Lo siguieron con la lupa, lo marcaron a presión y no lo liberaron ni en un solo segundo. Se le pegaron como estampita y procuraron generar su descontrol. Algo lo afectaron, pero no del todo porque fue a Suárez que le hicieron la falta para el gol de Ramírez y fue el propio Suárez el que combinó con Lodeiro para el 2-1 (*Ovación*, 27/07/2011, p.8)

Ou seja, a respeito do atacante, falou-se mais desse aspecto do que sua atuação durante os noventa minutos dentro de campo, de uma maneira mais factual da partida.

Em uma competição curta, como os Jogos Olímpicos sobra pouco tempo para olhar para trás. Um dia após um jogo e já se mira no próximo. O adversário agora é Senegal, que na estreia terminou empatada com a seleção da Grã-Bretanha. Sendo assim, uma vitória sobre os africanos representaria uma passagem para as quartas de final. Depois da experiência diante os Emirados Árabes, Lodeiro ganhou a posição de titular e a Celeste entrou com uma escalação bem ofensiva. Mas, o homem referência continuava sendo apenas um, como informa a legenda abaixo de sua foto: “Luis Suárez, com su fuerza y personalidad, será un problema para Senegal” (*Ovación*, 29/07/2012, p. 4).

Mas, o tiro saiu pela culatra e matou a ilusão com a realidade. Uruguay deixou o estádio de Wembley derrotado pela seleção senegalesa. Para o jornal, Gastón, com nota sete, foi o “único que jogou”. Suárez que aparece sem nota, recebeu o seguinte comentário: “Aun no anotó en el torneo y ayer tuvo dos chances increíblemente desperdiciadas: un cabezazo y un mano a mano. Así y todo siempre obligo y provocho la roja”.

Para Edward Piñon, quem assina as crônicas de jogo da competição, “la historia del partido es trágica, com toques de dramatismo y de película de terror” (*Ovación*, 30/07/2012, p.8). Segundo o jornalista, a celeste pecou em falhas defensivas e ficou difícil correr atrás do marcador (os gols aconteceram aos nove e trinta e seis minutos). Ainda que ele reconheça que

o time tenha criado algumas oportunidades ofensivas, a bola não entrou por algum capricho do futebol que não se consegue explicar: “inexplicablemente, solo se puede argumentar que son cosas del fútbol y de las rachas que se dan en algunos partidos” (*Ovación*, 30/07/2012, p.8). Na página 10, o mesmo jornalista apresenta sua reflexão crítica sobre as estrelas do ataque, a quem chama de “dois fenômenos”:

Como explicar que a Edinson Cavani y a Luis Suárez, por ejemplo, se les haya borrado la mira de su arma letal para liquidar al arquero adversario? Justamente a estos dos fenómenos las cosas se les presentaron de manera negativas cuando tuvieron todo para seguir rompendo redes (...). No era tarde de ninguno de los hombres que están acostumbrados a definir en las peores condiciones. (*Ovación*, 30/07/2012, p.10)

Com a derrota, o Uruguai reencontra um dos mitos de sua identidade esportiva: a de David *versus* Golias⁵⁵, uma vez que terá que vencer os donos da casa, ou seja, a seleção da Grã-Bretanha, para poder manter vivo o sonho do ouro olímpico. No dia 31, o jornal enumera os principais pontos negativos apresentados pela equipe: segurança na defesa, distração, baixa posse de bola e rendimentos individuais abaixo do esperado: “Si no la embocan Cavani y Suárez se perde un gran porcentaje de las ilusiones doradas” (*Ovación*, 31/07/2012, p.8). Com esta afirmação, o jornal deixa claro o peso que coloca sobre os ombros dos salteños na tarefa de trazer a medalha dourada.

Chega o dia D para a seleção. O jornal do dia 1 de agosto abre na página quatro sobre a formação do time e o que o uruguay precisa fazer para ganhar: “apelar a una vieja costumbre para no quedar eliminados” (*Ovación*, 01/08/2012, p.4). E a manchete é evidente: “El futuro está em las raíces del pasado” e as palavras do texto de Edward Piñon também apresentam as credenciais que fizeram a Celeste ser identificada com o mito da garra charrúa:

Cuando no hay música que endulce los ódios, cuando el alma empieza a fraccionarse por el montón de espinhas que se van clavando por una derrota, cuando el cuerpo comienza a pedir que lo dejen un rato más en la estación de recarga de combustible, se precisa apostar al orgullo. A esse corazón que no se consuela con aceptar que hay días malos y que entiende que siempre hay que volver a la lucha. Y el corazón de uruguay no se rinde. No lo há hecho jamás. Forma parte de la idiossincrasia, es patrimonio de una raza diferente. De jugadores héroes, de una camiseta que está marcada de batallas ganadas en las peores circunstancias. El corazón de la Celeste late hasta el final, y lo hace como nadie. Además, a este Uruguay que hoy le toca asumir nuevamente el papel de héroe para fortalecer su rico pasado y de tirano para tumblar las pretensiones de los organizadores, lo sostiene sus raíces”. (*Ovación*, 01/08/2012, p. 4)

Apesar da história de confrontos com locais em decisões ser memorável, o Uruguai não conseguiu repetir a façanha. Saiu derrotada por um a zero pelos ingleses e,

⁵⁵ Tópico citado no capítulo um desta pesquisa, no item sobre a identidade urguaiã.

consequentemente, eliminada dos Jogos de Londres. “Uruguay salió por el costado. Gran Bretaña cortó la historia antes de lo que podía imaginarse” (*Ovación*, 01/08/2012, p.4), diz a manchete da crônica pós-jogo, com a melancolia de quem sonhou muito alto:

Llegó el fin y la historia acabó antes de lo que podía imaginarse, Londres ya no tendrá un sol dorado para Uruguay. Ni una luna plata o una estatua de bronce. Murieron las ilusiones demasiado rápido.
Por eso, Luis Suárez está doblegado en el centro del campo y el “Cacha” Arévalo Ríos no se quiere ni mover del punto en el que quedó cuando llegó el pitazo del árbitro. A nadie se le ocurrió pensar, de antemano, que este sueño se iba a trincar de golpe. (*Ovación*, 2/08/2012, p.4)

Apesar do fracasso, Suárez saiu isento de culpa. Embora, lhe coubesse liderar e cumprir o sonho, ele acaba não sendo apontado como vilão pela eliminação. Na página de avaliação dos jogadores, o atacante ganhou a nota seis, a segunda mais alta, atrás apenas do goleiro – que obteve sete: “Se fue de los Juegos Olímpicos sin goles, pero no fue asistido correctamente. Así y todo generó peligro. Ayer falló un mano a mano y metió un zurdazo cruzado que obligó al arquero” (*Ovación*, 01/08/2012, p.6).

A hipótese para que Suárez seja inocentado da vilania reside na tese de resignificação da identidade de futebol do Uruguai iniciada com a era Oscar Tabárez, em 2006, a de que o “caminho é a recompensa”. Ou seja, o orgulho de ter dado tudo, de ter bem representado o estilo nacional compatível a quem luta até o fim traz em si um orgulho que, mesmo sem prêmio, deve ser louvado. Em entrevista de página inteira, o jogador lamenta o resultado, se diz triste, mas de cabeça erguida:

Obviamente que si hacés un balance de los juegos Olímpicos, el hecho de que hayamos quedado eliminados en la primera ronda no es positivo. Pero creo que el esfuerzo y la entrega que tuvo el equipo, tanto el otro día contra Senegal, como con Gran Bretaña, se valora mucho.
- ¿Puede irse Satisfecho?
- Me voy orgulloso de todo lo que hicieron mis compañeros, el esfuerzo que hicimos todos. No tuvimos suerte, ni el otro día en Londres ni esta vez, la pelota no quiso entrar, pero nosotros hasta el último momento dejamos todo. (*Ovación*, 02/08/2012, p.7)

O efeito se reproduz, quando o jogador fala que os companheiros da seleção principal também passavam mensagens de apoio e de orgulho dos mais jovens, apesar da desclassificação na primeira fase com uma vitória e duas derrotas:

- ¿Qué se dijeron en el vestuario después del partido?
-Que estamos muy orgullosos de nosotros mismos. Yo les avisé a todos que muchos jugadores de la selección mayor mandaron mensajes en seguida de que estaban orgullosos por la entrega que tuvimos en la cancha y por el esfuerzo que hicimos. Eso también nos tiene que dejar contentos, porque entre todos dejamos una buena imagen de Uruguay y eso es importante. (*Ovación*, 02/08/2012, p.7)

Igualmente pensa o periódico, pois em 3 de julho, Edward Piñon afirma que “No todo lo que brilla es oro, ni siquiera en Londres” (*Ovación*, 03/08/2012, p.6). Apesar da frustração, o texto publicado na página seis enumera pontos positivos de esperança, como a ideia de que o jovem goleiro Martin Campaña e Gastón Ramirez e Nicolas Lodeiro se firmam como boas opções no meio de campo também para a seleção maior. Em relação ao atacante e capitão do grupo, “Suárez, aún sin hacer un gol, demonstro su classe” (*Ovación*, 03/08/2012, p.6). Segundo o jornalista, ele teve “una buena participación” nos Jogos Olímpicos de gol. O jornal também consultou a opinião de outros treinadores do futebol uruguaio e para Waldemar Victorino, que também jogou futebol com passagens em grandes clubes da América do Sul, não cabe culpar Suárez e Forlán: “No fue sorpresa ni decepción. Com poca preparación era previsibre que sucediera esto. No vamos a discutir ahora Suparez y Cavani”, conforme publicado na página oito.

“No futebol, os limites que separam os heróis dos vilões são tênues e claramente dependentes do resultado final de uma partida. Tanto a derrota quanto a vitória podem filtrar nossa opinião acerca de uma determinada jogada e de um determinado jogador” (COSTA, 2008, p.12). A constatação de Leda Costa, após a sua investigação sobre as narrativas da derrota da seleção brasileira conversa com o caso estudado aqui da seguinte forma: Para além da dependência do resultado final da partida está também a condição sócio-cultural dos envolvidos. E neste caso, apesar da derrota, do resultado negativo, Luis Suárez – a quem foi depositado uma grande responsabilidade e esperança por um novo título olímpico do Uruguai –, não sofreu a cobrança pelo insucesso. Ao contrário. Nos textos do jornal *Ovación*, era preciso mais jogadores como Suárez para poder se conquistar a medalha. Isentando-o pelo fato de que ele sozinho não conseguiu levar a seleção à frente da competição. Não tanto por ele, por sua vontade e esforço, mas pela falta de competência de seus companheiros que não o ajudavam a florar o melhor futebol.

3.2 A saga de um novo herói: Suárez na Copa de 2014

Mais uma vez, a campanha das Eliminatórias foi irregular. Se em 2011, a Seleção chegou a figurar entre as três principais no Ranking da FIFA, ela foi desmoronando, aos poucos, na competição classificatória para o Mundial do Brasil.

Entre 2010 e 2011, o futebol uruguaio viveu em alta. O quarto lugar na Copa da África do Sul, o título da Copa América, em 2011. Forlán e Suárez nomeados os melhores jogadores de cada um dos respectivos torneios. Além disso, o Futebol juvenil também dava resultados,

conseguindo uma histórica classificação para os Jogos Olímpicos depois de 84 anos, alcançada pela equipe sub20, no Sul-americano no Peru e o submundial 17, disputado no México em 2011⁵⁶.

O clima de lua de mel se estendeu até meados de 2012. As primeiras vitórias nas Eliminatórias, entre elas o convincente 4 a 0 sobre a seleção chilena no Estadio Centenario, em Montevideu, no qual Luis Suárez foi o destaque, marcando todos os gols do jogo. Foram 18 jogos de invencibilidade da Celeste, segundo o pesquisador Luis Prats, o maior da história da seleção uruguaia, desde a derrota para a Alemanha, por 2 a 1, em um amistoso disputado em maio de 2011.

Alguns empates já davam sinais de algum desgaste, mas a ficha caiu apenas na derrota para a Colômbia, em 7 de setembro de 2012, por 4 a 0. Foi um duro golpe na equipe do treinador Tabárez. Depois disso, foi um empate contra o Equador, em casa e duas derrotas massacrantes para Argentina e Bolívia. Em março de 2013, nova derrota para o Chile, por 2 a 0. Ali a credibilidade foi atacada e a desconfiança de que o Uruguai poderia ficar de fora do Mundial.

Mas, a Copa das Confederações (2013) representou um reencontro à competitividade. O Uruguai voltou a sair-se bem e fez jogo duro, apesar de perder na semifinal para o Brasil, por 2 a 1. Depois disso, voltou a recuperar o fôlego e por fim, respirou com a repescagem contra a Jordânia, adversário considerado de pequena periculosidade e por isso conseguiu a vaga para a Copa de 2014. Apesar dos maus resultados, Suarez era descrito como um valente solitário.

Na Inglaterra, a questão com Evra vinha sendo superada à medida que Luis Suárez vinha correspondendo dentro de campo. Mas, um novo incidente, causado pelo próprio jogador, acabou gerando uma nova tormenta. No dia 21 de abril de 2013, Suárez, que já havia marcado um gol na partida, mordeu o zagueiro Branislav Ivanovic, do Chelsea, no empate em 2 a 2, disputado no dia 21 de abril. Na quarta-feira seguinte, o jogador recebeu a notícia de sua suspensão por 10 partidas, desfalcando a equipe inglesa de quatro jogos do término da temporada e mais seis no início da 2013-2014.

A decisão foi considerada muito rigorosa e causou um choque para o atleta e clube. Suárez pensou em abandonar a liga inglesa e tentar ser negociado, mas acabou sendo demovido da ideia também por seus companheiros.

⁵⁶ O Uruguai também foi vice-campeão no Mundial sub20 na Turquia, em 2013. Vale lembrar, que o técnico Oscar Tabárez havia assumido também o processo das seleções mais jovens em sua formação.

Curiosamente, o alerta acabou surtindo algum efeito no jogador. Considerado inimigo esportivo número um na Premier League, Suárez retornou no final de setembro contra o Manchester United e começou a liderar o Liverpool ao sonho de um título na liga. Gol, após gol, o jogador também se tornava líder em assistências pelo Liverpool. O clube inglês acabou não conseguindo a sonhada taça, perdendo em um jogo difícil de virada para o Chelsea a dois jogos do fim da competição. Neste dia, Luis Suárez deixou o gramado em lágrimas, o que comoveu ainda mais a torcida do time inglês.

Apesar das críticas, o atacante convenceu dentro de campo a jornalistas e adversários de clube, tendo sido eleito o melhor jogador da temporada 2013-2014 na liga de futebol inglesa. Além disso, ganhou também a bota de ouro, pela primeira vez, por ser o maior goleador em uma temporada ao lado de Cristiano Ronaldo, com 34 gols (Na Premier League anotou 31 gols em 33 jogos, e outros três pelas Eliminatórias com a camisa do Uruguai)⁵⁷.

O repertório nos gramados ingleses fez ascender uma imensa chama de esperança na torcida uruguaia que já revivia as memórias da primeira Copa do Mundo no Brasil, em 1950, quando sagrou-se bicampeã sobre a seleção anfitriã do torneio. Mas, novo revés do destino ameaçava os planos de Suárez e da Celeste para o Mundial no Brasil. Foi detectado um pequeno problema no joelho do atleta e ele passou pelo procedimento cirúrgico no menisco no dia 22 de maio de 2014. E com esta incerteza uma batalha pela recuperação, o maior artilheiro do Uruguai seguiu com o grupo de Óscar tabárez para o seu segundo mundial da FIFA.

A abertura da Copa de 2014 aconteceu em Brasília, no jogo entre Brasil e Croácia. Como Uruguai era cabeça de chave do grupo D, sua estreia estava marcada para o dia 14 de junho, no Castelão, em Fortaleza, contra a Costa Rica. Sendo assim, a comissão técnica decidiu deixar Montevideu e partir para a cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais, onde ficou concentrada no dia 9 de junho, cinco dias antes da partida, portanto. No dia 10 de junho, dois foram os destaques da edição do jornal: a viagem rumo ao Brasil e o primeiro encontro de Suárez com a bola, após a cirurgia no joelho.

O primeiro tema, merecedor de duas páginas é mais simbólico, pois representa, através das imagens, o apoio da torcida uruguaia revestidas num misto de humor, esperança e ilusão. Uma vez que além de homens, mulheres e crianças, com os tradicionais cartazes de apoio, havia também bonecos e fantasias de fantasmas azuis, em alusão ao fato de que a Celeste carregava consigo na viagem ao Brasil, a personificação do fantasma da Copa de 1950,

⁵⁷ A esta altura, Suárez tinha 39 gols sendo já o maior goleador histórico da seleção.

quando foi bicampeã mundial sobre a seleção anfitriã. “Todavía faltaba más de una hora para que los celestes llegaran a Carrasco y el Fantasma del Carrasco y el Fantasma del 50 ya estaba esperándolos” (*Ovación*, 10/06/2014, p.6). Sempre que pode, o jornal faz uma menção à conquista de 1950. Continuando a temática. Há uma parte sobre Suárez. A esta altura, o jogador já é a grande figura da seleção. Sem conseguir entrevista-lo o jornal usou apenas da observação e um trecho que o atacante dera ao jornal inglês, *The Guardian*:

El delantero fue el último en descender del ómnibus que los trajo desde el Complejo. No hizo declaraciones y apenas ebozó una sonrisa. Sin embargo, el futbolista del Liverpool le dio una entrevista al diario británico The Guardian. Allí admitió que lloró sólo “três lágrimas” al saber de su lesión; dijo que no sabe cuándo podrá jugar y reconoció que los últimos días “fueron difíciles”. “Emocionalmente, me siento bien; psicológicamente, espectacular. En ningún momento me senti pressionado ni triste porque no pensé en perderme el Mundial de Brasil. Quiero que mis hijos puedan verme jugar una Copa del Mundo”, finalizó. (*Ovación*, 10/06/2014, p.7)

Na página seguinte, a manchete “Le subieron el listón y lo superó bien”, aborda de forma otimista a recuperação do atacante. Antes de viajar, a seleção realizou um treino leve no gramado e, paralelamente ao grupo, apareceu Suárez para fazer um trabalho de corrida com a bola.

El jugador del Liverpool realizó 25 minutos de enganches direccionales, trotes en línea recta y corridas en zig zag, pero siempre con pelota, lo que constituyó un gran avance respecto al outro día, que sólo había golpeado la pelota alternando ambas piernas, pero haciéndolo con mucho cuidado. (*Ovación*, 10/06/2014, p.8)

Suárez foi submetido a uma artroscopia no dia 22 de maio. Desde então, o jornal dedica matérias especiais para acompanhar a evolução e o desempenho de recuperação do atleta. A quatro dias do *debut* uruguaio, é Suárez quem aparece na capa para avisar que está cada vez mais perto de poder ajudar os companheiros. “Ya Voy. Suárez acelera en la recuperación, pero no llega al debut celeste” (*Ovación*, 11/06/2014, capa). Passados apenas 21 dias da intervenção cirúrgica no joelho, e o noticiário continuava em contagem regressiva para a sua volta. “Está para entrar a puerto. Viento en popa para llegar a buen destino: Luis Suárez hizo fútbol-tenis sin contratemplos” (*Ovación*, 13/06/2014, p.9).

O noticiário da véspera do jogo dava conta de muita ansiedade pela estreia. Tirando a grande ausência da estrela do plantel, o Uruguai não havia muitas dúvidas para o treinador escalar os jogadores. Entretanto, o adversário demonstrou-se mais traiçoeiro do que a própria soberba e a Celeste acabou surpreendida pela Costa Rica, que se impôs e chegou a vitória por 3 a 1, com elevada moral, derrotando o favorito.

A capa do suplemento esportivo do *El País* do dia seguinte era: “Peor imposible. Un Uruguay desalineado, pagó caríssimo três minutos fatales” (*Ovación*, 15/06/2014, p.1).

Suárez que estava no banco de suplentes, apenas para fazer figuração, provou o gosto amargo da derrota, sem nada poder fazer. O desespero uruguaio era maior, pois teria pela frente duas campeãs mundiais, dois obstáculos difíceis de serem superados. A única arma que os tornava mais forte era a força do atacante e, pronto ou não, estava na hora dele voltar, pelo Uruguai. Por esta razão, páginas depois de lastimar o resultado do jogo, é o atacante quem aparece para reequilibrar as emoções do jornal. “Es una buena regresa Suárez. El pistolero está listo, fue al banco, calentó, pero no entró; Tabárez lo utilizará el jueves” (*Ovación*, 15/06/2014, p.9).

No dia seguinte, na página quatro: “Juega Luis, atate los cordones que entrás” (*Ovación*, 16/06/2014, p.4). O A manchete é quase um chamado para o atacante comparecer a campo. O subtítulo completa a ideia: “Ahora Uruguay tiene que poner toda la carne el assador y una parte es que Tabárez incluya a Suárez como titular” (*Ovación*, 16/06/2014, p.4). Mal parece que o jogador tenha passado por uma cirurgia no joelho há 25 dias e que tenha voltado a treinar com bola há menos de uma semana. Era a vez de ele ajudar e salvar a classificação na Copa. Um novo empate poderia deixar a situação muito difícil e uma derrota era o adeus definitivo.

Pasó el debut, llegó con derrota y el panorama cambió de cabo a rabo para la selección uruguaya. Va a tener que poner toda la carne en el assador si es que pretende seguir con vida en el Mundial, porque ante Inglaterra, ni siquiera le sirve un empate. La pregunta del millón, pues: ¿qué hará Tabárez el jueves en San Pablo? ¿Pondrá a Suárez desde el vamos o lo dejará en el banco de suplentes por “las dudas?” (*Ovación*, 16/06/2014, p.4)

No texto, o jornalista José Mastandrea dá a entender que o atacante tem condições de jogo. Não só por uma confirmação extraoficial na zona mista após a derrota contra a Costa Rica, mas também porque o jogador tem algo especial para se recuperar. Ele lembra que Suárez já passou por uma intervenção no menisco do joelho direito em 2006, quando atuava pelo Nacional, e 15 dias depois já estava de volta aos gramados. Agora, se entrasse em campo contra a Inglaterra, seria uma nova recuperação em 28 dias. No fim, em “El camino del ‘Pistolero’ hacia la cancha” (*Ovación*, 16/06/2014, p.4), uma pequena cronologia mostra que no primeiro treino em Sete Lagoas, no dia 10 de junho, Suárez já fez um treino com bola, batendo com as duas pernas. No dia 12, se reitegrou ao grupo e mostrou boa forma física, “sem ser muito exigido, não teve problemas para jogar” (*Ovación*, 16/06/2014, p.4) e no dia da estreia sentou no banco de suplentes, o que indica que poderia ser utilizado. Mesmo com todos esses sinais, o jornalista apela para uma esperança a mais de que Luis possa jogar:

Hasta ahora sólo há mostrado progresos. Como dicen en el campito, “atate los cordones que entrás”. ¿Cuántas veces se la habrán dicho a Luis desde los inicios de su carrera hasta hoy?

En una de esas, el jueves, ante Inglaterra, tenga que atarse los cordones para volver a vivir la sensación de jugar un Mundial con la Celeste en el pecho. Recemos por San Luis... (*Ovación*, 16/06/2014, p.4)

Nas páginas sete, oito e nove. O jornal retoma sua característica “mística” de evocar a tradição do futebol uruguaio – de superar momentos difíceis – e a atual situação no grupo seria mais um dessas ocasiões de dificuldade. Assim o fez a seleção dando a volta por cima da desconfiança e dos adversários como na Copa de 2010, contra a Gana, na Copa América de 2011, contra a Argentina e, recentemente, nas Eliminatórias da Copa no Brasil, como mostra a publicação.

Es que, en el fondo, todos saben que el panorama que se presenta tiene el perfil que mejor le cae al fútbol uruguayo, es que habla de hazañas y gloria, de logros inalcanzables, solo posibles por la mística de “la Celeste”.

Basta con repasar la gloriosa historia, y ni siquiera hace falta ir muy lejos en tempo, alcanza con señalar algunos partidos en donde Uruguay estaba “muerto” y terminó “resucitando”.

Y lo izo con este mismo cuerpo técnico, y con la base de este plantel (...) Hay, pues, motivos para creer, y confiar en una reacción. El escenario es conocido, cuando no solo hay una mínima luz de esperanza, aparece el milagro. Es parte de la mística de este grupo. (*Ovación*, 16/06/2014, p. 7)

Volta a ficar explícita a designação sobre o grupo “em caráter especial”, dos feitos conquistados, da ideia de que “a superação da adversidade”, de que as “ressuscitações” são a recompensa desse plantel e Suárez faz parte dele, inclusive, com momentos de protagonismo. O texto dá a entender que se trata agora de uma nova oportunidade e um novo chamado. E, no que se refere estritamente à Suárez, o jornal volta a falar, no dia seguinte, em “Al limite, sin margen de error” (*Ovación*, 17/06/2014, p.7), que a sua recuperação trata-se de algo excepcional.

Se lo vebien. Ni un rasgo de la operación se denota al caminar. Y en la cancha, corre como si nada. Todavía recuerdo las palabras del Prof. José Herrera cuando le pergunte si tenía esperanzas de poder contar con Suárez en el Mundial: “Tengo fe por su fortaleza física, es un toro”, dijo. Y se dio tal cual. Porque la recuperación del salteño há sido en tempo récord. (*Ovación*, 17/06/2014, p.7)

Na mesma matéria, José Mastandrea respalda sua avaliação sobre a condição física do jogador pelas palavras do próprio, ditas em entrevista coletiva a imprensa. Nela, Suárez não só afirma estar 100% restaurado, como também aproveita para passar um recado aos uruguaio: de que haverá ainda muita luta pela vaga, por isso pede confiança no elenco.

Estoy 100%, si no fuese así, no jugaba. Yo siempre dije que iba a volver cuando me sintiera bien, cuando estuviese en un 100% y hoy lo estoy. Quizás me falte algo de fútbol, de ritmo, es obvio por la inactividad, pero físicamente estoy muy bien”, agregó el goleador.

¿Que le puedo decir a los hinchas?... que sigan confiando em nosotros. La del outro día fue una derrota que nos dolió, pero no nos dejó en el piso. Tenemos que sacar a

flote nuestro carácter, nuestro espíritu para afrontar estos dos partidos que nos quedan por delante”, señaló el salteño. (*Ovación*, 17/06/2014, p.7)

Daniel Rosa, na página oito, segue o tom otimista para a partida, com a aposta na força do ataque, praticamente cravando a titularidade de Suárez. “Se viene un Salto Mortal. Uruguay espera el jueves a Inglaterra con su artillería pesada: Luis Suárez y Edinson Cavani” (*Ovación*, 17/06/2014, p.8).

Uruguay conformará ante Inglaterra una dupla ofensiva sumamente productiva, de las de mayor eficacia entre las 32 selecciones participantes de la Copa del Mundo. Entre ambos festejaron 62 tantos en la pasada temporada, además de los que sirvieron siendo incluso el “Pistolero” uno de los máximos asistentes de la Premier League. Esta versatilidad le permitió a Suárez ser elegido tanto por la Asociación de Futbolistas Profesionales como por la propia Premier League como el mejor jugador de la temporada. Hay una sola dupla ofensiva de todas las selecciones que disputan la Copa del Mundo con una productividad mayor que a la celeste que se reencontrará el jueves en San Pablo. Es la que conforman los argentinos Lionel Messi y Sergio Agüero. El primero convirtió 43 tantos en la pasada temporada y el segundo 29, por lo cual suman 72, es decir 11 más que la pareja uruguaya. (*Ovación*, 17/06/2014, p. 8-9)

Chegou o dia do confronto e não era qualquer desafio. Primeiro, porque era o jogo de vida ou morte para a seleção uruguaia na Copa do Mundo e isso apenas na segunda rodada! Segundo, porque era a volta de Luis Suárez, maior estrela do elenco, que iria enfrentar a seleção de um país onde quase todos, salvo os torcedores do Liverpool, o “odeiam”. Com todos esses ingredientes, o periódico questiona se o atacante não deveria usar a braçadeira de capitão, uma vez que o titular dela, Diego Lugano, não estaria em campo. A outra opção provável seria o outro defensor, Diego Godin.

Sin Lugano, el halago debería ser para Diego Godín, pero ya Luis Suárez fue capitán en los Juegos Olímpicos d Londres, claro en otra selección y en outro contexto, pero el partido no es ante Italia es frente a Inglaterra, y esse argumento debería ser más que válido como para que Suárez, tan criticado y tan vilipendiado en las ultimas horas por algunos ingleses, luzca con orgullo el brazalete que dejó Lugano por lesión. (*Ovación*, 19/06/2014, p.7)

Godin acabou sendo o escolhido a usar a braçadeira pelo treinador, mas o posicionamento do jornal evidencia a predileção por Suárez e também o papel que o jogador tem para a publicação, levando em consideração, inclusive, o adversário da partida: a Inglaterra. Sobre os ingleses, aliás, o jornal faz um paralelo sobre os estilos de jogo das seleções:

Esse tipo de rivales no “van y van”, más bien esperan, dividen menos la pelota con más pausa; y eso representa para el estilo del fútbol uruguayo lo mismo qu éste para el del brasileño: la piedra en el zapato. La prueba está: de 10 veces que se enfrentaron, Inglaterra ganó sólo en 3, y en cotejos amistosos; Uruguay ganó en 4 y sacó 2 empates de visitante. Hay, pues, una tendencia estadística que surge del choque de dos estilos dispares, y suiere que el del fútbol inglés al uruguayo le sienta

bien: como el otrora tradicional té de, “at five o’clock”, de las cinco de la tarde. (*Ovación*, 19/06/2014, p.16)

Foi o jogo da redenção do herói. Assim foi retratado pelo *Ovación*, após um jogo dramático, conquistado apenas a poucos minutos do final da partida, pois apesar do primeiro gol aos 39 minutos do primeiro tempo, o inglês Wayne Rooney empatou aos 30 da segunda etapa, resultado ruim para ambas as seleções. Contudo, aos 39, novamente, o atacante uruguaio voltou a marcar e selar a vitória e a sobrevida Celeste na competição.

Na edição do dia seguinte, o caderno foi taxativo. Sem usar qualquer figura de linguagem, atribuiu a Luis o status de “herói”. Já na capa do suplemento, diz a manchete: “El Prócer”. “Volvió Suárez, se visito de héroe y firmo um triunfo histórico” (*Ovación*, 20/06/2014, p.1). No jornal principal, o atacante também foi destaque numa folha inteira de sobrecapa: “Uruguay 2 Inglaterra 1. Volvió y Mató” (*El País*, 20/06/2014, p.2).

Suárez esteve presente em dez páginas na publicação do dia 20 de junho. Já na crônica da página quatro, José Mastandrea o intitula de rei: “Su Majestade Luis IX” e continua: “El rey Suárez les tapó la boca a los ingleses y revivió a ‘La Celeste’” (*Ovación*, 20/06/2014, p.4). A crônica assinada pelo jornalista não só destaca o atacante e escreve a seleção uruguaia, mas também descreve o desempenho da seleção como “aplicada taticamente, solidária, corriendo, marcando, pero también jugando, com clara intención ofensiva” (*Ovación*, 20/06/2014, p.4), bem diferente, portanto, da que pitava sobre a celeste que atuou contra a Costa Rica.

De pie señores, saluden a su Majestade, Luis IX, el Rey del fútbol uruguayo, el que hace feliz a su Pueblo con goles, el lo hace soñar, el que pelea hasta más no poder. De pie señores, es Luis IX, es Suárez, el que hizo estallar en mil pedazos el corazón de três millones de uruguayos, el que detonó el Arena Corinthians, el que silenció a los ingleses que lo abuchearon todo el partido, el que le devolvió la vida a Uruguay en el Mundial, es el Rey, no lo duden, es el que extiende sus dominios cada vez que corre, pisa, el área y liquida a los adversários con su espalda de acero y su alma indestructible.

Suárez, y sus diez caballeros, hicieron posible lo imposible, con ganas, con coraje, con amor próprio. (*Ovación*, 20/06/2010, de 2014, p. 4)

“La fenomenal actuación de Suárez no sólo resultó clave: emocionante” (*Ovación*, 20/06/2014, p.6). Duas folhas adiante, o jornal destaca a importância da atuação do camisa nove do ponto de vista pessoal, além da seleção. “Alma y vida los gritos de la revancha”, diz a manchete sobre a foto de um atacante rugindo para a arquibancada do estádio, após um de seus gols na partida (*Ovación*, 20/06/2014, p.6). Apesar de se tratar de um texto jornalístico, José Mastandrea não economiza nos adjetivos para descrever o significado da vitória em equipe e também atribuir-lhe a nota 10, como melhor avaliação do elenco na partida.

Lo de Luis Suárez fue estupendo, brillante, emocionante, porque sólo verlo correr, dejar cada gota de sudor en la cancha sin medir el esfuerzo ni su reciente operación, fué el máximo. El sólo levanto a la tribuna, generó locura en los hinchas uruguayos y desazón en los ingleses, que lo abuchearon en cada pelota que tocó. Pero fue su motivación, su plus, eso lo hizo más temible que nunca. Y dio más temible que nunca. Y dio más de lo que podía dar, porque ese primer gol lo grito con alma y vida, y el segundo, después de una corrida fenomenal y un zapatazo perfecto, lo grito ya con lágrimas en los ojos. Había cumplido con creces en su regreso a la cancha. Fue el mejor de la cancha, y se llevó el premio que la FIFA entrega. (*Ovación*, 20/06/2014, p. 6)

“Gigante”, “Cada vez es más grande”. Os gols da vitória e a “salvação” da eliminação da Copa, que manteve as chances de passar à próxima fase, são parte de mais um capítulo que consolida a trajetória de idolatria do saltenho. Na página oito, o jornal coloca o jogo contra a Inglaterra como um dos grandes momentos do atacante com a camisa celeste. Os outros setes citados são os gols que marcou contra o México e a Coreia do Sul, no Mundial da África do Sul, em 2010; os gols decisivos contra o Peru e Paraguai, na semifinal e final da Copa América. Depois, os gols importantes nas Eliminatórias contra Chile (4 gols, em novembro de 2011), Peru (dois gols, em setembro de 2013) e Argentina (1 gol, em outubro de 2013).

La carrera de Luis Suárez con la selección está llena de capítulos soñados, de esos que transportan al protagonista a un lugar privilegiado. Que el delantero regresara después de 28 días de una artroscopia es el asunto central y que además anotara dos goles y fuera el líder futbolístico de los celestes en la victoria ante Inglaterra, se transforma en un hecho señalado para unos pocos elogidos en la historia del fútbol. Los goles que convirtió Suárez ayer sirvieron para quebrar una racha adversa que cargaba la selección: hacía 44 años no sucedía en los Mundiales. El último de Uruguay fue en 1970 ante Unión Soviética.

La carrera de Suárez está repleta de partidos como el de ayer en San Pablo y se transformo en una desenfreada maratón en busca de los récords de la centenaria Asociación Uruguaya de Fútbol. (*Ovación*, 20/06/2014, p. 8)

A publicação lembra também que o atacante concretiza cinco gols em mundiais da FIFA e que, em 78 jogos com a seleção, já anotou 41 vezes. Aqui, o jornal menciona que “hace un tiempo que pasó a Diego Forlán para convertirse en el máximo goleador en la historia de Uruguay” (*Ovación*, 20/06/2014, p.8).

A edição do dia 20 de junho ainda reservou outras páginas para falar do atacante. Uma sobre suas declarações na zona mista após o jogo: “Visiblemente emocionado, Luis Suárez se acordó de los que lo ayudaron y también de los otros” (*Ovación*, 20/06/2014, p.11), na qual o jogador dedica e agradece os gols à família e a equipe médica da seleção, especialmente Walter Ferreira, cinesiologista, outra sobre as manifestações de apoio da torcida.

Como a Copa do Mundo é uma competição muito curta, não há muito tempo para comemorações. No dia seguinte, o jornal se volta para a segunda decisão: o jogo contra a Itália, que havia empatado com a Inglaterra e perdido para a “sensação” Costa Rica. “Se viene

outra final” (*Ovación*, 21/06/2014, p.4). Para a Celeste apenas a vitória interessava, uma vez que o empate a colocava fora pelo saldo de gols. Quem entraria, nessa situação, seria a “Azurra”.

O jornalista Mastandrea também questiona: “¿Maestro, equipo que gana se toca?” (*Ovación*, 21/06/2014, p.7-8). Ele traça um comparativo sobre as duas atuações: contra a Costa Rica e Inglaterra, para defender o esquema do último jogo. Segundo o jornalista o diferencial foi que a equipe teve esforço e foi solidária, mas, sobretudo, “garra” e “coração”. E mais que isso, tinha também algo de “extraordinário”: Suárez.

Claro. No fue solo el equipo, estuvo Luis Suárez en la cancha. Un plus, un jugador que hoy hace la diferencia aunque “llegue en el 50 por ciento”, como vaticinó Roy Hodgson, el entrenador inglés.

Esse Uruguay, compacto, concentrado, solidário, tuvo figuras enormes, y una que parece salida de outro planeta, porque lo que hizo Suárez no es de aquí. Recién salido de una intervención de meniscos, jugó como si tal cosa. Coraje, que le dicen (...) (*Ovación*, 21/06/2014, p.7)

Na mesma página, há um boxe na lateral intitulado “Risas”, com três pontos em destaque. Um deles é sobre o camisa nove que diz: “El plus de um superdotado”. “Uruguay también fue outro em ofensiva. Suárez está al nivel de los más grandes. Es el Neymar celeste, el Messi uruguayo, el delantero que por si solo desnivela. Tuvo 3 chances, metió 2. Es un superdotado” (*Ovación*, 21/06/2014, p.7).

Prosseguindo essa linha de definição sobre o jogador, o *Ovación*, publica na véspera da partida contra a Itália as estrelas do confronto, um “duelo de fusileros”, diz a manchete sobre o encontro, em situações opostas, do ídolo uruguaio e Balotelli, atacante italiano. Sobre o salteño, o jornal o descreve como “implacável” e destaca como qualidades sua visão de jogo e velocidade.

Mañana habrá duelo de goleadores al más alto nivel mundial – no sólo del Mundial – entre Luis salteño llega impecable. Con el ánimo en lo más alto y una motivación excepcional. La estrella de esta selección y del Liverpool inglés, iene de ser nombrado mejor jugador de la Premier League y como máximo artillero de Europa. Hoy con 27 años, es uno de los máximos exponentes del fútbol mundial. Un classe “A”, de esos que aparecen cada tanto, de esos jugadores que pueden ganhar partidos por sí solos.

Con un carácter tremendo, protestón y mal-humorado, fue madurando partido tras partido, y el incidente con Evra lo cambiaría por completo. Ya fue outro, no protesto tanto, no gesticuló, no se enojó, y fue mucho más aplicado.

Hoy Luis Suárez está en boca de todos. Por sus goles, por su recuperación, por su gran actuación ante Inglaterra. Pero también por esse duelo que mantendrá ante Mario Balotelli en la cancha. Esse que, en el marco de un partido Uruguay-Italia que define nada menos que el passe a octavos de final del Mundial, enfrentará a dos estrellas, a dos goleadores de raza que van a cada pelota como si fuese la última. (*Ovación*, 23/06/2014, p.6)

O interessante no texto acima é que o jornalista José Mastandrea praticamente sugere que a atuação na última temporada na Premier League, a recuperação recorde da lesão e cirurgia, e a atuação com os gols salvadores que fez, Luis Suárez deu a volta por cima e se redime dos erros do passado.

No dia “D”, o jornal transborda em suas linhas toda a ansiedade da decisão. Em disputa, a segunda vaga para as oitavas de final da Copa do Mundo de 2014. Na página oito, José Mastandrea seleciona cinco razões para acreditar na vitória e na classificação: uma equipe solidária e de atitude; um meio de campo aguerrido, uma defesa forte com Godín e Giménez (lembrando que ele não esteve em campo contra a Costa Rica, quando o Uruguai sofreu três gols), um bom goleiro e uma dupla de ataque mortal. Mesmo destacando todos esses pontos de caráter coletivo, a capa do dia é uma foto de “luisito” apostando em seu papel de liderança: “¡Una Más! Con Suárez como líder fútbolistico, Uruguay va por la clasificación e octavos ante Italia” (*Ovación*, 25/06/2014, p.8).

Apesar da expectativa, o atacante não conseguiu render o que se esperava dele. Do jornal, levou apenas a nota seis. Já o zagueiro e capitão, Godín, autor do gol tirou a nota 10 e levou os louros da vitória: “Glorioso. El Faraón⁵⁸ pego el salto a Emperador”, diz a manchete da matéria na página seis da edição do dia 25 de junho.

Diego Godín pego un salto a la gloria, esse que lo inmortaliza como el héroe de Natal. El zaguero uruguayo fue más arriba que todos. Les ganó a los italianos, a esos defensas que no pierden nunca, y clavó su mezcla de espalda y hombro contra el caño izquierdo de Buffon. Godín no fue un “Faraón”, fue un verdadero Emperador romano... (*Ovación*, 25/06/2014, p.6)

A exceção de uma nova menção de que o Uruguai veste melhor a roupa de “overol” – ou seja, de “resistente”, “lutador” –, do que o traje de favorito, para relembrar as três partidas da fase de grupos, é a mordida de Suárez no zagueiro Chiellini, no segundo tempo, que vira tema principal a partir da página oito, já com as declarações do treinador sobre o caso: “Esto es fútbol, no moralidade barata”, destaca Daniel Rosa na manchete sobre as palavras de Oscar Tabárez ao responder às perguntas dos jornalistas ingleses sobre a infração cometida por seu atacante (*Ovación*, 25/06/2014, p.8). Apesar de não defendê-lo abertamente, o técnico insinuou uma perseguição excessiva ao jogador.

Suárez há sido blanco de críticas por cosas extrafutbolísticas y no por lo que hace en la cancha. Há cometido errores y há sido suspendido, pero me parece que hay una animosidade evidente contra él. Há salido de momentos difíciles, porque lo han

⁵⁸ Apelido do zagueiro dado por um narrador uruguaio que acabou caindo nas graças dos companheiros e torcedores.

sancionado y me da la sensación de que volvemos a lo mismo: hay gente escondida detrás del arco esperando alguna cosa”, enfatizó. (*Ovación*, 25/06/2014, p.8)

“La FIFA investiga a Suárez”, diz a manchete abaixo de três sequências de imagens, as quais o zagueiro tenta mostrar o local em que teria recebido a mordida e a do uruguaio, caído com a mão na boca (*Ovación*, 25/06/2014, p.18). Como o árbitro não viu o lance, ninguém foi punido. Mas, algumas imagens de televisão teriam captado o momento do choque. No dia seguinte, o jornal preferiu adotar a cautela e chamar de “supuesto mordisco” (*Ovación*, 26/06/2014, p.4), apresentar as versões dos italianos e uruguaios. Em primeiro momento, Lugano atacou a postura de Chiellini, na zona mista, após o jogo. A publicação ouviu o advogado da AUF sobre a situação, que disse esperar para ver o que se passará, já que não houve nenhuma punição durante o jogo.

Mas, para finalizar a edição sobre a partida contra a Itália, o *Ovación* separou uma folha inteira (página 20) com as principais manchetes dos diários *Olé* – “Hannibal Suárez; El uruguayo volvió a ser protagonista”; do *Marca*, da Espanha: “Luis Suárez mordió em el hombro a Chiellini”; e dos ingleses *Telegraph*: “Sancionen a este monstruo” e *The Sun*: “Luis el masticador volvió a hacerlo” para mostrar que a vitória do Uruguai não foi o único assunto da partida, mas também o caso envolvendo o atacante uruguaio e o zagueiro italiano (*Ovación*, 26/06/2014, p.20).

Nos dias a seguir, as notícias sobre a Celeste se dividem em falar dos treinos, de como a equipe enfrentaria a Colômbia nas oitavas de final, e a punição de Suárez. Primeiro, a espera da sentença. Enquanto se aguardava o pronunciamento da FIFA, o jornal publicava no dia 26 de junho as declarações dos dirigentes da Associação Uruguaia de Futebol. A matéria fala que há uma grande pressão por uma dura sanção a ser aplicada. “Aquí el partido se juega en dos áreas: jurídica y política”, diz Alejandro Balbi (*Ovación*, 26/06/2014, p.5). Na página cinco, a manchete “El Mundial desapareció en la prensa”, José Mastandrea se queixa da exacerbação dos veículos em repercutir o lance e as especulações por suspensão bem pesadas, como de dez jogos e até dois anos: “empezaron una caza de brujas” (*Ovación*, 26/06/2014, p.5).

Na página sete, uma grande entrevista de Diego Lugano, em defesa de Luis Suárez, “La imagen no muestra nada, nada importante”, e também um questionamento a imprensa inglesa, ao que se refere perseguir Suárez, pois assim vende mais jornais (*Ovación*, 26/06/2014, p.7). Na mesma folha, a publicação também destaca a defesa do presidente da República José Mujica: “le pegan cada patada y cada hachazo y se las bancas”. Para Mujica, “en el fútbol se cumple lo que manda el juez”, y no lo que salga en televisión y considero que hay “una campaña contra el salteño” (*Ovación*, 26/06/2014, p.7).

No mesmo dia saiu a sentença da Federação Internacional de Futebol. Luis Suárez deveria cumprir uma suspensão de nove partidas e ficar proibido de entrar em um estádio de futebol por quatro meses, além de ter que deixar o hotel e a Copa imediatamente.

Segundo o jornalista José Mastandrea, a notícia caiu como uma bomba no bunker do Uruguai, ainda em Natal (RN). Ninguém esperava uma sanção tão dura para o jogador que teve que deixar a concentração às pressas. Além disso, o jornalista sugere que os brasileiros ficaram contentes com a expulsão por temer a ameaça do jogador num eventual confronto. “Luis Suárez fue expulsado del Mundial 2014, en donde había demostrado toda su categoría en apenas 180’, en donde enmudeció a los ingleses, acalló a los italianos y preocupó a los brasileños, sí, a los dueños de casa, que con todo a favor, lo querían fuera” (*Ovación*, 27/06/2014, p.4). Ainda de acordo com o texto, Suárez teria chorado e deixado o hotel com o apoio de todo o grupo e que o Uruguai teria agora contra os colombianos “22 leones heridos en la cancha” (*Ovación*, 27/06/2014, p.4). Como um todo, o texto apresenta um tom que mistura revolta com lamentação e está escrito sobre um fundo preto, que também tem um toque simbólico fúnebre.

O “tom” de indignação prossegue na publicação e na página 11 acusam de condenar Suárez como se fosse um criminoso, principalmente os brasileiros, como acusa novamente o jornalista do *El País*. “A Suárez lo declararon culpable y lo condenaron, antes de ver el vídeo: Brasil se lo sacó de arriba” (*Ovación*, 27/06/2014, p.11).

A Luis Suárez lo condenaron los medios, no tengo dudas. Lo declararon culpable mucho antes de ver el vídeo y la incidencia de juego, Brasil se lo sacó de arriba. Y aplauden los ingleses y los italianos. Todos contentos, y la FIFA fiel a su costumbre, se inclina ante los poderosos.

Hubo persecución manifiesta. Ya mucho antes de esa incidencia. Los ingleses no lo perdonan su éxito en el Liverpool ni que los haya liquidado con una pierna menos con dos golazos. Estaban agazapados, como dijo Tabárez, escondidos, esperando un tropezón aguardando cualquier reacción de Suárez para matarlo.

Y así fue. Lo lograron. Y todos aplauden. Uruguay es una piedra en el zapato... (*Ovación*, 27/06/2014, p. 11)

Apesar do tom subjetivo, o texto acima vem acompanhado de fotografia, legenda e boxe, como qualquer reportagem. Meia página abaixo, há ainda uma publicidade anunciando um pôster gratuito, que o jornal lançará no sábado, dia da partida das oitavas de final, em homenagem ao atacante: “Juramento Celeste. Todos somos Suárez!”⁵⁹.

⁵⁹ Apesar do objeto de análise desta pesquisa ser apenas o suplemento esportivo *Ovación*, vale fazer uma menção à capa do jornal *El País* do mesmo dia. Em fundo preto, “LA FIFA DESTERRÓ A SUÁREZ”. “9 PARTIDOS DE SUSPENSIÓN, 4 MESES FUERA DEL FÚTBOL, 41 GOLES COM Uruguay, 261 goles em su carrera, vale 85 millones de euros, 3 millones de hinchas”. A baixo, a informação sobre o assunto entre as páginas 2 e 6 e no *Ovación Mundial*. Agrega também revelar que logo na página A2 do jornal principal, há uma charge do

Como de costume na véspera de cada jogo, o treinador da seleção dá uma entrevista coletiva. Em grande parte da que precedia o encontro com a Colômbia, Oscar Tabárez falou e falou muito sobre a punição que recebeu Suárez. Segundo o técnico, a sanção foi severamente excessiva, ao que acredita, por influência da mídia.

Jamás pensamos lo que nos enterramos cuando nos comunicaron los pormenores del fallo. Una severidade excessiva, en una decisión que evidentemente está mucho más volcada hacia las opiniones de la artillería mediática que explotó inmediatamente terminando el partido – y en esa conferencia de prensa quien estuvo presente sabe de lo que hablo – de periodistas que tomaron esse como único tema. No sé de qué nacionalidade eran, pero todos hablaban en inglés. (*Ovación*, 28/06/2014, p.10)

Oscar Tabárez, que também é professor, e integrou cursos de como membro do Instituto Técnico e de Estratégia da FIFA, anunciou sua renúncia do cargo. Para ele, o atacante foi usado como um “bode expiatório”, destacou a publicação: “No estoy justificando nada y no creo que no se deba sancionar, pero siempre – porque esto es entre seres humanos – hay que darle una oportunidad al que transgrede o se equivoca, y por eso no estoy de acuerdo com la toria del chico expiatório” (*Ovación*, 28/06/2014, p.10).

Na mesma página, ao lado da matéria sobre o técnico da seleção uruguaia, há uma coluna do jornalista Daniel Rosa, que também estava no Brasil cobrindo a Celeste no mundial. Sob o título “Y que FIFA me eche”, o jornalista compartilha do discurso de Tabárez sobre o caso, enaltecendo sua classe e postura.

El discurso de Tabárez no hizo más que reforzar esse sentimento de orgullo que nos produce a los de sangre celeste este proceso de selección. Proceso que, vaya casualidade, inició el próprio maestro hace ocho años. Sí maestro, “la recompensa es el camino” y usted nos guia maravillosamente (*Ovación*, 28/06/2014, p. 10).

O trecho final da coluna de Daniel Rosa reforça a tese de que Tabárez ajudou a construir um novo significado para o futebol uruguaio. Talvez, por essa razão, se explique ou se compreenda a defesa de toda uma nação a Suárez, como se ele tivesse sido, apesar da infração que cometeu, uma vítima do sistema, no caso, da FIFA e de outros interesses midiáticos. Na página 20, a manchete que fala da chegada do jogador a Montevideú, após deixar a concentração uruguaia em Natal (RN), às pressas, endossa o argumento anterior. “Regresó el perseguido por FIFA” (*Ovación*, 28/06/2014, p.20). A matéria descreve a vigília que alguns torcedores fizeram à casa do atacante em La Ciudad de la Costa que acabou sendo correspondida em um breve momento.

jogador na mesma posição de Jesus Cristo pregado na cruz, com o título: “Conmoción Nacional por pena a Suárez”.

Luego de la demostración de cariño de la gente asomó en el balcón junto a sus dos hijos par saludar a los cientos de uruguayos que llegaron hasta la puerta de su casa para brindar su apoyo a Luis Suárez en sus horas más difíciles, después que Fifa lo “desterró” del Mundial de Brasil 2014. (*Ovación*, 28/06/2014, página 20)

Na verdade, a matéria pode ser considerada como uma evidência a mais do apoio dos uruguayos ao jogador, uma forma de demonstrar que ele não estava sozinho. Na continuação, o texto relata o suporte como uma forma de patriotismo e o aceno de Luis a uma ação correspondida por seu povo.

No se sabe como surgió, pero alrededor de las 14:00 horas un joven llegó en un auto, junto la multitud que esperaba por el ídolo y dijo: “juntense todos, ahora vamos a cantar el himno”, y así hicieron. Quizás la demostración de patriotismo o el sabremos cumplir motivaron a Suárez que primero miró por la ventana a la gente que cantaba afuera de su casa, después salió con su hijos Benjamin y Delfina”. (*Ovación*, 28/06/2014, p. 20)

Na última página, o jornalista Luis Eduardo Inzaurrealde também deixou suas palavras em sua coluna sobre a coletiva do técnico sobre a FIFA. Além de ser mais um a elogiar a postura do treinador, ele também deixou a entender que o Uruguai inteiro está mordido pela punição e, além, disse que a seleção perde a metade de sua força sem seu principal jogador.

Ayer, el DT dio una lección. Y brindó a cámara abierta la charla técnica que motivo a 3.000.000 de uruguayos heridos por el atropelo de FIFA. No sé si va a ganhar Uruguay hoy, pero después de lo de ayer creo que – sí en la cancha consiguen controlar esse espíritu de rebeldía -, tienen todo para clasificar, aunque falte medio equipo por la ausencia de Suárez. (*Ovación*, 28/06/2014, p.32)

Curioso que na véspera de um jogo decisivo o assunto quase que dominante seja o jogador Suárez. A capa do dia 28 era uma foto do treinador na coletiva de imprensa e o assunto do jogo aparece apenas na terceira linha: “Tabárez defendió Suárez, renunció a Fifa y hoy Uruguay va por Colombia” (*Ovación*, 28/06/2014, capa).

E o reencontro da Celeste com o Maracanã, 64 anos depois da conquista do Mundial de 1950 não foi nada como os uruguayos esperavam. A derrota por 2 a 0 para a seleção colombiana, era o adeus ao sonho do título. Segundo a crônica do *Ovación* no dia seguinte, a seleção sentiu o “efeito Suárez” e não repetiu o mesmo bom futebol dos jogos anteriores.

Si ya con Suárez era difícil, sin él, mucho más. Eso estaba claro. Había que jugar ante Colombia, ¿Pero como? Con el ánimo por el piso, no por la sanción, sino por la forma, por esse destrato hacia un ser querido, por haberlo echado de la concentración y el Mundial como si fuese un criminal. Todo eso repercutió en el espíritu del grupo. Fue un golpe tan duro que no se pudo superar. Y estuvo a la vista. Porque uruguay sufrió el “efecto Suárez”, no fue el mismo. Este de ayer, el que pisó el mítico Maracaná, no jugó. (...) Uruguay intento descontar, pero no fue el mismo. Le faltaba el alma de Suárez, sus goles, faltaba el compañero, el amigo, y todos lo sintieron. Uruguay, entonces, perdió. Se fue por la puerta grande, todos felices. Ingleses, italianos, brasileños, y colombianos, que ganaron en buena ley. (*Ovación*, 29/06/2014, p.4)

Houve quem tenha aceitado a derrota de forma justa, diplomática e bem esportiva, como o técnico Oscar Tabárez, como mostra o jornal na página 10. “Con orgullo por haber dejado todo” (*Ovación*, 29/06/2014, p.10). Esse parece ser o lema de sua gestão à frente da seleção principal. Este é o significado de que o “caminho é a recompensa”, é deixar tudo, é a entrega, a certeza de que caiu lutando. São novos significados do que é sentir orgulho de ser uruguaio no futebol nos na Era Tabárez. Já na página 11, o meio campista Arévalo Ríos apresenta maior bronca: “Nos querían fuera” (*Ovación*, 29/06/2014, p.11). Embora, todos aceitassem a derrota dentro de campo para um adversário difícil como a Colômbia.

O jornal mostrou a força do apoio ao atacante, reportando que centenas de uruguaios foram assistir ao jogo decisivo em frente à casa de Luis Suárez, em Ciudad de la Costa, aonde uma empresa havia instalado um telão para transmitir o jogo. Crianças, homens e mulheres de caras pintadas, cartazes contra a FIFA e de apoio ao atacante saltinho... Tinha até paraquedista com o nome “Luis” e a bandeira do país amarrada ao paraquedas, como mostra a reportagem da jornalista Silvia Pérez.

Media hora antes de que comenzara el partido, Suárez salió junto a sus hijos, como había hecho el día anterior, a saludar a los hinchas (...)

Pero los hinchas no se conformaron con ver al goleador, y a pesar del intenso frío, se quedaron a ver el partido en pantalla gigante instalada allí por una empresa de televisión, La fila de autos estacionados sobre el lado de la playa ocupaba unas três cuerdas y en la puerta de lo Suárez el tránsito estaba cortado para circular hacia Montevideo.

Familias enteras con sus hijos y hasta sus perros, le hacían el aguante al jugador. (*Ovación*, 29/06/2014, p.21)

A análise narrativa, o requinte descritivo, o tom narrativo sobre a situação ao redor é convidativo ao leitor do *Ovación* a compartilhar aqueles sentimentos como se estivesse também no local presente.

Antes da edição do jornal acabar, na página 23, o jornalista Daniel Rosa menciona uma reportagem publicada no jornal brasileiro Estado de São Paulo, que sugeria que o fato da defesa da AUF em manifestar que a mordida tinha sido causada por um choque acidental teria irritado a FIFA e, por isso, a não admissão e pedido de arrependimento do jogador teria influenciado o tamanho da suspensão. Nesse ponto, diferentemente de outras matérias sobre o assunto, não há um tom subjetivo, não há adjetivos, exacerbações. O texto é menos sentimental e mais informativo, descritivo. Isso nos sugere mais imparcialidade do que nos demais textos publicados em relação ao jogador que, puderam ser constatados aqui em algumas passagens (*Ovación*, 29/06/2014, p.23).

No dia 30 de junho, o jornal mostrou a recepção dos uruguaios na chegada da delegação de futebol no país. “La euforia no aterrizó. Más de 4.000 personas recibieron a la

selección” (*Ovación*, 30/06/2014, p.4). Entre o mar de gente no aeroporto de Carrasco, estava no portão de saída do avião o Presidente da República José Mujica, que sem filtro, não poupou insultos a FIFA, em defesa de Suárez. “Una manga de viejos hijos de puta. Podrían haber sancionado, pero no sanciones fascistas”, disse o mandatário em entrevista realizada ao jornalista Sergio Gorzy para o programa La Hora de Los Deportes, que antes de publicar a fala de Mujica, perguntou se poderia publicar assim mesmo e obteve o consentimento (*Ovación*, 30/06/2014, p.5).

Mas, esta mesma edição também trouxe um balanço sobre a participação da Celeste no Mundial. Na página dez, resumiu cada uma das quatro partidas realizadas no Brasil. A estreia contra a Costa Rica, denominou de “lo inesperado”. Diante dos ingleses, “La historia”, elevando o significado máximo do que foi a volta e atuação do Suárez para a seleção. Contra a Itália, o jornal chamou de “El crecimiento” e, por fim, sobre a partida com os colombianos, “El dolor”. “La selección tuvo luces y sombras. Como equipo, pero también en sus individualidades, y ahí los altibajos que mostró a lo largo del Mundial”, diz José Mastandrea, ainda do Rio de Janeiro (*Ovación*, 30/06/2014, p.6).

Antes, nas páginas seis e sete, o jornal avalia, em poucas linhas, alguns jogadores que atuaram na Copa, como Forlán, por exemplo: “Bajo. No anduvo bien, jugó algo mejor en el debut, pero su ‘ausência’ en los tiros de lejos y en la generación la sintió todo el equipo” (*Ovación*, 30/06/2014, p.6). No caso de Luis Suárez, apesar de ter jogado apenas dois dos quatro jogos, foi considerado “clave”. “Cuando jugó, fue pieza vital, desnivelante. Con él Uruguay es otro, sin él, cambia. Su error, lo terminó pagando caro ‘la Celeste’” (*Ovación*, 30/06/2014, p.7). A estrela da última Copa na África e da atual aparecem em lados opostos na matéria. De Forlán, escolheram uma imagem em que leva a mão no queixo, de cabeça baixa. Do saltinho, a que comemora o gol contra a Inglaterra, feliz. O contraste evidencia a transferência de uma estrela a outra neste intervalo de quatro anos, dois mundiais.

Com a eliminação da Copa do Mundo, o *Ovación* continuou acompanhando os passos de Luis Suárez. Primeiro, em relação à punição da FIFA, já que a federação de futebol do Uruguai (AUF) havia anunciado que iria recorrer da sentença. Para isso, o jogador deu um movimento que poderia lhe favorecer. Enfim, quase uma semana depois do ocorrido, quebrou o silêncio e pediu perdão pela mordida através de sua conta no Twitter: “Me arrepiento profundamente. Pido perdón a Giorgio Chiellini y a toda la familia del fútbol. Me

comprometo publicamente a que nunca volverá a ocurrir um incidente como éste con mi intervención” (*Ovación*, 01/07/2014, p.4)⁶⁰.

A ação também foi considerada positiva para a negociação da transferência do jogador para o Barcelona “Recorre el camino ‘culé’. La disculpa, imprescindible para llegar a ‘Barça’” (*Ovación*, 01/07/2014, p.5)⁶¹.

O clube catalão anunciou a contratação do jogador no dia 11 de julho. Segundo o jornal, o clube catalão teria pago ao Liverpool 132 milhões de euros, se tornando o passe mais caro da história do futebol uruguaio até aquele momento (*Ovación*, 04/07/2014, p.7).

⁶⁰ A Capa do *Ovación* do dia 1 de julho foi uma foto de Luis Suárez com sua filha Delfina no colo e a inscrição: Perdón. Suárez dio el paso para que le reduzcan la sanción: asumió el error.

⁶¹ A Capa do *Ovación* do dia 1 de julho foi uma foto de Luis Suárez com sua filha Delfina no colo e a inscrição: Perdón. Suárez dio el paso para que le reduzcan la sanción: asumió el error.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O herói, para Joseph Campbell (1995), percorre uma trajetória ascendente, em que um *status* de superioridade lhe é conferido (Campbell, 1995). Em que essa descrição se encaixa no caminho de Luis Suárez na seleção uruguaia entre 2010 e 2014? Como visto nas páginas do *Ovación*, suplemento esportivo do jornal *El País*, o de maior tiragem e importância no Uruguai, Suárez vai galgando e assumindo, aos poucos, o papel de líder e ídolo máximo no lugar de Diego Forlán, a quem detinha o *status* de maior estrela do país.

Apesar disso e de sua liderança na África do Sul em 2010, Forlán nunca esteve sozinho, muito a frente dos demais. Com ele, havia outros jogadores que acumulavam uma importância específica para a seleção, enquanto representação do grupo e dentro do grupo. Caso do zagueiro Diego Lugano, por exemplo. Naquele tempo, Suárez é ainda um jovem atacante, artilheiro do campeonato holandês, um dos principais nomes do futebol uruguaio que, não apresenta muitos nomes importantes a nível internacional. Como já mencionado, apenas dois jogadores atuavam no país, mesmo assim, os “estrangeiros” não estavam entre os nomes de destaque do esporte, a não ser Forlán. Sendo assim, era dele o título de maior ídolo, mas não o carregava sozinho. Pois ídolo é o jogador que realiza feitos memoráveis para seu time e, no caso seleção, junto dele marcaram Sebastian Abreu, Lugano, Godin, Suárez e todo o time titular que jogou o Mundial africano.

Mas, ali Suárez cometeu um ato heroico. Apesar de ter recebido esse reconhecimento por seus pares, faltava um título, uma taça, faltava um *status* internacional, faltava, talvez, não haver alguém como Forlán na mesma equipe. Mas, o caminho seguiu. E no futebol, o tempo é cruel, mesmo com os ídolos. A boa fase passa, a idade avança e o futebol recua. É assim para todos, mais cedo ou mais tarde. Suárez foi pelas beiradas, caminhando, tornou-se o melhor jogador de uma competição, esta sim, findada com uma taça. Havia um título, mas não ainda um herói clássico. Falta-lhe a superação maior a adversidade quase intransponível e seu sacrifício em prol de sua comunidade, o que só vem a acontecer na Copa de 2014.

No caso do Suárez, as narrativas sobre ele deram uma dimensão do que pode ser considerado herói para o país. Diferentemente, de outros campeões do passado, como Francescoli e Ruben Sosa, por exemplo, também com títulos da Copa América, mais até do que Suárez. Por tanto, parece, em parte um mistério, um enigma decifrar os motivos pelo qual Suárez conseguiu se manter como grande ídolo e tornar-se um herói, depois dos fracassos em 2012 e 2014, por quê? A única explicação plausível para essa resposta nos é dada através da hipótese da resignificação do herói para o futebol uruguaio. Mesmo considerando que poderá

haver nova re-resignificação num futuro. Após as etapas dessa pesquisa, das leituras de apoio e das edições do *Ovación*, a chave para compreender a questão está na filosofia do trabalho de Oscar Tabárez.

Depois do bicampeonato do mundo, em geral, as campanhas da seleção uruguaia não tiveram uma continuidade – apenas a nível regional – com as conquistas da Copa América (1956, 1959, 1967, 1983, 1987, 1995), e sem a euforia e apoio tão expressivo quanto na atual seleção. Devemos por isso, em parte, fazer algumas contextualizações e ressalvas, claro. Mas, no que tange especificamente à idolatria e não ao grupo? Enzo Francescoli teve muitos altos e baixos quanto à aceitação pública. Em 1983, por exemplo, ele tornou-se ídolo no Uruguai por conta da Copa América, mas era um “fracasso” no futebol argentino. Na década de 1990, vivenciou conflitos na richa entre jogadores que atuavam no futebol local e em clubes estrangeiros, o que abalou a sua imagem anterior, ainda mais pela eliminação dos mundiais de 1994 e 1998.

Novamente a pergunta: e por que não, Suarez? Passa-nos que aquele nível de exigência com a seleção entre os maiores, por conta das conquistas no início do século 20 foram “secando” com os muitos problemas internos de organização, greves, violência, desunião. O cenário de deterioração chegou ao máximo na crítica ao futebol contemporâneo, com as transformações e afetações do mundo econômico no esporte e foi assim que se criou a disputa crítica entre jogadores “locais” e “estrangeiros”, pois questionava-se a identidade, a representatividade destes, tanto de forma individualizada, como de grupo.

Com a seleção de Tabárez, especialmente depois da performance de 2010 e aqui se inclui dentro e fora de campo, a imagem que se deixou foi diferente, respondia os anseios dos questionadores dos anos 1990. Como tentou-se demonstrar nos capítulos dois e três, através da análise da cobertura do jornal, a seleção comandada pelo técnico era constantemente representada como um grupo sério, profissional, organizado, unido e que, por conta desse comportamento, desse tipo de trabalho, o Uruguai chegou a quarta colocação do Mundial, comandada pela filosofia do treinador, de que o trabalho é a maior recompensa, e pelo talento do seu camisa dez, que vivia a melhor fase de sua carreira.

Naquela competição, na África do Sul, viu-se germinar novos valores, ou passou-se a valorizar novos itens que mesmo sem um título proporcionavam a recuperação do orgulho do futebol nacional no país. Talvez, isso tivesse sido interrompido se não houvesse o coroamento dessa filosofia com um título no ano seguinte. Ainda mais um título com um jogo em que novamente Uruguai foi Davi e derrotou Golias, marcando ainda mais o imaginário dos

torcedores uruguaios. E nesta trajetória não foi Forlán o responsável, tampouco Suárez foi o único. Mas, fez os cinco gols, foi vice-artilheiro, e foi decisivo para o campeonato.

Em alta, elevando a representação do país no futebol internacional, através de seus gols pelo campeonato inglês, Suárez se mantinha em evidência em sua terra natal e foi assim, cada vez mais, até devolver de novo ao imaginário dos apaixonados por futebol, a “petulância” de voltar a acreditar em uma nova vitória numa terra que já havia lhes “abençoado” antes. O Mundial do Brasil foi fértil para as narrativas memorialísticas do passado. Agora com um artilheiro, apontado entre os melhores do mundo. Era tudo que os uruguaios queriam para se auto-alimentarem numa prazerosa ilusão. Afinal, o que move a vida são os sonhos e são eles também o melhor tempero para o esporte.

Apesar do sonho, um susto. O ídolo encontra-se ameaçado pelo destino. O joelho, peça importante na engrenagem do corpo humano, precisa ser operado a pouco mais que 20 dias do início da Copa. Impossível, acreditavam. O esforço e o sacrifício de Suárez para jogar o mundial era o esforço e a luta pela defesa do sonho do título. E essa simbiose que caminhou junta até a sua estreia foi insandecida com a vitória heroica sobre os ingleses, seu principal inimigo, pessoal e na competição. Ali, o ídolo se tornou herói, herói de todos os uruguaios. Ali, o salvador da Copa de 2010, o Ídolo da Copa América de 2011, se imortalizou ou se tornou divino em apenas um jogo, que representava muito mais do que uma partida de 90 minutos. O recado, para os uruguaios, era claro. Era a continuidade da “vida”, enquanto todos os davam como mortos. E quem “ressuscitou” o país foi um jogador, recém operado autor dos dois gols de uma vitória dura, mas também épica.

Mas, por que então Suárez não se tornou vilão após a mordida em Chiellini? Sabe-se que a linha entre heróis e vilões pode ser tênue no esporte e volátil como um resultado de futebol. Mas, o Uruguai novamente vestiu sua roupa de minoria, de país pequeno, de Davi. Aceitou-se a imagem de que todos o perseguiam. Então, o jogador tropeçou novamente em seus erros. E então o Uruguai deixou de ser um fantasma para o Brasil, porque o fantasma de Suárez falou mais alto. A FIFA, dessa vez, diante da maior quantidade de jornalistas no mundo, não poderia deixar barato. Mas, o que separa o veneno do remédio é a dose e para os uruguaios ela foi por demais amarga. Mais que isso, foi tida como um ato de provocação, de vingança, de opressão. E defender deu herói era ir contra essa opressão, assim o fizeram. Jogadores, torcedores, imprensa e até mesmo políticos e o presidente da República do Uruguai.

Mas, por quê? Somente uma vontade grande de permanecer-se em evidência, em não retomar o tempo de ostracismo no futebol para defender uma atitude desportiva com

advogados, bravatas e até olhos fechados, pois, além disso, estava em jogo a honra de não abandonar aquele que não os abandonou, Suárez. Aquele que pela seleção disse ter lutado e por ele, o Uruguai, reconhecendo seu esforço, defendeu em troca.

Para poder interpretar algo tão complexo, somente mergulhando no contexto sócio-cultural e até político pelo qual o Uruguai passava no cenário interno e externo com a figura carismática de Mujica. Para interpretar essa ressignificação somente voltando à história do futebol uruguaio, dos valores pelos quais sua identidade foi formada para, assim, tentar imaginar uma resposta a esta questão. Por que Suárez de ídolo se tornou herói, mesmo sem título e, mesmo massacrado pela opinião pública não uruguaia? Para tentar pensar isso, só visualizando que o caminho se torna a maior recompensa para o atual momento no futebol do país vizinho.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia em la América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BAUER, Martim W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, W. Martim; GASKELL, George (Orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BAYCE, Rafael. *El sinuoso proceso de constitución de la identidad nacional y futbolística*. In: Cuaderno de Historia 14 a romper la red. Miradas sobre fútbol, cultura y sociedade. Montevideu: Biblioteca Nacional 2014.

CABO, Alvaro Vicente; HELAL, Ronaldo. Futebol e identidade nacional: imprensa uruguaia e realização do Mundial de 1930. In: MARQUES, José Carlos; GOULART, Jefferson Oliveira (Orgs.). *Futebol, comunicação e cultura*. São Paulo: Editora da Intercom, 2012.

CABO, Alvaro Vicente. *A imprensa e as Copas do Mundo de Futebol no MERCOSUL*. Trabalho apresentado no II Seminário Interno PPGCOM UERJ – Grupo temático: Representações e Sociabilidade em 2008.

_____. Copa do Mundo de 1950: Brasil X Uruguai – uma análise comparada do discurso da imprensa. In: MELO, Victor Andrade (Org.). *História Comparada do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

_____. *Copas do Mundo de Futebol – 1930 (Uruguai) e 1950 (Brasil). O Olhar vitorioso – Uma análise do discurso da imprensa uruguaia*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

_____. O mundial na Argentina: Nacionalismo e imprensa em defesa da pátria. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 38., 2015, Rio de Janeiro. *Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Comunicação e cidade espetáculo. São Paulo: INTERCOM, 2015.

CAIOLI, Luca. *El pistolero*. Montevideo: Planeta, 2014.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo, Cultrix, 1995.

CARRANO, Paulo César Rodrigues (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CARRIL, Juan A. Capelán. *Nueve décadas de gloria*. Montevideu: Estampas SRL Realizaciones, 1990.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

COELHO, Maria C. *A experiência da fama*. Rio de Janeiro: GV, 1999.

COELHO, Maria Cláudia; HELAL, Ronaldo. A indústria cultural e as biografias de estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner. *Cadernos pedagógicos e culturais*. v. 5, n. 2. Niterói: Centro Educacional de Niterói, 1996.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo, Contexto, 2004.

COSTA, Leda Maria. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira*. Tese de doutorado, Instituto de Letras. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2008.

_____. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2010.

FAIRCLOUGH, Normam. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIGUEREDO, Alejandro. *Yo estuve ahí*. Montevideu: Ediciones Santillana, AS, 2010.

FIGUEREDO, Marcello. *Uruguay 200 años Doscientas Preguntas*. Montevideu: Aguilar, 2010.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. *Nações em campo – Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006.

GASTALDO, Édison. Estudos sociais do esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. *Logos 33: Comunicação e Esporte*. v.17, n.2, 2º semestre 2010.

GILIO, Sergio Settani. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. Built by the two Varelas: The rise and fall of football culture and national identity. *Uruguay, Culture, Sport, Society*, v.2, n.3, p.134-154, 1999.

GORZY, Sergio. *Cámara celeste Copa America 2011*. Montevidéo: Ediciones B Uruguay, 2011.

_____. *Cámara celeste*. Montevidéo: Ediciones B Uruguay, 2010.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Montevidéo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HELAL, Ronaldo; SOARES, A.J. *O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002*. Anais Recife COMPÓS, 2003.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Mauricio. Alegria do Povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol. *Pesquisa de Campo*, n. 1. Núcleo de Sociologia do Futebol/Departamento Cultural, Uerj. Rio de Janeiro, 1995.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7. 2003.

_____. Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia. In: ROCHA, Everaldo. *Cultura e imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação. Memórias do Congresso Mundial de Educação Física - AIESEP 1997, Universidade Gama Filho, Rio d, v. 1, p. 507-516, 1998.

_____. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. São Paulo: *Comunicação, Mídia e Consumo*. Ano 8, Volume 8, 2011.

_____. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. *Motus Corporis*. Riode Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

_____. Mídia e Esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2003.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Orgs.). *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: Interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HELAL, RONALDO; MOSTARO, Felipe Fernandes Ribeiro; LISBOA, Fábio Aguiar. Construindo um ídolo: Narrativas sobre Neymar antes da Copa de 2014. *Lúdicamente*, Buenos Aires, v. 5, p. 1-15, 2016.

HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: EPapers, 2003.

HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LISSARDY, Ana Laura. *Ser Luis*. Montevidéo: Ediciones Santillana, 2015.

LISSARDY, Ana Laura. *Vamos que vamos un equipo, un país*. Montevidéo: Aguilar, 2010.

_____. *Vamos que vamos un equipo, un país. Nuevas historias – Nuevas entrevistas*. Edición Mundial 2014. Montevidéo: Aguilar, 2014.

MORALES, Andrés. La identidade rio-platense y el fútbol. Confraternidad y violência em el clássico de Río de la Plata. *Cuaderno de Historia 14 a romper la red. Miradas sobre fútbol, cultura y sociedade*. Montevidéo: Biblioteca Nacional, 2014.

MOSTARO, Felipe Fernandes Ribeiro. O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 11, p. 354, 2014.

MOSTARO, Felipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo. *A imagem como construção de sentidos de uma derrota*. Discursos Fotográficos. *Jornal da Tarde*, 06/07/1982, v. 12, p. 12-37.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *A análise pragmática da narrativa jornalística*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. CDrom INTERCOM 2005. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

OSABA, Julio. *Más allá de la garra. El estilo del fútbol uruguayo a través de El Gráfico y Nilo J. Suburú*. In: *Cuaderno de Historia 8 a romper la red*. Abordajes em torno al fútbol uruguayo. Montevidéo: Biblioteca Nacional, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989.

PRATS, Luis. *La Crónica Celeste*. História de la selección uruguaya de fútbol: triunfos, derrotas, mitos y polémicas (1901-2010). Montevideo: Fin de Siglo, 2010.

PRATS, Luis. *Montevideo – La ciudad del fútbol: Historias de barrios, canchas y estadios*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

RODRIGO ALSINA, M. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SUÁREZ, Luis. *Mi vida*. Autobiografía. Montevideo: Planeta, 2014.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo Volume I*. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

USERA. Horacio Tato López. *El camino es la recompensa*. Conversaciones com Oscar Washington Tabárez. Montevideo: Ediciones Santillana, 2012.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.